

REVISTA
DA SEMANA

N. 11 17-3-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

O ESTRANHO MUNDO DE VELOSO A TRAGÉDIA DE SANTOS



A BELA (entre as feras) DECLARA:



Agora à margem de um dos lagos repousantes da Quinta da Boa Vista. Daqui a meses, outras poses serão feitas, nas margens do Mondego...



Sim, há um namorado e chama-se Francisco. É português e vai sentir saudades quando Maria Helena embarcar, embora só por 2 meses...

EXISTE ALGUÉM... MAS AINDA É CEDO PARA CASAMENTO

ERAM 10 horas. O domingo amanheceu na exuberância de um sol quente e luminoso. A Quinta da Boa Vista enchia-se de visitantes. Gente trajando roupas de cores vivas e esportivas; gente de sacolas carregando farnéis, espalhando-se ao longo dos declives verdejantes que circundam o lago. Os barcos passam ponte a baixo e o pipoqueiro pára a cada instante a sua carrocinha.

RAINHA COM REINADO, CORTEJADA, MAS A COROA SÓ NO SÁBADO
DE ALELUIA ★ CANTA NAS HORAS VAGAS PARA DISTRAIR OS VIZINHOS
★ 23 MINUTOS A FRENTE DO JÚRI ★ A VASCAINA TORCIA PELO E.C.
DO PORTO ★ GOSTOS E PREDILEÇÕES DE QUEM SABE APRECIAR O BELO

Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA — Fotos de SÉRGIO ANDRADE

A BELA (entre as feras) DECLARA:

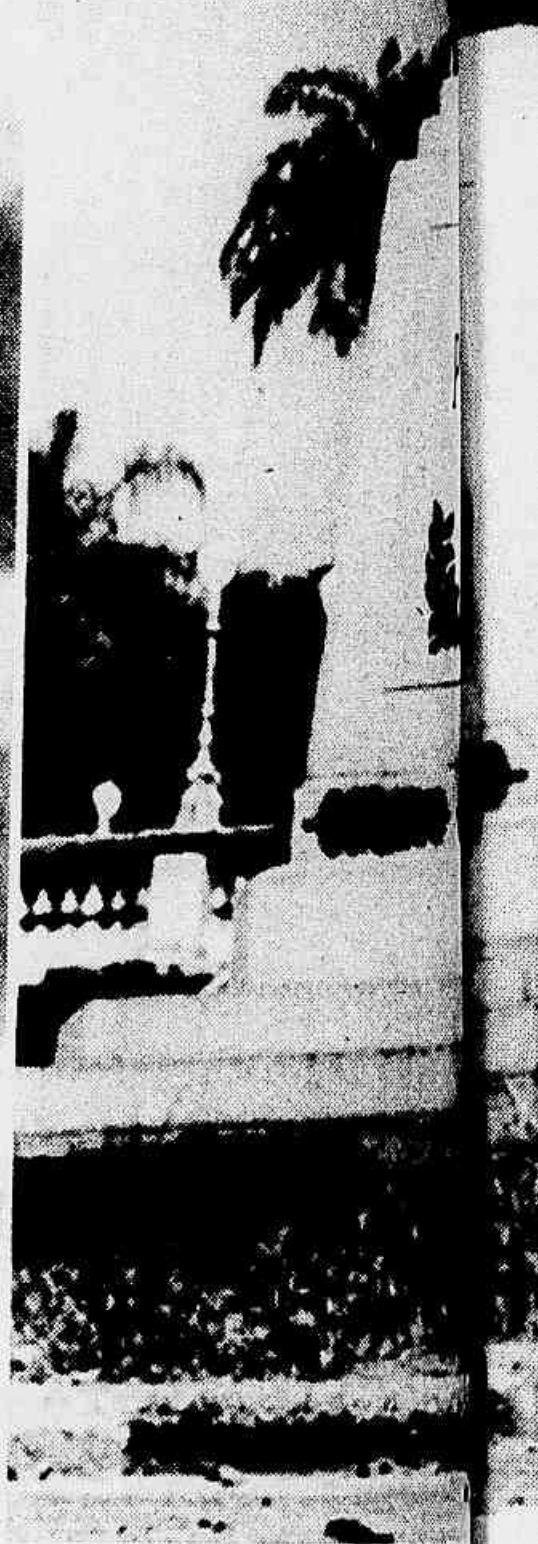
— Um saco das de mel — pediu a garôta de vestido estampado.

Era Maria Helena. Chegara um pouco antes da hora marcada e dispunha-se a sentar num dos bancos à margem da alameda, frente ao Museu, quando foi surpreendida com a nossa presença:

— Pontualidade inglesa, hein? — disse num sorriso brejeiro que mais salientava as covinhas da face. E, ainda em sorrisos, convidou-nos a percorrer os jardins, o zoo e o parque de diversões à cata de um lugar ideal para as fotogra-

fias. Depois, à sombra de uma árvore, sentou-se para descansar os pés do salto alto e aproveitar uma conversa, bem à carioca, mas carregada daquele sotaque gostoso de garôta lusitana.

— Sabe? — principiou. — Nunca me passou pela cabeça de ser um dia rainha. Quando aqui cheguei, há três anos, precisamente no dia 15 de maio, vi concretizar um antigo sonho — conhecer o Brasil de que tanto ouvira falar. Minha avó era brasileira. Aqui se casou, com português. Foi para Portugal e do seu país nada mais viu a não ser o grande interesse de sua



A Rainha e o Imperador. Poderia ser título de filme. É apenas a legenda natural de uma foto batida na Quinta da Boa Vista e posada, sem querer, pelo filho de Pedro 1º (e 4º em Portugal).

Flores brasileiras, tropicais, bem cariocas, da antiga Quinta do Imperador. Flores cujo perfume a Rainha aspira — e saudosa do perfume das flores da sua querida terra.



neta pelas coisas, as saudades infinitas, que ela recordava nas noites frígidas, ao pé da lareira. E quando meu pai resolveu embarcar, ainda que sozinho, senti que todas aquelas ruas, aqueles lugares, aquela gente de quem minha avó contava, eu também conheceria um dia. O barco chegou... e só então compreendi o porquê de tantas saudades...

Queríamos saber da sua infância, e Maria Helena prontamente rememorou:

— Sou de Pedras Salgadas, em Trás dos Montes. Muito criança fui para o Porto. Lá estudei, passei dias encantadores da minha meninice e foi no Porto que aprendi a ser gente. Cursava o Colégio Oliveira Martins, onde completei meus estudos superiores até a minha formatura, em vésperas de embarcar para o Brasil. Aqui, dois meses após, comecei a trabalhar num banco, no qual me encontro até hoje — no Comercial de Minas Gerais, secção de administração de bens. E aí está a história de uma rainha que, por não ter sangue azul, não tem história...

O fotógrafo andava em roda, alucinado com a expressão singela, os olhos tristes e o sorriso branco de Maria Helena. Os «flashes» espoucavam, lançando clarões alvos que mais empalideciam a sua tez morena. E a Rainha prosseguiu:

— No Porto aprendi a cantar. Preferia o cântico da Igreja, mas os fados da Amália, nas horas vagas, variavam o repertório. É num misto de sacro e popular, pelo que dizem, exteriorizo os meus sentimentos. Depende do dia e da hora. No Rio, conheci um novo ritmo: o samba; e no carnaval, aquele «Vai, Vai Amor» foi qualquer coisa de estonteante...

A candidata vitoriosa do Orfeão Portugal e que será coroada durante o baile em sua homenagem a realizar-se nos salões do Clube Ginástico, levou a conversa para o terreno da literatura e das artes, o seu preferido:

— Durante 23 minutos fiquei ao sabor do júri quando do concurso, respondendo às perguntas que me eram feitas. Felizmente versaram sobre um dos temas que mais aprecio: a literatura. Dos escritores e poetas meus patrícios, quise-ram saber os prediletos. Lembrei o Eça (O Pri-



UMA VISITA AOS BICHOS DO ZOO E AO MUSEU. MAS O PENSAMENTO ANDA LONGE... TALVEZ NO PORTO... TALVEZ NAS PEDRAS SALGADAS...



— «Ser rainha é bom, mas até no serviço me aparecem repórteres, a quem jamais pensei interessar...»

mo Bazílio); Guerra Junqueiro e Florbela Espanca, na poesia; e quando falaram em pintura, José Malhoa. Quanto aos brasileiros, citei Castro Alves, J.G. de Araújo Jorge e Bilac. Donde se conclui que não tenho preferências por estilos. Aprecio o belo, seja qual for e de que forma.

Pedimos que fôsse mais detalhada sobre o modernismo:

— Pois não! Duma forma mais compreensível, ainda que desagrade a muitos, não sou a favor da pintura moderna. Os clássicos são os melhores retratistas da natureza... e a natureza é

das coisas mais belas do mundo. Por que torná-la ininteligível?

Citamos a arquitetura...

— Também não sou muito a favor.

— Os arranha-céus...

— Ofuscam os raios do sol. Enfeiam uma cidade. São verdadeiros monstros de pedra.

Falamos de cinema, e ela:

— No Brasil, sou fã de Anselmo Duarte e Tônia Carrero; na Itália — o melhor do mundo na minha opinião — dou preferência a Vittorio de Sica e Silvana Mangano. Em Portugal, no tea-

A BELA (entre as feras)

tro, aponto Alves da Cunha e Alves da Costa e, aqui, adoro Eva Todor e as peças famosas de Joraci Camargo. Aliás, lembro-me bem das primeiras apresentações de Eva Todor, em Portugal — «Maria Fumaça» e «O Bico da Catinha». Tinha eu nessa época mais ou menos dez anos e desde então nunca mais a esqueci.

Maria Helena (dezenove anos) disse que não gosta de dançar, ir muito ao cinema, torcedora do Vasco e do E.C. do Porto e, no mais, a impressiona o Corcovado e o espírito vel dos cariocas.

Concordamos, aproveitando o ensejo para riscar:

— E de amor!

Maria Helena enrubeceu. Levou o indicador ao supercílio num gesto pensativo, revelou por fim:

— Na verdade existe alguém... Mas é muito cedo para pensar em casamento...

E do Francisco não soubemos mais nada. Nossa última pergunta:

— Qual a primeira coisa extra-programa que pretende fazer ao chegar a Portugal?

— Irei correndo matar saudades do meu antigo colégio. Desfilarei por aqueles mesmos corredores que me viram crescer. Abraçarei a todos, a d. Laura, ex-professora de história e português e, ainda de braços abertos, na ansiedade de tudo pegar, gritarei de plenos pulmões a alegria de voltar a ver o meu país natal. E também, sem falta, irei rezar na Igreja de Nossa Senhora do Têrço o meu agradecimento pela vitória alcançada, num obrigado, muito obrigado do fundo do coração.

O relógio da torre, no Campo de São Cristóvão, batia as doze badaladas. Os olhos de Maria Helena estavam mais tristes ainda... A Rainha chorava de alegria.



E agora é aguardar a coroação, o baile, depois a viagem, acompanhada de mamãe. Dois meses para rever a longínqua pátria e levar a mensagem amiga da boníssima Mulher Brasileira.

Ano 56 — Nº 11 — Rio de Janeiro — 17-3-1956

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira
ASSISTENTE..... José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Fernando Lôbo, Hynenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Existe Alguém, Mas	2/6
O Estranho Mundo de Veloso	8/10
O Brasil Precisa de Psicotécnicos	16/17
A Federação do Caribe	18/19
Campo-Santo de Cachorros	22/24
A Segunda Mais Bela do Mundo	32/33
Falso Mordomo a Serviço do Casal 20	42/45
Onze Dias de Plantão	48/50
O Epílogo da Rebelião	50/51
A Tragédia de Santos	55/57

SEÇÕES

Champanhota	11
Semana em Revista	12/13
Puxe pelo Cérebro	14
Literatura	15
Por Esse Mundo de Deus	20/21
Pelas Esquinas da Noite	25
Semana Astrológica	28
Flash do Brasil	29
TV na Revista	30
Figura em Foco (Maria Helena)	31
Femininas	34/35
Palavras Cruzadas	36
Flash Paulista	37
Artes	52
Música	53
Revista há 50 Anos	54
Último Flash	58

HUMORISMO

Fortuna	62/63
---------	-------

LITERATURA

Cazuzas do Brasil (José Lins do Rêgo)	7
O Truque	59
Uma Intervenção (Matilde Serão)	60/61

VARIEDADES

A Fúria dos Justos	26/27
Elizabeth da Áustria	38/39
Rússia Soviética: Inferno ou Paraíso?	40/41

CAPA

ANA MIRIAM ZABANEH (Miss El Salvador)
(Foto de Sérgio Andrade)

Este número consta de 64 páginas.

CAZUZAS DO BRASIL



C

AZUZA, o nome é uma ternura, a doçura da língua que quer ser somente um afago. E o homem foi somente episódio doloroso de uma aventura na selva. Os homens que roubaram as asas dos passaros pisaram na terra úmida para fixar uma atitude de românticos que não puderam dominar os fatos. A realidade maciça como um bloco de pedra era maior do que as suas combinações de rebelados. Voaram até aos confins da terra brasileira e lá se plantaram para conquistar o que não era possível. Pobres galos de campina na mata espessa, à beira de um rio que devora. A nação passou a girar em torno de um «raid» de rapazes de pundonor à flor da pele. E tudo passaria como um vento a rumorejar na copa das árvores equatoriais, se não fôsse Cazuzza, o rapaz que era da sua terra, de seus pais, de sua vida modesta de Santarém. E o sangue derramado no verde da mataria deu grandeza ao episódio que foi mais um gesto de desespero pelo insucesso. Cazuzza atravessado de balas criou na solidão amazônica uma história que não era a sua.

Os rapazes queriam mostrar que não concordavam, e Cazuzza morreu para a edificação e vergonha dos homens de seu tempo. Nós que nada temos com os fatos, muito temos com o rapaz Cazuzza. Temos com a vida perdida em vão, com o pobre rapaz estendido na relva, como anta sacrificada por uma rajada de metralhadora. Estendido no chão, teria ele olhado como aquele herói de Tolstoi, e visto o céu azul, os passaros voan-

do, sentido o silêncio do mundo que ia morrendo para ele. E porque morria o rapaz Cazuzza? Morria por alguma definição de vida? Morreria por uma causa de grandeza humana? Morreria pela idéia de salvação do homem? Não, Cazuzza morria pela arrogância de uma atitude, para dizer que não fugia do campo de honra. O seu sangue inocente embebeu a terra infeliz.

Os jovens que eram os seus amigos não teriam forças para dominar os acontecimentos. Cazuzza caiu, igual ao país inteiro, na mata amazônica. E todos nós, brasileiros, devemos nos cobrir de vergonha. Porque ainda há brasileiros que outros brasileiros matam, porque ainda há sangue de irmãos vertido na desgraçada luta pelo que não é o essencial de nossa vida. Cazuzza, amigo de outros Cazuzas do Brasil: você perdeu o patrimônio que Deus lhe deu, e não construiu nada. Nada, meu caro Cazuzza, nada, somente nada. Quando um Cazuzza caiu fuzilado, quando um Roma caiu fuzilado, quando o rapaz Peregrino, quase menino, caiu fuzilado, todos eram Cazuzas que marriam pela liberdade do Brasil. É preciso que outros Cazuzas não se matem em vão. O Brasil precisa de seus Cazuzas, para salvá-lo de perigos tremendos.

JOSÉ LINS DO RÊGO



O ESTRANHO MUNDO

A RAZÃO DO NOME ★ A TERRA E SEUS HABITANTES ★ UM PONTO DE APOIO NO MEIO DE ÁRVORES FRONDOSAS E ÁGUA DOCE

De VALDO TÔRRES

JACARE-AGANGA é uma base avançada da FAB, cuja construção, iniciada pela Fundação Brasil-Central, foi continuada e estava sendo concluída pelo Ministério da Aeronáutica, sob a orientação do major Haroldo Veloso.

Essa base facilita a ligação aérea Rio-Manaus, pelo interior, encurtando de quatro horas o percurso Rio-Miami. Serve também para prestar auxílio de várias ordens aos aeronautas em vôo pela região, com o moderno aparelhamento de que é dotada. A pista, que era de 1 200, foi alargada para 1 600 metros, de forma a permitir a descida de aviões de grande porte, tanto militares como civis.

Era pensamento do governo abrir o aeroporto ao tráfego das companhias comerciais, depois de concluídas todas as obras, entre as quais uma série de prédios para diversos fins.

Em Jacaré-Acanga trabalham turmas de operários, abrigados em residências de emergência, de madeira ou pau-apique, cobertas de palha. Quando lá estivemos, apenas as dos sargentos da FAB eram teladas. Além dessas casas, havia também a em que funcionava a escola para os filhos dos trabalhadores, galpões de carpintaria, ferraria, rádio-telegrafia, etc., a cozinha da base e um botiquim, propriedade de um português — seu Antoninho — que fornecia gêneros, fazendas e outras mercadorias não só aos residentes locais, como aos párias das redondezas — em geral, seringueiros. Para que se avaliem os preços, basta dizer somente que uma caixa de fósforos custava um cruzeiro, e o leite «Ninho», que no Rio se pagava a vinte e cinco cruzeiros a lata (naquele tempo), na venda de seu Antoninho ninguém o levava por menos de sessenta cruzeiros. Imaginem hoje!

Talvez não passasse de três dezenas o número dessas habitações e instalações rudimentares de Jacaré-Acanga, quando há pouco tempo lá estivemos.



BRASILEIROS ORIGINÁRIOS dos munducurus, outrora ferozes, hoje, andam sempre vestidos. De pés descalços, fazem pequena lavoura, caçam, pescam e tiram látex das seringueiras.



TRES CABEÇAS de mulheres de Jacaré-Acanga. São originárias dos mundurucus, hoje civilizados. A da esquerda concede um esboço de sorriso, a do centro, decerto sem querer, imita a graça estranha de Greta Garbo, e a da direita já apresenta um vestido rendado. O "permanente" não é feito nos cabelos. É uma tatuagem no rosto que jamais se apaga.

O local tomou o nome de Jacaré-Acanga, dado pelos indígenas da região — os mundurucus — em consequência de um braço de terra que avança para o Tapajós, delineando o perfil de uma cabeça de jacaré.

É preciso que se diga que «acanga» significa «cabeça». Daí «jacaré-acanga», ou «cabeça de jacaré». Na fotografia que tomamos, e que vai publicada nesta revista, vê-se nitidamente a cabeça do saurio, sendo que o olho do medonho bicho é formado por uma grande árvore.

Em certa época do ano (meados), com o abaixamento das águas, uma legião de mosquitos invade a região, atacando impiedosamente pessoas e animais. De nada valeram os «repelentes» (substâncias contra os insetos) que se passa nos braços, mãos e rosto para afugentá-los. Só à custa de suco de limão, que produzia uma dor terrível quando o usávamos, nos era possível livrar-nos dos infernais mosquitos, e isso apenas por algum tempo. Até mesmo os moradores locais, que têm a epiderme curtida de tanta picada de inseto, não podiam suportar o flagelo, obrigando as mulheres a usar calças de homem, que lhes desciam aos tornozelos. Passado, porém, o período de abaixamento das águas, Jacaré-Acanga é um verdadeiro paraíso.

Pondo de lado os trabalhadores contratados pela FAB, para a construção de campos de pouso, prédios e estradas de rodagem, de Santarém para baixo, a região é habitada quase que exclusivamente por seringueiros.

VISTA DA velha cidade de Santarém, uma das maiores e tradicionais do vale amazônico. Foi um dos pontos do Brasil para onde se dirigiram norte-americanos derrotados na Guerra da Secessão. Ainda recentemente, a repórter inglesa Elizabeth Keen encontrou ali o velho David Bowman Riker, remanescente da extinta colônia. Riker nascera em Charleston, Carolina do Sul. Veio para Santarém muito criança, com os pais. Depois, casou-se com uma brasileira, teve oito filhos e se sentiu tão feliz que, em 1900, ao visitar Charleston, não gostou do barulho e regressou à paz de Santarém. Na foto, o casarão da esquina relembra a prosperidade antiga.

DE VELOSO



O NOME JACARÉ-ACANGA tem sua origem no braço de terra que avança sobre o rio Tapajós, que tem a forma de uma cabeça de jacaré. ACANGA quer dizer "cabeça".



O ESTRANHO MUNDO DE VELOSO



OUTRORA ERA a nudez inocente e feliz. Hoje as mulheres de Jacaré-Acanga se vestem, e até demais. As calças descem aos tornozelos. Dizem que é para evitar as mordidas dos mosquitos.

E antes como se haviam com elas os munducurus? Mas o pe continua rebelde às aperturas da civilização. Estas aguardam no aeroporto o chamado: "Passageiros, ocupem seus lugares..."

S
das
dele
estã
dige
pod
pou
fedo
esc
res
Pat
tôd
per
da
Tô
dê
e o
Cor

C
Ter
per
lug
Um
tal
lac
tor
da
qu
en
Os
da
Sa

So

O governador Balbino gosta de ar refrigerado — A incúria destrói as coisas antigas da Bahia

PETER

SALDANDO UMA DÍVIDA DE BELEZA E BOA VONTADE, escrevemos (por um imperativo que vem de dentro para fora) sobre a Boa Terra duas crônicas, das quais esta é última. E o fizemos na intenção de defender as obras de arte de valor histórico que estão sendo destruídas na Bahia. A bem da verdade, diga-se que o patrimônio histórico nacional faz o que pode, mas, por absoluta falta de dinheiro, pode muito pouco. Os senhores Rodrigo de Melo Franco, no plano federal, e Godofredo Filho, na Bahia, se matam, se escabelam, falam com todo mundo da necessidade de respeitar as obras antigas, mas não há jeito! O Patrimônio não tem o dinheiro bastante para tombar todas as casas. Então, tomba as principais de cada período. Ora, uma só casa não pode manter o «clima» da época. É preciso preservar conjuntos arquitetônicos. Todas as pessoas com quem falei elogiaram a obra destes homens, mas os obstáculos são intransponíveis e os ambiciosos e ignorantes prosseguem na destruição. Contarei fatos.

Quando deixei Salvador, soube que no Largo do Terreiro, belíssimo conjunto arquitetônico de um mesmo período, estão demolindo duas casas, e que, nos seus lugares será levantado um prédio de doze andares! Uma outra maneira de burlar o patrimônio é «acidentalmente» atear fogo no prédio «tombado». Por outro lado, os grandes prédios da Cidade Baixa, além de tomarem lugar de casas que deveriam ter sido mantidas, estão fazendo desaparecer o verde da vegetação que separa a Baixa da Alta. Dentro em pouco, quem entrar no porto, verá do navio uma só grande cidade. Os grandes prédios tocaram as bases dos arranha-céus da Cidade Alta. Então, a entrada tão característica de Salvador — o seu cartão de visita — terá desaparecido.

Não se pense que sou contrário ao progresso de Salvador. Seria tolice. Evidentemente, não se pode

esperar que a cidade continue a estender-se no plano horizontal. Os prédios têm e devem vir. Mas, com tanto espaço, com tanta costa completamente livre, não seria possível encontrar um local que não fosse exatamente em cima de uma casa de trezentos anos e séculos de história? Resumindo: conversando com os homens que amam a Bahia, no que ela tem de típico e de histórico, donos de um verdadeiro sentido de progresso, eles todos acham urgente a construção de um museu para a Bahia. Por incrível que pareça, ela não o tem. Existe o Histórico e o de Móveis, ambos muitos bons mas que deviam ser seções de um que abrangesse todos os setores. Há um local excelente para ele — o Forte de S. Pedro, central, construção antiquíssima e servindo, atualmente, de moradia para oficiais do Exército.

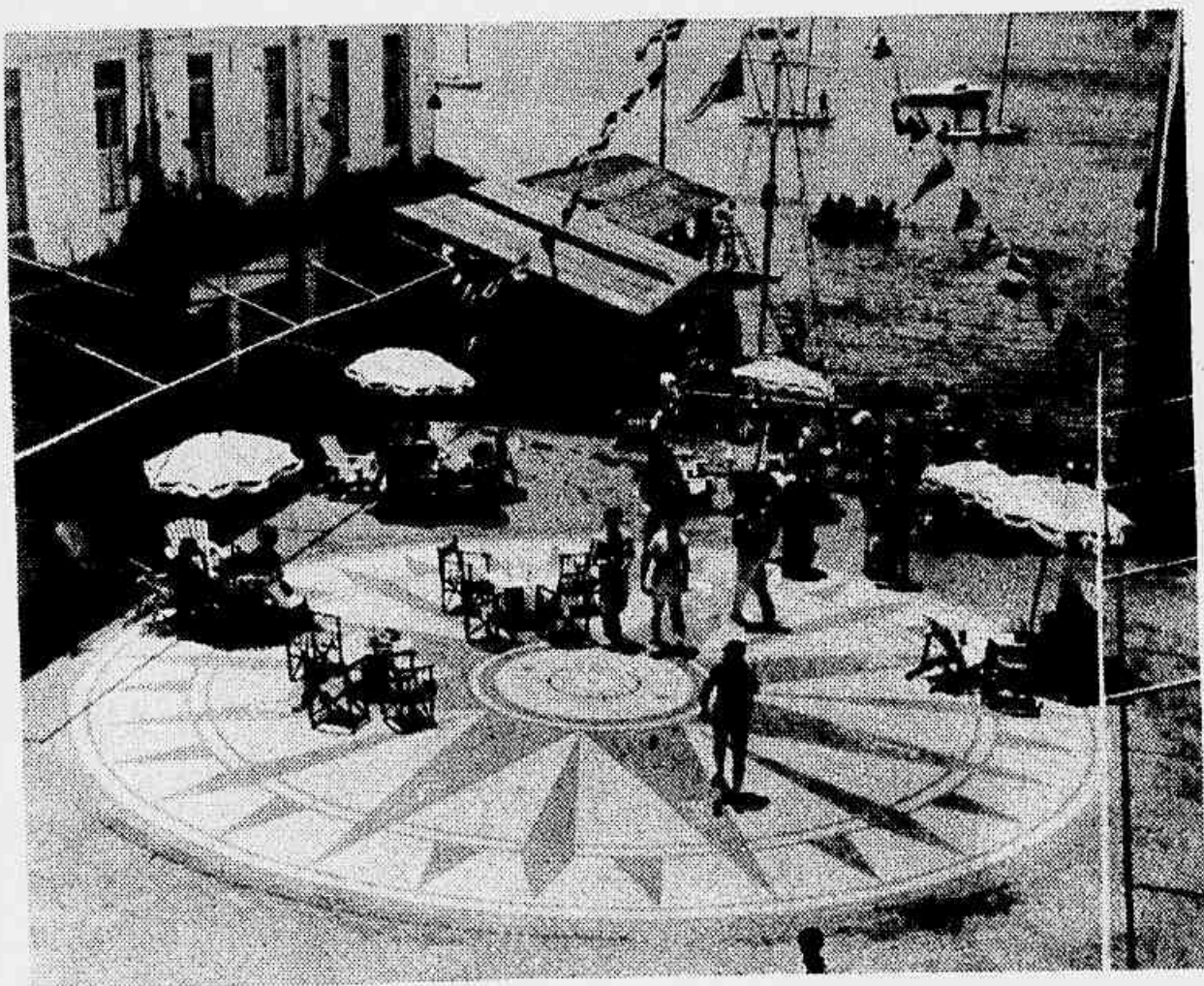
Uma segunda providência é também urgente: a criação de um Museu Sacro. As Igrejas do Recôncavo (ricas e grandiosas) estão em péssimas condições, com suas imagens e seus altares expostos ao tempo. Já que não é possível (uma vez que as igrejas são numerosíssimas e as paróquias pequenas e pobres) conservá-las, não seria o caso de se salvarem as estátuas e altares, colocando-os num museu? O Palácio Episcopal serviria esplendidamente para este fim. Não se pode chamar de museu ao local, na Catedral, onde estão colocados as peças da Igreja da Sé e de outros templos. Não há ordem, classificação ou mesmo limpeza. Peças de grande valor estão misturadas com peças de mau gosto. Tudo amontoado, sem classificação, separação, condições básicas exigidas para conservação.

E, não é só à Igreja que lanco o meu apelo. Urge também que o Exército mande construir uma residência para o coronel que mora no histórico Forte de Mont Serrat. Não se pode alegar necessidade estratégica, quando Varnhagen conta na sua história que o draco

forte caiu em poder dos holandeses». O Exército poderia também — e temos certeza de que o faria com satisfação — promover a remoção para casas de verdade, onde os oficiais ficariam inclusive mais bem acomodados do que os atuais moradores do Forte de São Pedro. Os meus leitores devem estranhar de estar falando com tanto cuidado das coisas baianas. Defendemo-nos propondo que o leitor vá à Bahia. Ficará imediatamente tomado de amor das belezas da praia, do encanto musical e coreográfico das capoeiras, do ar de História que se respira em suas ruas. Então, ficará triste com a destruição que cerca estas coisas. E faria o mesmo que estamos fazendo. Faria mais talvez. Principalmente se soubesse que estas belezas estão emigrando.

Um americano que tem um altar da Igreja da Sé montado em seu apartamento novaiorquino. Outros exemplos brasileiros: o museu da Dinamarca tem mais de duas mil peças dos índios Carajás, ao passo que o nosso maltratado museu Goeldi tem pouco mais de cem... E a tribo está desaparecendo, enquanto fazem em São Paulo «autênticas» bonecas carajás. A Lagoa Santa deu formidáveis fósseis que foram exportados. Ao Brasil, coube apenas um crânio. Dentro em pouco, quem quiser ver as coisas antigas, belas e artísticas do Brasil, terá de viajar. Por causa disto tudo é que protesto. E protestarei sempre contra a destruição da Bahia.

Mas, todos os passos iniciais e definitivos para a salvação deveriam ser dados pelo governador Antonio Balbino. Infelizmente, ele não aparece tocado do mesmo entusiasmo. Vive mais no Rio do que na sua terra. Esqueceu a Bahia, envolvido em política. Vive na Capital. Quase que diariamente pode ser visto no Rio, almoçando num elegante e refrigerado restaurante carioca. O erro todo começa aí. Tudo vai mal, quando os governantes esquecem as terras que governam.



O Yatch Club da Bahia é um dos principais centros sociais da sociedade baiana. Lá reúnem-se aos domingos para pescaria, banho e almoço. Na lagoa de Abaeté, (à direita) pretas baianas e turistas marcam o compasso da música que tem muito de africana

A SEMANA EM REVISTA

A SEMANINHA

— Anuncia-se a instalação de uma filial da Cooperativa de Cotia, em Belo Horizonte.

Sim, porque a matriz é na Praça da República (Jardim Santana), onde as cotias passeiam alegremente...

— Na Argentina o governo manda economizar futebol.

Aqui nos mandam economizar o cinto... apertem os ditos, portanto!

— De Madrid nos dizem que o prêmio literário "Antônio de Alarcón" foi atribuído a Francisco Ferrari, pelo seu romance "La sombra detras del corazón"...

...E o prêmio "Abreugrafia" foi atribuído a um conhecido médico patricio pelo seu "La sombra detras del pulmon"!

— A cidade de Santos foi assolada por violento temporal que fez desabar um morro, causando dezenas de mortos.

Não há regra sem exceção: nem todos os "santos" ajudam!

— O governo mineiro vai suprimir todos os gastos supérfluos para aplicar verbas maiores no reaparelhamento da lavoura, na irrigação, na construção de silos e armazéns, na assistência técnica às atividades rurais. (dos jornais).

Sim senhor, até que enfim,
Vai melhorar a lavoura!
Vamos ter um pé de alpim
Pelo preço da cenoura;
Vai-se comprar o tomate:
Dois quilos por um tostão (?)
E vamos ter abacate
Bem de rasto, pelo chão!
E o feijão de Uberaba
De graça... (que dizes tu?...)
O gilo, a beterraba,
Com preços bons... p'ra "xuxu"!

Lendo isso nos jornais,
Faço um apêlo daqui:
Não se enganem, maiores,
Não plantam... "abacaxi"...

— O Departamento de Publicidade de "O Globo" vai lançar nos próximos dias a edição brasileira de "COMO VENDER RATOEIRAS".

Achamos boa a ideia. Mas por mais ratoeiras que consigamos vender, jamais acabaremos com os "ratos" que por aí andam. Eles são tantos...

— A estudante Autherine Lucy foi expulsa da Universidade de Alabama.

Sempre acontece a quem "anda nas nuvens". Mas esta não teve culpa de ser feita... "noir", não.

— O Fundo Monetário Internacional concordou com uma decisão do Paraguai em desvalorizar o "Guarani".

Nós, brasileiros, iremos protestar. Não consentiremos que Carlos Gomes seja... destituído do seu valor!

SANTOS ALVES

NACIONAIS



É Amigo do Mar

O poeta Augusto Frederico Schmidt, em artigo dedicado à jovem poetisa (9 anos) Eduarda Duvivier, que o chamara «amigo do mar»: «A única coisa que sou, neste mundo de políticos e de jornalistas violentos, é realmente amigo do mar».

O deputado Loureiro Júnior foi acusado, por Jânio Quadros, de estar devendo imensas quantias ao Banco do Estado, quantias que de modo algum poderia ter levantado. Respondeu à acusação com uma saraivada de insultos. Resposta de Jânio: «Insultos não regularizam contas nem pagam dívidas...»

Ainda sobre Jânio Quadros: o governador paulista mandou que as bandas de música, todos os domingos, executassem, em praças públicas, ou sobre caminhões mesmo, seu repertório musical para o povo. Era um velho hábito bandeirante, que desapareceu há alguns anos.

Uma casa foi assaltada, em outubro, em Lins Vasconcelos. Agora, o próprio promotor pediu o arquivamento do processo respectivo, de vez que nele não havia elementos que pudessem le-

var à elucidação do fato. E datou dessa maneira o seu pedido: «Paraíso dos Ladrões, aliás, Conselho Federal, 25 de fevereiro de 1956».

O América quase que, no último instante, deixou escapar sua dura vitória sobre um Botafogo disposto a tudo. Mas o jogo terminou mesmo 2 a 1. Para desespero do Fluminense.

O grande escândalo, nesse país de escândalos, é o furto de quase uma tonelada de ouro das Minas de Morro Velho, furto que já dura cerca de dezesseis anos. Dois ingleses e inúmeros operários fazem parte (ou faziam) da quadrilha, que terminou por ser desmascarada por um de seus próprios membros, descontente com a parte de lucro que auferia. DO OUTRO lado, daquele que já dura muito mais de cinquenta anos, não é bom falar...

Estêve no Brasil e já voltou a Lisboa, o almirante Gago Coutinho, atualmente com 87 anos. Gago Coutinho entrega-se presentemente aos labores de escrever um livro sobre a descoberta do Brasil.



Companheiro de Cabral

GONDIM NETTO X BEVLACQUA

O catedrático de Direito Civil da Universidade do Brasil (que o é também da Universidade de Recife, e da Faculdade de Niterói, sempre por concurso), é o professor Gondim Netto, cujas atitudes mais de uma vez têm chocado não só seus alunos, como também todos aqueles que deles chegam a tomar conhecimento. Agora, por exemplo, na aula de sapiência da Faculdade de Direito de Niterói, Gondim Netto irritou os assistentes ao dissertar, com minúcias, sobre «A Burrice de Clóvis Bevilacqua», autor do Código Civil Brasileiro pelo qual o turbulento pernambucano sentiu especial antipatia. Em suas aulas de Direito, logo no segundo ano, depois de sapear sua já célebre frase («Só três pessoas conhecem Direito Civil: Savigny, meu pai, e uma terceira, cujo nome a modéstia me impede de declinar...»), Gondim Netto acrescenta, para os embaixados alunos:

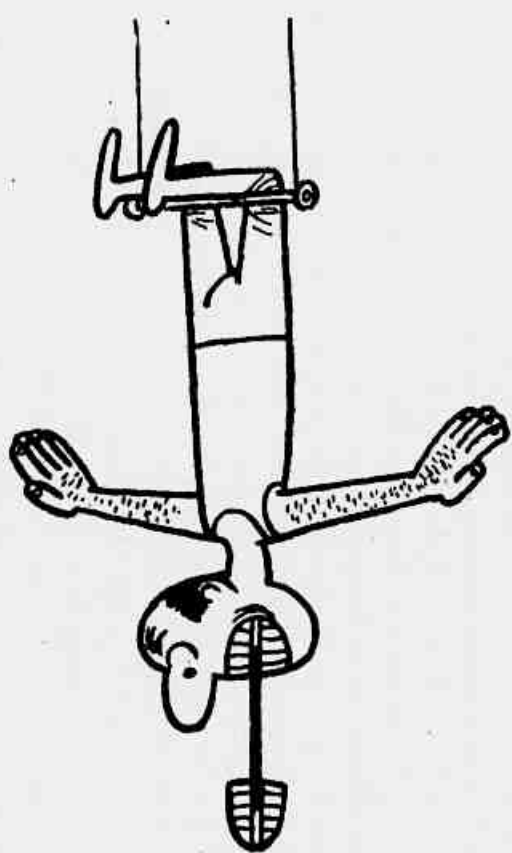
— Qualquer um de vocês sabe mais direito do que Clóvis Bevilacqua.

Tendo sido seu pai, o jurista Gondim Filho, escolhido patrono da turma de 1954 da Faculdade Nacional, e como o orador da turma demorasse a declinar-lhe o nome no transcorrer de sua oração, Gondim Netto, que sentado à mesa, dava mostras flagrantes de impaciência, lá pelas tantas não mais agüentou o «insulto», e retirou-se espalhafatosamente.

Quando, em 1951, se realizou o concurso de provimento da cátedra de Direito Constitucional da Faculdade Nacional, Gondim Netto, que fazia parte da banca examinadora, assim explicou a razão pela qual votava no candidato interino, e não no medalhão de fora, que concorria à cátedra precedido de grande fama:

— Burro por burro, viva o aqui de casa...

E' assim o professor Gondim Netto, competente, querido pelos alunos, mas irreverente e inconveniente como o diabo...



STIS (DER STERN)

A HISTÓRIA DO JIPE

Na semana de carnaval, o jipe de um conhecido nosso desapareceu sem deixar vestígios. Foi apresentada a respectiva queixa à Polícia, que deu, ao caso, a resolução de todos os que lhe vão parar às mãos, isto é, arquivou-o. Nosso amigo, já então desesperado — o jipe era novo, e menos de duzentos contos certamente não valeria —, botou anúncio nos jornais, acendeu vela para santo, e fez pessoalmente entrega, a todos os conhecidos, de uma papeleta mimeografada, onde era feita a descrição do carro, relatado o desaparecimento, e prometida certa importância para quem o encontrasse. Uma dessas papeletas foi ter às mãos de um ascensorista que trabalhava no mesmo prédio em que o nosso a essa altura ainda mais aflito amigo exerce sua profissão de advogado. O ascensorista o procurou, e propôs um estranho negócio:

— Quem vai achar seu jipe são os espíritos.

E passou a explicar que freqüentava um terreiro, e que ali, através de um competente pai-de-santo, fácil lhe seria descobrir o carro desaparecido.

Nosso caro advogado rebelou-se contra a história, mas... como a Polícia não deslindava o caso, como os anúncios não resolviam, acabou por dizer ao homenzinho:

— Bem, faça o que quiser. Se achar o carro, seja como for, o dinheiro é seu.

Dias depois, porém, um desconhecido, proprietário de uma garagem, telefonou ao dono do carro roubado, dizendo que seu jipe fora afinal descoberto, e que estava à sua disposição no local tal e tal. Assim aconteceu, com efeito: o jipe foi reencontrado, e a prometida recompensa, entregue àquele que de fato a merecera.

Assim que soube que o jipe fora encontrado, apareceu no escritório o ascensorista: vinha reclamar a recompensa.

— Mas como? Não foi você quem achou.

— Foi, sim. O dono da garagem viu o carro, mas quem achou foram os espíritos...

— Pois diga então aos espíritos que venham cobrar.

E a coisa está nisso. O jipe anda rodando por aí, nosso conhecido prossegue seu trabalho na banca de advogado, o ascensorista sobe e desce sem cumprimentar ninguém, e, ao que nos consta, ainda nenhum espírito deu as caras para reclamar a recompensa sonegada...



MANGANO
Arroz Doce



ORSON WELLES
Whisky só no Brasil



CARNERA
Tão grande e tão bobo



LOLOBRIGIDA
Vai filmar no Pacífico

INTERNACIONAIS

Um espião russo «sui-generis» é esse, cuja existência nos é revelada pelo telégrafo: na Alemanha, certa Frau Hoffmann denunciou um misterioso indivíduo careca como «perigoso espião russo». A polícia tratou de deter o homenzinho. Só na delegacia veio ser conhecida a verdade: o «espião» era o próprio marido de Frau Hoffmann, que caíra na tolice de solicitar-lhe uma salada de cebolas...

Em Saint Elizabeth, hospício de Washington, os loucos organizaram um ótimo espetáculo teatral, no qual se fez sátira aos médicos, aos enfermeiros, e aos próprios «colegas». Os habitantes de Saint Elizabeth se revelaram doidos por teatro.

Alguém ficou sem emprego, quando a pena de morte foi recentemente abolida, na Inglaterra: o carrasco Albert Pierrepont, que já tratou de fundar um bar, em Lancashire, com o qual pretende ganhar a vida. Matando nos preços, certamente.

No Cairo, um cidadão foi condenado a 17 dias de prisão, porque... mordera um cachorro. Mas foi em seguida pôsto em liberdade, pois o advogado provou, por a mais b, que seu constituinte mordera em legítima defesa...

Uma menina, Grace Mario Kelly (não confundir com a noiva do antipático príncipe Rainier) engoliu, em Nova York, um botão de casaco. Posta em

observação, num hospital, no outro dia expeliu seis botões, e sete moedinhas pequenas...

Orson Welles pretende voltar ao Brasil, onde (diz) se toma o melhor uísque falsificado do mundo. O pior, só mesmo nos Estados Unidos.

Lollobrigida e Silvana Mangano aparecerão, juntas, em um filme: «La Diga sul Pacífico».

Clara Booth Luce, pudica embaixadora dos Estados Unidos em Roma, será transferida brevemente para a Inglaterra. Miss Booth proibiu, na Itália, a exibição de «Sementes de Violência» (Blackboard Jungle), e a todos estareceu quando, numa praia veneziana, apareceu com um modelo de banho verdadeiramente medieval, que descia até à metade das canelas.

Os produtores de vinho franceses andam indignados, porque firmas alemãs andam comprando grandes quantidades de vinho, e revendendo-os, como se fossem de fabricação alemã com lucros fabulosos, aos Estados Unidos...

Lembram-se daquela cena de «Filho Pródigo», em que Lana Turner e Edmond Purdom se beijam? Pois ela foi filmada mais de duzentas vezes, durante nove horas seguidas, até que o diretor de fotografia se desse por satisfeito. Capricho do diretor, ou malandragem de Purdom?

O exército norte-americano abriu seu departamento de vendas de esqueletos provenientes dos hospitais militares. Por 187 dólares (e como é caro!) qualquer pessoa pode possuir um esqueleto elegantemente montado sobre uma armação especial...

Em Londres, um professor lia com paciência um terrível volume de Física Nuclear — desses que possuem mais algarismos do que letras no texto. Qual não foi seu espanto quando, ao terminar a última página do livro, nela encontrou um bilhete do próprio autor, congratulando-o pela façanha, e comunicando-lhe que no Banco tal havia um prêmio de 5 mil libras a esperá-lo!

Na Suécia, o Parlamento vem de aprovar uma lei que permite aos portadores de nomes considerados ridículos, que os troquem por outros, mediante uma taxa de 3 mil cruzeiros. Naquele país, a terminação «Son» indicava a origem popular; as terminações «strohm», «lurid», «berg» e «dahl», a classe média; os nobres usam a desinência «kwist». Essa mesma lei veio acabar com o antipático sistema de discriminação nominal.

Na capital mexicana, um homem se matou, bebendo um copo de arsênico, golpeando os pulsos com gilete, apunhalando-se no peito, embebedando as vestes em álcool e ateando-lhes fogo, e finalmente, atirando-se do alto de uma janela. Que «manchete» para o «O Dia», meu Deus!

Jornalistas perguntaram a Mae West, antiga estrela do cinema americano, se desposaria os homens com que se casou, durante a mocidade, se lhe fosse dado fazê-lo novamente. — «Claro que sim — respondeu — mas não na mesma ordem...»

Vinte anos depois da tremenda luta que sustentaram — luta de que Joe Louis saiu vencedor — o ex-campeão mundial Primo Carnera e o também ex-campeão «colored» se encontraram, há pouco tempo, em Toronto, no Canadá. Carnera é agora lutador de luta livre, e Louis, proprietário de um restaurante e juiz de box, nas horas vagas.



CLARA LUCE
Embaixatriz na Praia



TURNER & PURDOM
Um beijo de 9 horas



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A acção que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias e devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

REVISTA DA SEMANA

Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

ÓLEO DE CEDRO O MELHOR PARA OS MÓVEIS OFERECE.

Nos sorteios que se realizarão na Rádio Vera Cruz às 9.1/2 da noite dos dias 22/3 — 28/6 — 27/9 e 27/12/56:

Cr\$ 10.000,00 para os consumidores e o correspondente em óleo de Cedro para os comerciantes que venderem o produto.

Para tomar parte no concurso dirija a carta ao:

«Concurso do óleo de Cedro, Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio». Dentro do envelope deverá ter: Nome e endereço de quem remete, Endereço do local em que foi comprado o «óleo de Cedro» e um rótulo do óleo de Cedro.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui do Rio. Todas as cartas recebidas até a data do concurso são colocadas no auditório, a vista de todos os presentes que podem, inclusive, colocar suas cartas na hora do sorteio, então o cego Protásio Assunção, da Aliança dos Cegos, vai tirando as premiadas cujos remetentes são imediatamente proclamados.

O resultado do sorteio, além de irradiado, será publicado em vários jornais e revistas, ficando também à disposição dos interessados na Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio.

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1) É o autor de «Carioneiro Gaúcho»:
 - Simões Lopes Netto?
 - Mário Quintana?
 - Augusto Meyer?
- 2) Em que país tiveram origem os estabelecimentos bancários?
 - Portugal?
 - Alemanha?
 - Holanda?
- 3) «Sibilis» era o nome de um personagem do humanista:
 - Erasmo?
 - Fracastorio?
 - Coluccio Salutati?
- 4) Quem eram os «Amigos de Deus»?
 - Ordem monacal da Idade Média?
 - Organização religiosa de leigos?
 - Denominação dada aos místicos, na Idade Média?
- 5) Foi um dos grandes divulgadores de Platão:
 - Plotino?
 - Marciano Capela?
 - Estácio?
- 6) É o autor da «Lenda de Santo Elói»:
 - Quentin Metsijs?
 - Petrus Cristus?
 - Van der Weyden?
- 7) Pier della Vigna é um personagem:
 - Da «Divina Comédia»?
 - Do «Paradise Lost»?
 - Da «Messiada»?
- 8) A quem é atribuída a origem da Alquimia?
 - A Phtah-Hotep?
 - A Hermes?
 - A Moisés?
- 9) O que é «Ars Moriendi»?
 - Tratado medieval da arte de bem morrer?
 - Livro de versos?
 - Coleção de narrativas sobre mortes de personagens ilustres?
- 10) «Tôda a carne é como o feno...» — frase de:
 - Jeremias?
 - Isaías?
 - Malaquias?
- 11) Merlin Cocayo foi o célebre inventor:
 - Da poesia macarrônica?
 - Da pintura a óleo?
 - Da taquigrafia?
- 12) Foi um grande poeta francês; nasceu em 1431, faleceu em 1489:
 - Villon?
 - Cristinne de Pisan?
 - Chrétien de Troyes?
- 13) Okeghem salientou-se como:
 - Músico flamengo?
 - Médico alemão?
 - Alquimista suíço?
- 14) A Deusa Heket simbolizava, no Egito:
 - A fertilidade?
 - A morte?
 - O amor?
- 15) O Tau é símbolo de que santo:
 - Antônio?
 - Francisco?
 - Benedito?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1) Augusto Meyer; 2) Holanda; 3) Fracastorio; 4) De-nominação dada aos místicos, na Idade Média; 5) Plotino; 6) Petrus Cristus; 7) Da «Divina Comédia»; 8) Hermes; 9) Tratado medieval da arte de bem morrer; 10) Isaías; 11) Da poesia macarrônica; 12) Villon; 13) Músico flamengo; 14) A fertilidade; 15) Santo Antônio.

UM LIVRO

UM PUNHADO DE SONETOS

J. R. TEIXEIRA LEITE

JORGE MEDAUAR não é um nome desconhecido para os leitores de poesia. Antes do atual livro de versos (1), com efeito, já publicara ele três outros: «Chuva sobre a tua Semente», em 1945, «Morada da Paz», em 1949, e «Prelúdios Noturnos e Tema de Amor», em 1954. Os dois primeiros obedecem os moldes, já conhecidos, da chamada poesia social; o volume de 1954 é uma tentativa, bem sucedida, de palmilhar novos caminhos. Nenhum dos livros anteriores, porém, atinge a altura poética do presente, que é, destarte, a culminância do estro de Jorge Medauar, após dez anos de intensas buscas no domínio da expressão.

«A Estrêla e aos Bichos» é uma série de sonetos — vinte e sete ao todo —, dezessete compondo um poema maior, «A Estrêla», que perfaz a primeira parte do volume, e os dez restantes dedicados cada um a um animal (O Galo, O Leão, o Cão, etc., etc.).

A história do soneto na Literatura Brasileira é interessante, merece ser recordada: com a vitória do Romantismo, foi esse antiquíssimo tipo de composição poética praticamente abandonado. Mais tarde, o Parnasianismo, e o Simbolismo e principalmente o Neo-Parnasianismo, dêle usaram e abusaram. Os primeiros modernistas a êle dedicavam horror, de vez que o soneto, a seus olhos, simbolizava tudo o que era ultrapassado e vencido. As novas gerações modernas já sentem o problema de modo diverso. E' claro que o soneto, rimado e com a indefectível «chave de ouro», é atualmente praticado apenas por bisonhos plúmbeos da província. Existe hoje em dia, uma nova espécie de soneto, comumente sem rima, embora guardando a métrica, e os tradicionais quatorze versos.

Os sonetos de Jorge Medauar pertencem a essa última espécie:

Cheguei num hipogrifo, quando a noite
Era chão de batalha, com teus sonhos
Fugindo sob escombros, entre os elmos
Decepados por lâminas de lua...

Sempre na primeira parte do livro, encontramos instantes de legítima poesia, ao lado de muitas frases feitas; exemplo do primeiro caso:

Aqui nasceu tua ausência
Como um cão ladrando à lua.
Nessa noite, quem supus
Não morrer, em mim morria.

Do segundo:

Admito que será em vão, em vão
Como inútil me fôra o te buscar
Muito além das fronteiras do querer...

Imcomparavelmente melhor achamos a segunda parte do volume, «Aos Bichos», onde, logo de início, nos deparamos com um soneto como «O Galo»:

Quando os esporões ferirem
A fimbria do amanhecer
Num anúncio em sangue e canto
Um novo dia há de ser...

Talvez o mais belo de todos êsses sonetos seja porém «O Cavalo», onde há achados poéticos como êsse:

As êrmas ruas do sonho
Já se povoam. Eia! Antes
Que o sol dissolva o cavalo.

Também «A Vaca» merece uma citação, a despeito dêsse «dilúculo», por demais precioso:

Esse veludo mugir
É que estende a ponte, e liga
O entardecer de meus olhos
Ao dilúculo finado.

Jorge Medauar é um poeta que não esconde, em hermetismo impraticáveis à maioria dos leitores, seus anseios e sentimentos. O que não impede, porém, que êsse «A Estrêla e aos Bichos» seja um dos bons livros de poesia dêsse princípio melancólico de ano bissexto.

(1) JORGE MEDAUAR — «A Estrêla e aos Bichos». Livraria Civilização Brasileira S.A. — Rio de Janeiro, 1956. 94 páginas. Capa de Di Cavalcanti. Cr\$ 50,00.

Notas

... Próximos lançamentos anunciados: «O Andarilho e a Manhã», poemas de Thiago de Mello; «Os Abutres», contos de Maurício Meira; e «Memórias de Inverno», romance de Saldanha Coelho.

... O prelo manual de Luiz Santa Cruz, há muito parado, recomeçará suas atividades dentro de alguns meses, ao que nos informa seu proprietário e «operador».

... Em junho, Carlos Ribeiro reiniciará suas já tradicionais Tardes de Autógrafo, na Livraria São José. José Lins do Régio lá estará a postos, autografando para seus muitos admiradores seus inúmeros romances.

... Cyro dos Anjos já tem em seu poder as provas de «Montanha», seu último romance.

... Muito bom, o suplemento literário de «Tribuna da Imprensa», nos últimos tempos. E excelentes os resultados do «Concurso de Contos», há pouco instituído pela direção daquele respeitável. Inúmeros jovens escritores vêm sendo revelados.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS DO SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DO M.E.C.



O Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, dirigido por Simeão Leal, possui, entre outros, os seguintes volumes a serem dentro em breve lançados: «A Dança e a Escola de Ballet», de Pierre Michailowsky; «A Gênese do Gaúcho Brasileiro», de Manoelito de Ornellas; «A Inteligência e a Palavra», de Alceu Amoroso Lima; «A Lei e o Declínio do Direito», de Nelson Carneiro; «A Sêca Fria», de Antonio

Callado; «Bahia em Quinze Estampas», de Noêmia Cavalcanti, com prefácio de Murilo Mendes; «Folclore Baiano», de Jo. Ribeiro; «La Chanson dans le Pain», tradução francesa da peça de Magalhães Júnior; «Lições Dramáticas de João Caetano», de Lopes Gonçalves; «Modinhas do Passado», de Batista Siqueira; «Nordestinos na Amazônia», de Alcino Teixeira de Melo; «Novo Conceito das Bandeiras», de Paulo V. Shan; «O Adolescente e a Noite», de Homero Homem; «O Amigo da Infância», de Fran Martin; «O Mundo que o Bandeirante Criou», de Cassiano Ricardo; «O Poeta e as Potências», de Hildon Rocha; «O Vestíbulo», de Geir Campos; «Religião e Relações Raciais no Nordeste Brasileiro», de René Ribeiro; «Seis Histórias de Namoro e uma História de Guerra», de Joel Silveira; «Notícias da Visitação ao Rio Amazonas», de Thiago de Mello; «Páginas de Humor e de Humorismo», de Paulo Mendes Campos; «Madrinha Lua», de Henriqueta Lisboa. Todos êsses livros aparecerão dentro de dois ou três meses mais, distribuídos pelas várias Coleções editadas pelo Serviço de Documentação, e que incluem, entre outras: os «Cadernos de Cultura», «Letras e Artes», «Aspectos», etc. etc.

POESIA

INTEGRAÇÃO

Em teu destino eu me identifico desde a aurora do universo
quando tudo era disforme e líquido e entre astros e abismos
sobrenadava, incandescente, a poeira do cosmos.

Em teu hálito eu me recordo florescendo entre as algas
à superfície do mar
e a minha voz canta entre recifes e medusas
no côro inicial da formação.

Quando teu corpo estava ainda diluído na poeira dos átomos
pelo espaço absoluto
e a tua vida permanecia na essência do incógnito
subiam já do fundo do inexistente duas flamas.

E entre os primeiros liquens floresciam duas rosas de sangue
e no limo do primeiro lago brilhavam duas estrêlas gêmeas
e dos olhos de Saturno caíam duas lágrimas de orvalho
na anunciação de nossas vidas paralelas.

Sobre os meus e os teus olhos descera, tênue, o véu do inevitável.
Nossas pálpebras cerradas trespassarão o crepúsculo desconhecido,
e na era seguinte
ficarão ainda dois búzios geminados no fundo do mar
retendo nossa memória.

E os nossos corpos, pulverizados na essência eterna,
renascerão do caos, e uma nuvem cinzenta
permanecerá no tempo e no espaço sobre o oceano.

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

O BRASIL PRECISA DE PSICOTÉCNICOS

É O QUE AFIRMA, EM ENTREVISTA À "REVISTA DA SEMANA", A DRA. ZOÉ L. DE BARROS — A PSICOTÉCNICA COMO DESCOBRIDORA DE Vocações — O REAJUSTAMENTO DO OPERÁRIO, FINALIDADE MÁXIMA DA PSICOTÉCNICA ENTRE NÓS — OUTRAS INTERESSANTES OPINIÕES DAQUELE MEMBRO FUNDADOR DA "ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOTÉCNICA".

Reportagem de ANGELO RAIMUNDO

Fotos de NEWTON VIANNA



— Dra. Zoé de Barros?
— !
— Somos da Revista da Semana e gostaríamos de entrevistá-la.

— Mas...
— Sobre a aplicação da psicotécnica e de seu trabalho como professora de psicologia do Instituto de Educação.

— Pois não — e com um gesto mandou-me sentar.

E' uma senhora nova, muita viva, falando com rapidez e certeza:

— A psicotécnica aparece entre nós com Roberto Mange, belga, e mais tarde, com o professor Mira y Lopez, tendo-se firmado bem nos grandes centros de Rio e São Paulo, começando a conquistar as capitais dos Estados e suas principais cidades. Entre nós, infelizmente, ainda não está regularizada a profissão de psicotécnico, a despeito de já existir a Associação Brasileira de Psicotécnica, da qual sou membro fundador, filiada à entidade internacional.

— Onde a senhora se especializou em psicotécnica?

— No I.S.O.P.E., Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Organização Getúlio Vargas.

— Qual a aplicação da psicotécnica na vida escolar?

— A psicotécnica, propriamente, não é um método educativo que possa ser indistintamente utilizado como disciplina nas escolas, mas seria utilíssimo que através da psicotécnica se fizessem testes vocacionais.

— Como?

— Siga o meu raciocínio. Os indivíduos estudam isto ou aquilo muitas vezes devido à escolha já feita por seus pais. E vão ser médicos, advogados, professores, militares, etc., sem que realmente sintam vocação de carreira. No caso do Instituto de Educação, psicotécnica poderia ser utilizada em testes vocacionais. Não basta ter o curso de professora. E' preciso ter nascido professora. Sempre digo a minhas alunas: é preciso gostar de crianças, gostar de conviver com crianças — e depois de um momento de pausa — parafraseando o poeta: saber ouvir e entender crianças...

— Realmente.

— E note, sem falso elogio, o nosso professorado é do mais alto nível e padrão intelectual. Dedicado e esforçado. Estudos pesados, exames rigorosos, sete anos consecutivos numa verdadeira maratona, organizam, verdadeiramente, uma seleção intelectual, mas... observe, não vocacional.

— Sem dúvida.

— Acresce ainda que depois dessa maratona intelectual, em que a professora se torna, sem favor, um elemento de elite (pois vencer essas

A PROFESSORA Zoé de Barros não se cansa de salientar a importância da Psicotécnica como meio de seleção e orientação profissional por excelência

O «HOBBY» de Zoé de Barros é o teatro. A inteligente psicóloga possui idéias próprias sobre peças e autores nacionais e estrangeiros. Também escreve.

sete anos de estudos árduos não é dado a qualquer mocinha ou «play-girl»), tem a recompensa econômica de Cr\$ 2.900.00 mensais!

— Mas é muito pouco!

— Em qualquer profissão em que não se exige um padrão tão alto de competência, em qualquer profissão manual se ganha o mesmo, ou muito mais.

— E quais as conseqüências?

— O senhor perguntou bem; e quais as conseqüências? A conseqüência é que semelhante ordenado gera um fenômeno curioso entre as nossas professoras: colocadas na dependência econômica das famílias, pois que o ordenado não é suficiente, começam a sentir-se isoladas da Prefeitura, e, no geral, não se consideram funcionárias. Interessante é que também não protestam, e esse isolamento em que se confinam cria uma espécie de individualismo, tornando-se difícil reuni-las sob o espírito, por assim dizer, de classe. O ordenado não chega a fortificar um espírito de correspondência, de correlação, digamos, entre empregado e empregador; o liame econômico é demasiado fraco para marcar na professora a sua posição de funcionária. Isso a prejudica muitíssimo, individualmente, e como classe. E isto, peço-lhe que frise bem, com um professorado realmente brilhante como o que a Prefeitura tem.

— Interessante esse aspecto. E por falar em crianças, professoras... e a falta de matrículas?

— Eis aí um outro problema que tem muitos ângulos e, o que vou tocar, se não resolve a questão, ajudaria muito: o caso da repetência. Cada criança que repete o ano é uma vaga que se fecha.

— E é muito alto o número de repetentes?

— Razoável. Repare que não resolve o problema. Mas mitigaria um pouco, não acha?

— Evidentemente... mas, porque se dá essa repetência?

— Diversos fatores. Mas, também, devido ao acúmulo excessivo de conhecimentos que se exigem da criança. Acontece ainda que grande número de crianças, ao chegar à 3ª série, abandona os estudos, sem que a escola lhe tenha dado os conhecimentos necessários, nem de preparo psico-pedagógico ou de orientação.

— Assim, preconiza uma reforma?

— Se possível, levando em conta que a escola é para ensinar mas, antes de tudo, para educar.

— Mas voltando à psicotécnica. Pensa que seria útil aplicada nas escolas?

— A psicotécnica é um ramo da psicologia e seu campo é outro. Tem um campo vastíssimo no surto atual de nosso desenvolvimento econômico. Psicotécnica pretende, exclusivamente, ajustar o trabalhador ou antes, reajustá-lo. Descobrir a sua verdadeira vocação. Obter o máximo de rendimento de seu trabalho. Isso em qualquer profissão, quer sejam industriários, comerciários, funcionários, setores de administração, etc. Principalmente, preparar o indivíduo, indicando-lhe o rumo de sua verdadeira profissão. Valorizando-o e valorizando seu trabalho e, implicitamente, criando uma satisfação mútua entre empregado e patrão.

— Os nossos industriais usam a psicotécnica?

— Já começam a usar, a exemplo do que se faz na Europa e nos Estados Unidos. No I.S.O. P.E., sem propaganda nenhuma, aparecem diariamente, em média, cerca de dez pessoas que procuram solucionar os seus casos e sempre com êxito.

A entrevista chegava ao fim. Fizemos ainda uma pergunta:

— Quer dizer que a profissão de psicotécnico ainda não foi regularizada. Já tomaram providências?

— Sim. Fundamos a Associação Brasileira de Psicotécnica, como lhe disse e estamos à espera que a Câmara de Deputados legisle a respeito regularizando a profissão. Enquanto não aparecer um deputado que chame a si a questão e a apresente a seus pares, a aplicação da psicotécnica continuará a ser muito restrita.

— Vamos ver então... — e numa última pergunta: A dra. dedica-se exclusivamente à sua cadeira de Psicologia no Instituto de Educação e à psicotécnica?

— Sim, até certo ponto. Mas o meu «hobby» é o teatro.

— O teatro?

— Sim. Acabo de escrever minha última peça.

— Qual?

— «Hipólita».

— De que se trata?

— Uma comédia cuja ação se passa no ano 2.000. Uma república de mulheres pretendendo solucionar os grandes problemas humanos.

— Resolve-os?

— Não seria possível. Trata-se de uma comédia. Diria melhor, uma sátira.

— A crítica já a conhece?

— Sim. A crítica teatral manifestou-se favoravelmente. Assim Claude Vincent, Aníbal Machado, Henrique Pongetti, etc.

— Quando será levada à cena?

— Isso é difícil dizer. O autor nacional não tem oportunidades, salvo raríssimas exceções.

— Acha? E porquê?

— O assunto demandaria mais vagar para ser explicado — mas animando-se. — Representa-se muito teatro estrangeiro. Traduz-se muito e nem sempre o melhor.

— E quais as causas?

— Diversas. De toda a ordem e principalmente porque não queremos reconhecer que se existe um teatro grego, inglês, francês, é necessário, também, fazermos um teatro brasileiro.

— Tem razão.

— Veja o cinema nacional. Podemos fazer restrições ao valor intelectual de nossos filmes, de seus temas, etc., com honrosas exceções. Podemos dizer que, em geral, não possui um bom padrão. Muito bem. Mas veja a ressonância que tem em nosso público? Porque? Porque aborda assuntos nossos, debate problemas nossos, focaliza a nossa vida e nossos costumes, bem ou mal. O povo compreende e sente, apesar de todas as restrições que possa fazer à qualidade de nossos filmes.

— Sem dúvida.

— Com o teatro a mesma coisa. E' preciso dar oportunidade aos autores nacionais que versam os nossos costumes e debatem os nossos problemas.

Ainda falou mais, tendo aqui e ali uma observação mais aguda, sempre num plano de crítica objetivo e justo.

— E quanto à psicotécnica...

— Estamos à espera de que o assunto seja tratado pela Câmara e que a profissão seja regularizada. E' necessário. Principalmente ao Brasil, neste passo de seu desenvolvimento.

A FEDERAÇÃO DAS ANTILHAS

SUA ORIGEM — CENTRALIZANDO OS TÉCNICOS — "STANDING ASSOCIATION COMMITTEE", O PLANO GERAL DA FEDERAÇÃO — TOMADAS EM FEVEREIRO AS DECISÕES FINAIS — ATÉ MARÇO DO ANO DE 1957, AS ELEIÇÕES — O PROBLEMA DA CAPITAL.

De HILARY BLOOD

DURANTE alguns meses estive ocupado em uma tarefa interessante, animada e, devo também dizer, difícil. Fui um dos três comissários encarregados de planejar a estrutura de um governo completamente novo, o futuro governo federal das Índias Ocidentais Britânicas. A criação de uma federação nunca foi tarefa fácil, e no caso da Federação das Antilhas Britânicas, apresenta problemas peculiares, pois esta região em vez de constituir uma massa de terra como a Austrália, se compõe de múltiplas ilhas, algumas bem pequenas, espalhadas sobre mais de ... 2.500.000km² de oceano. Talvez se possa dar uma idéia do que isto significa se disser que quando cheguei pela primeira vez a Granada, há 25 anos, na qualidade de Secretário Colonial, somente depois de vários anos vim a conhecer a ilha vizinha de Sta. Lúcia. Naquela época costumava-se levar um dia ou dois para se ir de uma à outra ilha, e ainda ficava-se na contingência de não se conseguir lugar num navio. Insisto neste ponto porque muitas pessoas consideram as Antilhas como um «simples lugar». Mas a razão básica do porquê da federação não se ter verificado há anos é que o povo das Antilhas não a consideravam como um «simples lugar», nem a si próprios como antilhanos. Eles diziam ser

habitantes de Barbados, Trinidad, Jamaica, etc. Compunham-se de comunidades independentes e lá se desenvolviam. Os naturais de Barbados julgavam que o povo de São Vincent era singular e este último assim pensava dos habitantes de Antigua — o que é muito natural, pois raramente se viam. Existiam, também, entre esses povos diferenças raciais. Toda a Europa passou por uma ou outra dessas ilhas deixando vestígios de sua civilização; holandeses, franceses, espanhóis, portugueses e mesmo ingleses; havia alguns aborígenes restantes, os caríibanos; um grande número de indianos que vieram, primeiramente, como mão de obra contratada e, naturalmente, os africanos levados como escravos, e, por fim, alguns naturais das Américas do Norte e do Sul e um ou outro chinês.

Mas houve algo mais que, julgo, foi um importante fator que contribuiu para essa separação e que era a diferença de seus produtos. Tome-mos por exemplo as ilhas de Barlavento. Granada produz nós moscada, pimenta e cacau, mas apenas uma pequena quantidade de açúcar. São Vincent, por outro lado, não cultiva nós moscada nem cacau, mas algodão e araruta. Nas ilhas de Sotavento, encontra-se algodão e açúcar, e um pouco mais ao norte somente algodão. Existem algumas dessas ilhas que só produzem açúcar; há Trinidad que tem petróleo e alcatrão e Jamaica que oferece outros produtos. Esses povos exploravam seus recursos e tinham naturalmente, interesses de exportação diversos. Não se poderia esperar que entre eles existisse o mesmo ponto de vista, conforme ocorre por exemplo entre um viticultor no sul da França e um destilador na Escócia.

Falou-se muito em federação nesses últimos 100 anos. Mas nada se resolveu. Houve mesmo uma época, em 1876, em que o governador de Barbados, um de meus ilustres predecessores, recebeu ordens do Escritório Colonial para confederar com algumas das ilhas próximas, mas quando tentou fazê-lo foi surpreendido por uma imediata e violenta explosão — uma verdadeira agitação. O povo de Barbados deixou claro que não desejava ser federado a ninguém — queria ficar só.

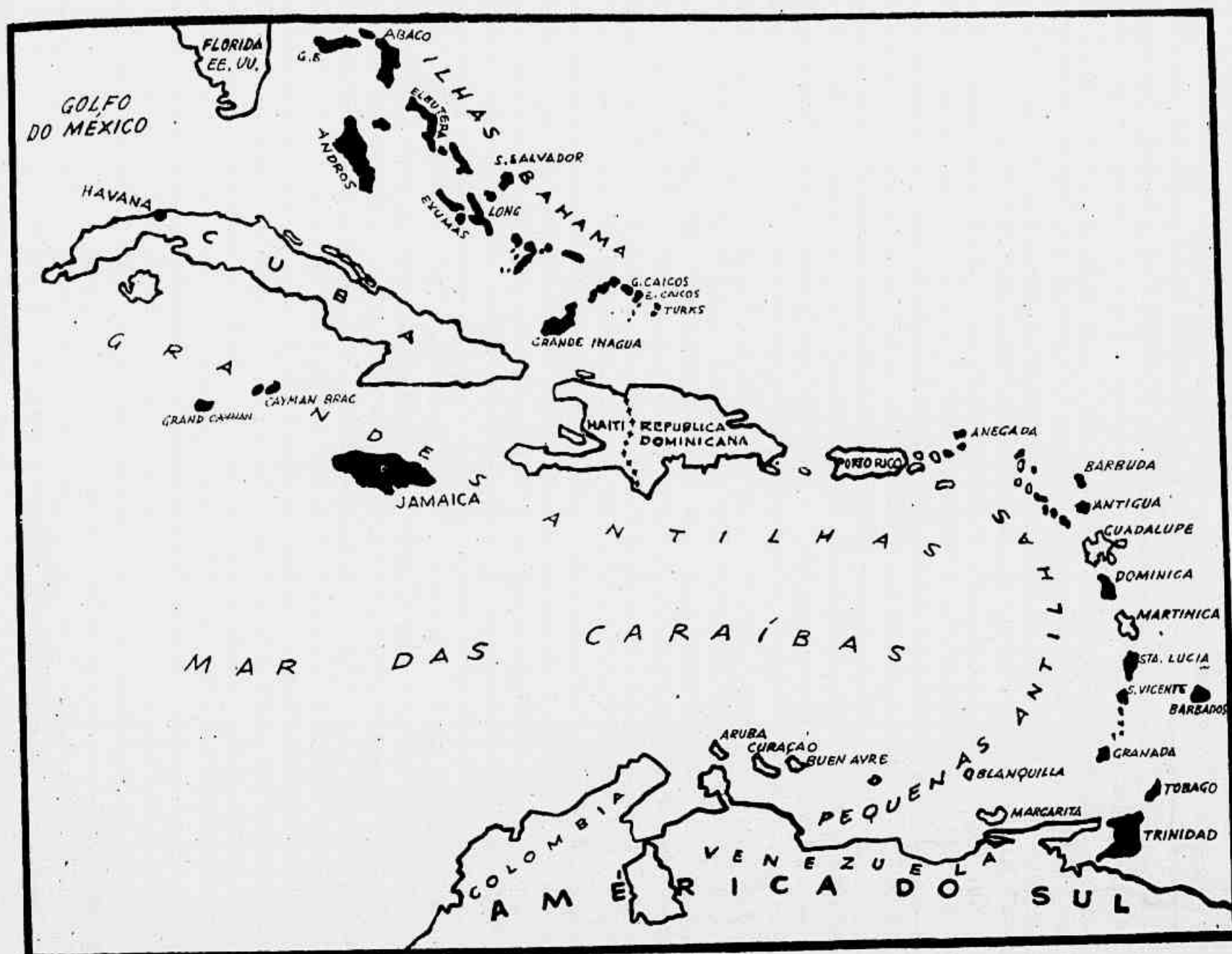
Contudo, por fim, o plano de federação parece estar próximo de realização, e esse desejo não vem de nós e sim dos próprios povos dessa região. Qual a razão dessa mudança de pensar? A guerra, com seus perigos e privações comuns, teve um efeito unificador, naturalmente, mas, a meu ver, essa mudança se deve principalmente ao transporte aéreo. Nesses últimos 10 anos, a viagem que se fazia, por exemplo de Barbados a Granada, foi reduzida para 3/4 de horas. As pessoas importantes dessas ilhas se encontram, agora, constantemente — vão de uma à outra ilha para observar como é realizada qualquer empresa ou para tratar de negócios. Podem agora constatar que não são tão diferentes uns dos outros como julgavam. Um sentimento nacional os anima pela primeira vez. Muitos povos que se chamavam Vincentinos ou Antiguanos, há 10 anos, dizem agora «sou antilhano». Esta evolução está sendo igualmente acelerada pelas organizações regionais de desenvolvimento econômico e social, criadas depois da guerra, e principalmente pelo Colégio Imperial de Trinidad e a nova universidade da Jamaica.

CENTRALIZANDO OS TÉCNICOS

Existem, também a pressão político-econômica do século XX. É claro, por exemplo, que uma pequena ilha com uma população de 5 ou 10.000 habitantes não se pode dar ao luxo de contratar um bom técnico de produção de algodão. Contudo, todas elas necessitarão de técnicos se pretendem produzir mais — e isto elas devem fazer para ajudar sua população. Dêsse modo, os técnicos devem ser centralizados. Além disso, um político desconhecido de uma pequena ilha não pode argumentar com convicção com governos de nações poderosas sobre preços e mercados; mas seria uma questão diferente se se tivesse um ministro federal falando em nome de 2 ou 3.000.000 de habitantes. E, finalmente, nenhuma dessas ilhas jamais poderia esperar ser um domínio independente. Não se pode desejar domínios que se componham de poucas milhas quadradas e um punhado de habitantes. Mas Federação das Antilhas Britânicas podia se tornar um domínio e atingir, dêsse modo, a completo desenvolvimento político.



A EDUCAÇÃO, NA Ilha de Barbados, vem sendo ministrada por professores especializados. Eis uma sala de aula, onde negrinhos de ambos os sexos e uma criança loura, descendente de ingleses, juntos aprendem as primeiras letras. Pendurados aos cabides, os chapéus barbadianos.



MAPA das Antilhas, vendo-se, em negro, as possessões britânicas que acabam de reunir-se em federação, passando assim a constituir a mais jovem nação do mundo. Esse era um sonho antigo, que só agora, depois de longa e meticulosa conferência levada a efeito em Londres, pôde se tornar realidade. Honduras e Guiana ficaram de fora da Federação, por motivos econômicos.

São as seguintes as antigas colônias britânicas que passam a fazer parte da Federação do Caribe: BARBADOS, JAMAICA, ANTÍGUA, MONTSERRAT, TRINIDAD E TOBAGO, GRENADA, S. VINCENT, S. LÚCIA, DOMINICA, S. CRISTÓVÃO-NEVIS, ANGUILLA, ILHAS LEEWARD e WINDWARD. HONDURAS e GUIANA talvez ainda venham a fazer parte da nova nação.

Encontramo-nos, agora, na fase do trabalho relacionado com os problemas que apresenta a criação de uma federação. A federação se tornou uma possibilidade prática em uma notável conferência realizada em Montego Bay, na Jamaica, em 1947. O sr. Crech Jones, então Secretário de Estado para as Colônias, foi o presidente, e graças ao seu entusiasmo e direção essa conferência foi um centro movimentado de argumentações. Uma comissão formada de políticos antilhanos foi encarregada de traçar um plano geral da federação sob o nome de «Standing Association Comitê». Seu relatório reunia os diferentes pontos de vista e os conciliava. Esse relatório foi em seguida discutido em duas outras conferências. Por fim, chegou-se a uma fase em que os detalhes de pessoal e custos tiveram que ser estudados, e nós três comissários fomos designados para tal fim. Ocupei-me de formar a administração federal, Sir Alan Smith do Sistema Judiciário e da Corte Suprema Federal, e Sir Sydney Caine das finanças.

Quer dizer das dificuldades que enfrentamos! Em primeiro lugar, a federação custará algum dinheiro e algumas ilhas — pois todas querem conservar suas atuais formas de governo, e o financiamento do novo governo federal e sua capital, terá que vencer este obstáculo. Isto pode não ser muito para uma ilha rica como Trinidad, nem, talvez, para as ilhas mais pobres que ainda recebem subvenções da Grã-Bretanha e que continuarão a receber durante alguns anos. No entanto, existem ilhas que não são muito ricas mas que estão muito orgulhosas e ansiosas por não serem mais beneficiárias do Tesouro Britânico; este é o caso de Barbados. As ilhas mais ricas estão interessadas em criar um governo federal eficaz e apresentável. As ilhas mais pobres desejam algo bem mais simples.

Um outro problema é o de não se saber ainda em que ilha ficará a capital federal; tudo é ainda muito vago. Esta questão é importante do ponto de vista financeiro, em particular no que se refere ao pessoal. As finanças constituem um problema deveras complicado.

Um outro grande problema é considerar o poder do governo federal. Este legislará, sobre questões onde não exista campo para diferenças regionais e sobre questões essenciais da federação, isto é, defesa, questões externas, controle de câmbios, tribunais federais, serviços e instituições financiadas pelo governo federal. Existem outros assuntos ainda mais difíceis que, talvez, sejam de interesse dos governos individuais, mas o fato de ambos procurarem organizar legislação do governo federal é algo a considerar. Questões com serviços bancários, movimentos da população, sistema monetário, serviços postais, etc., estão dentro dessa categoria. O relatório do S.C.A.C. expõe, detalhadamente, essas duas categorias que são chamadas de campos de legislação.

Mas muitos outros assuntos não são de forma alguma federais ou locais. A educação, por exemplo. A educação primária será um assunto que dirá respeito, exclusivamente, aos governos individuais e, ainda assim, uma das coisas mais importantes e dispendiosas, que o governo federal irá fazer é estipular, em nome de todos os governos individuais, um subsídio destinado ao Colégio Universitário. Não é fato desconhecido que uma universidade não deve ser dirigida pelo governo, mas um governo não pode preencher um cheque vultoso sem se interessar pelos beneficiários. Isto é um exemplo da espécie de problema da índole dos que apresentam esta questão de poderes. Julgo pessoalmente que a opinião pública insistirá, no devido tempo, para que o governo federal tenha muito mais responsabilidade. Mas isto é ele quem decidirá.

Um outro problema que se apresenta em particular às pequenas ilhas,

é o de como recrutar o pessoal para os serviços administrativos locais quando o governo federal leve os melhores elementos para si próprio. A maior ilha, Jamaica, começou, há alguns anos, a treinar e criar seus próprios serviços administrativos. Mas as ilhas menores jamais tiveram um mecanismo administrativo próprio e não dispõem de pessoal. Até que tenham pessoal treinado suficiente — seria importante que lhes fossem dada a maior ajuda possível nesse sentido — não terão funcionários para si ou para seus serviços federais.

O sistema geral da federação não será totalmente idêntico a qualquer outro na Commonwealth ou em outra parte do mundo. Sua forma, de modo geral, obedece ao padrão australiano em que o governo deixa o mínimo possível de poderes para os governos individuais. No entanto, possui algumas características peculiares; uma delas é que a federação englobará ilhas cujas despesas serão pagas pelo Tesouro Britânico. Isto quer dizer que os atuais subsídios continuarão vigorando por algum tempo, embora no futuro venham a ser administrados pelo governo federal — talvez um interessante ponto de vista. Mas o que nos manteve ocupados nesse verão foi a preocupação de criar centros de organização simples mas eficazes, deixando, ao mesmo tempo, campo para o progresso e desenvolvimento — ao invés de traçar regras severas.

É importante lembrar que a criação de formas de governo constitucional e democrático são uma história velha para as Antilhas. Os primeiros colonos britânicos estabeleceram governos nos moldes daquele que conheciam em seu país. Não se verificou o problema que surgiu na África ou Ásia de introduzir — ou impor — um novo sistema político e concepções novas à população, pois não havia habitantes a quem dirigir a palavra; virtualmente, toda a população das Índias Ocidentais — brancos, mulatos e pretos — foram originalmente importados. O resultado é que a maioria dos antilhanos cresceu sob as mesmas tradições políticas.

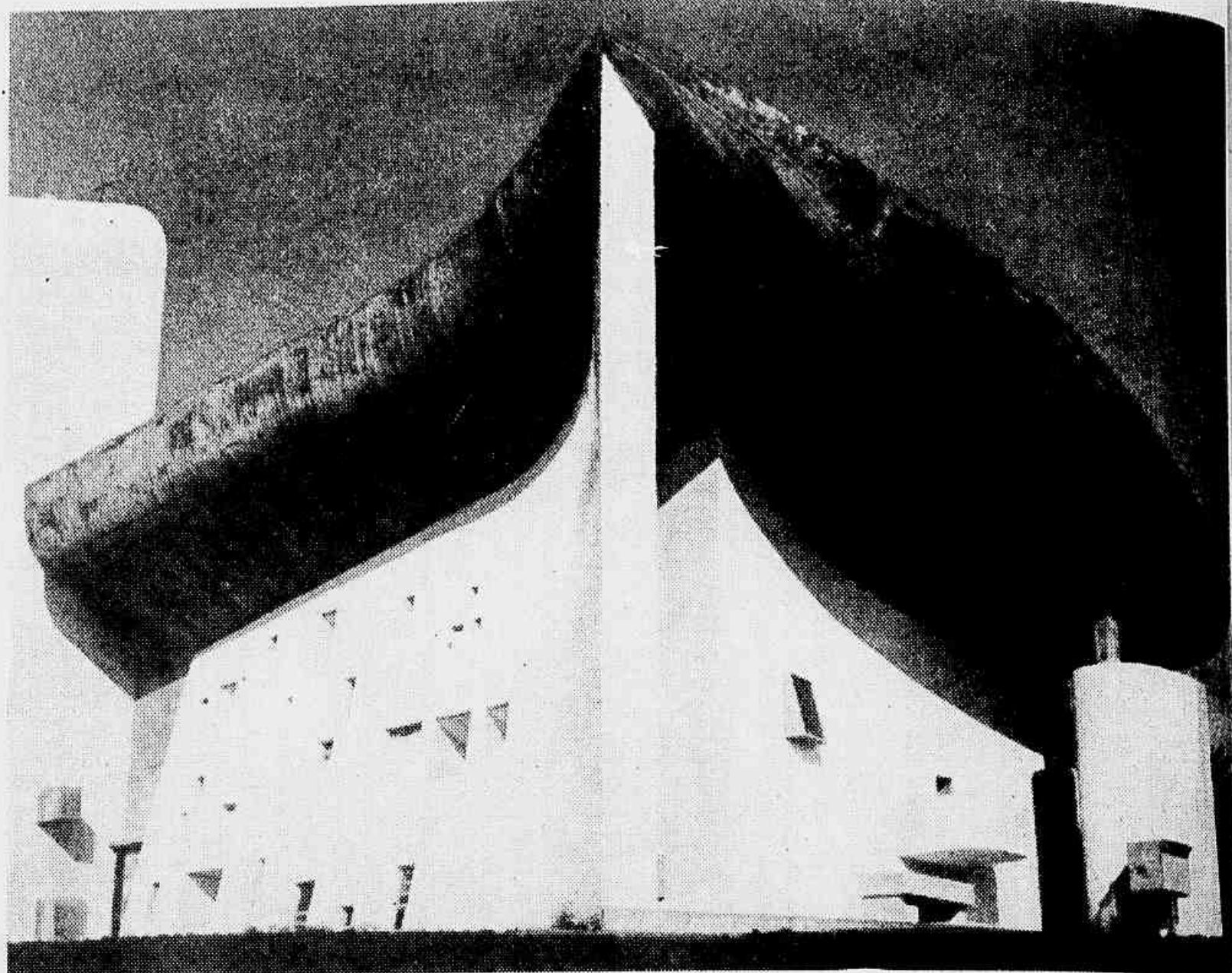
Outra dificuldade, não encontrada nestas ilhas, foi a questão de raça. O único lugar onde existe um traço de diferença racial é em Barbados.

Falando de modo geral, os antilhanos de raça branca se consideram tão bons quanto seus vizinhos antilhanos de cor; e esta é a razão da não existência de divergências no seio da população, ao contrário da Malásia, onde tais divergências são notadas entre chineses e malaio, ou na Nigéria, entre as diversas raças africanas.

DECISÕES FINAIS EM FEVEREIRO

Restam agora duas questões ainda sem resposta. Abrange o plano federal todos os territórios antilhanos? Quando se verificará realmente a federação? Na Conferência de Londres, de 1953, a Guiana e Honduras Britânicas não estavam preparadas para se tornarem membros da Federação proposta. Não obstante, a oportunidade continuou a vigorar para que mais tarde, se mudassem de idéia, pudessem ingressar. Após todos esses anos de discussão e estudo. Em fevereiro, representantes antilhanos foram a Londres para apresentar decisões finais e, em seguida, organizar a legislação que dará vida à Federação. Uma pequena lei foi já votada pelo Parlamento, e um decreto do governo será, em seguida, necessário. Após isto, realizar-se-ão as primeiras eleições gerais dos antilhanos — até março de 1957, como ficou estipulado.

Da Federação se originará — em poucos anos — julgo, um novo domínio. Daqui, observamos realmente o nascer de uma nova nação; uma nova nação e um novo membro da Comunidade Britânica de Nações. (B.N.S.)



ESSA CAPELA, situada em Ronchamps, França, é obra do célebre arquiteto Le Corbusier, que é também o autor do plano original do nosso Ministério de Educação. Em priscas eras, nesse lugar existiu uma capela. A atual veio substituí-la, conservando traços do templo destruído.

PARA TOCAR tão bem, é claro que Louis Armstrong, considerado um dos maiores instrumentistas da música americana, precisa ter bons pulmões. E para ter bons pulmões, nada como uma alimentação sadia. É o que essa foto, tirada em Milão, vem mais uma vez provar, sem necessidade de qualquer comentário.

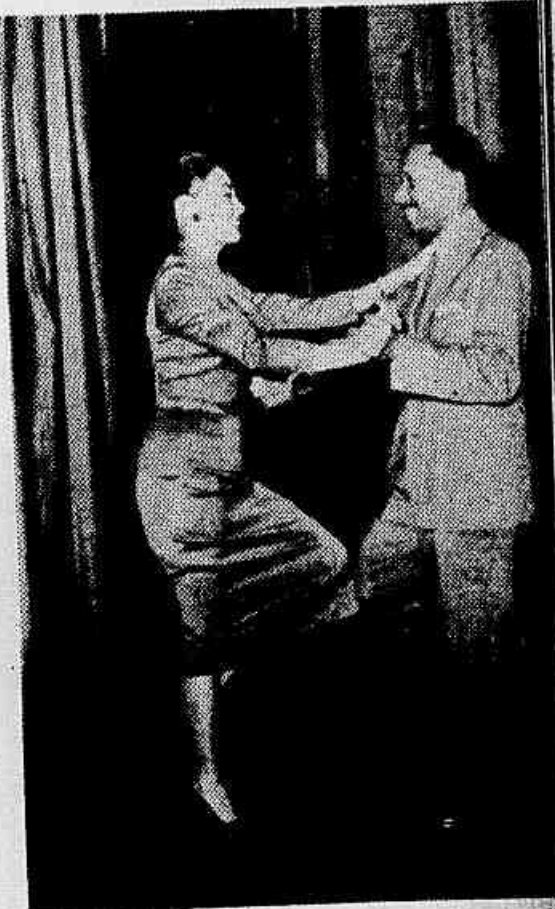
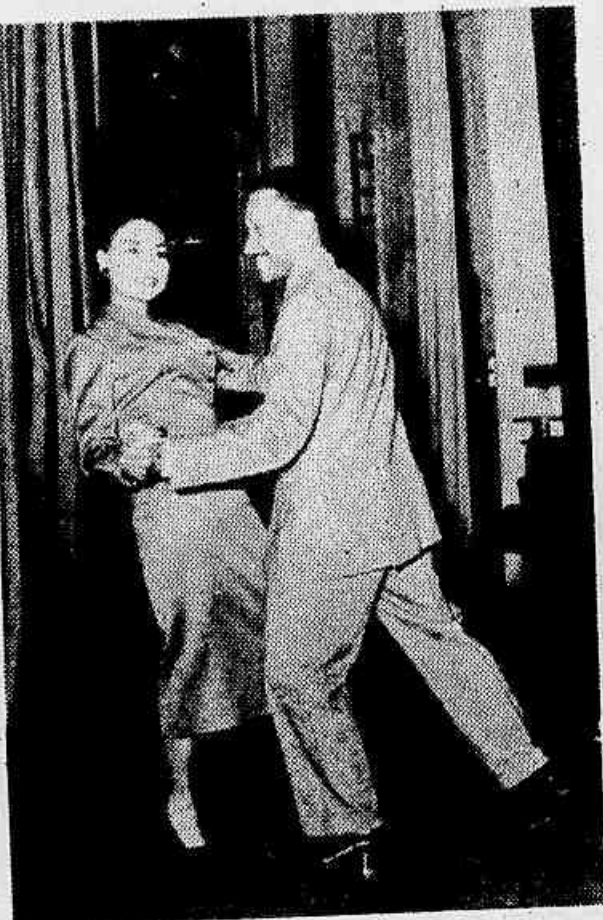
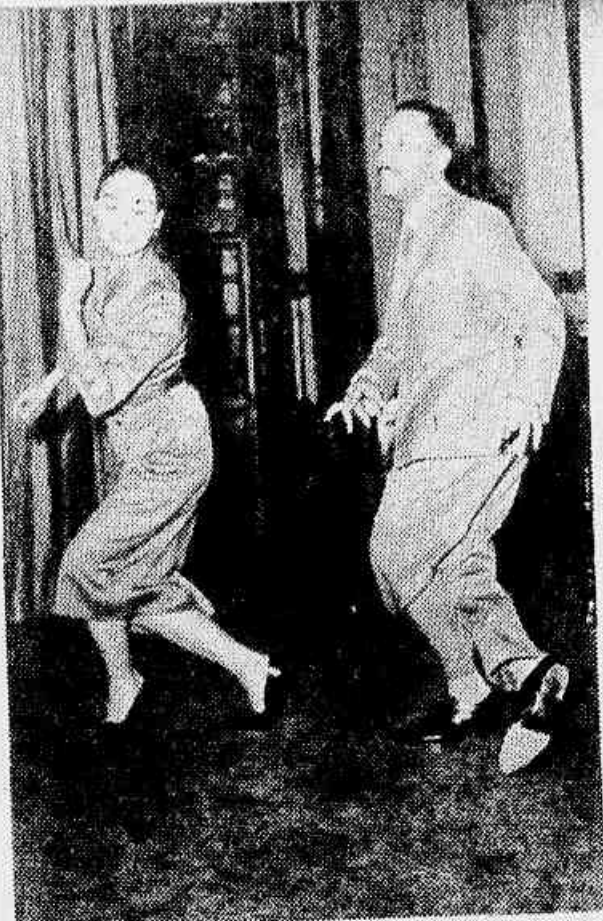
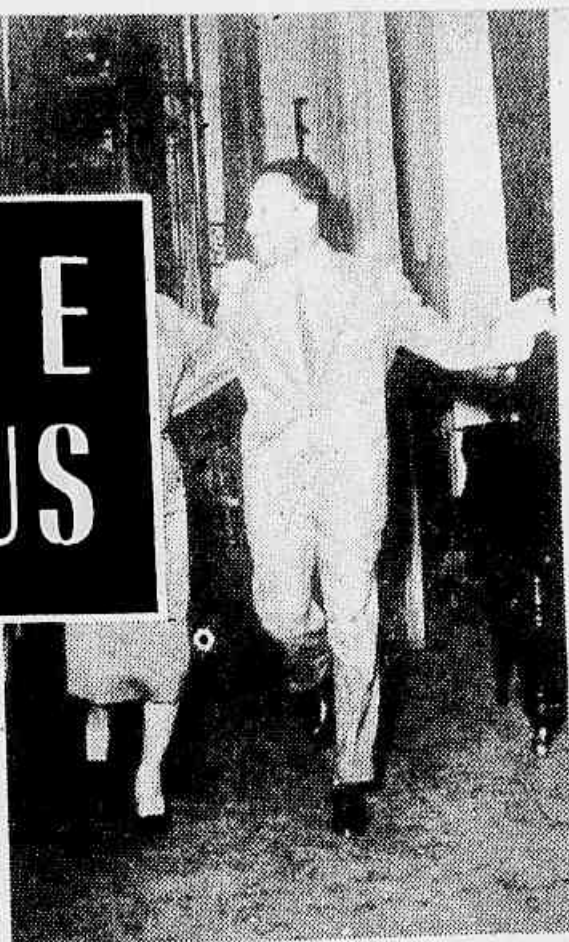


NO BAILE dos Leques, realizado em Nova Iorque, uma das figuras que mais atenção despertou foi Linda Christian, ex-espôsa de Tyrone Power. Não tanto pelo leque, é claro, — a despeito dos leques serem o prato do dia — mas por qualidades que seria supérfluo enumerar.



CHARLIE CHAPLIN e sua esposa Oona Chaplin, filha do célebre Eugene O'Neill, erguem um brinde ao futuro, em uma festa em Lausanne, Suíça.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



NEM SÓ de capim vivem os cavalos. Esses, por exemplo, celebram nada mais nada menos que o seu aniversário (dêles, é claro), em uma granja na Inglaterra. E passam a torta de maçãs, o que, palavra, não é pouca coisa!

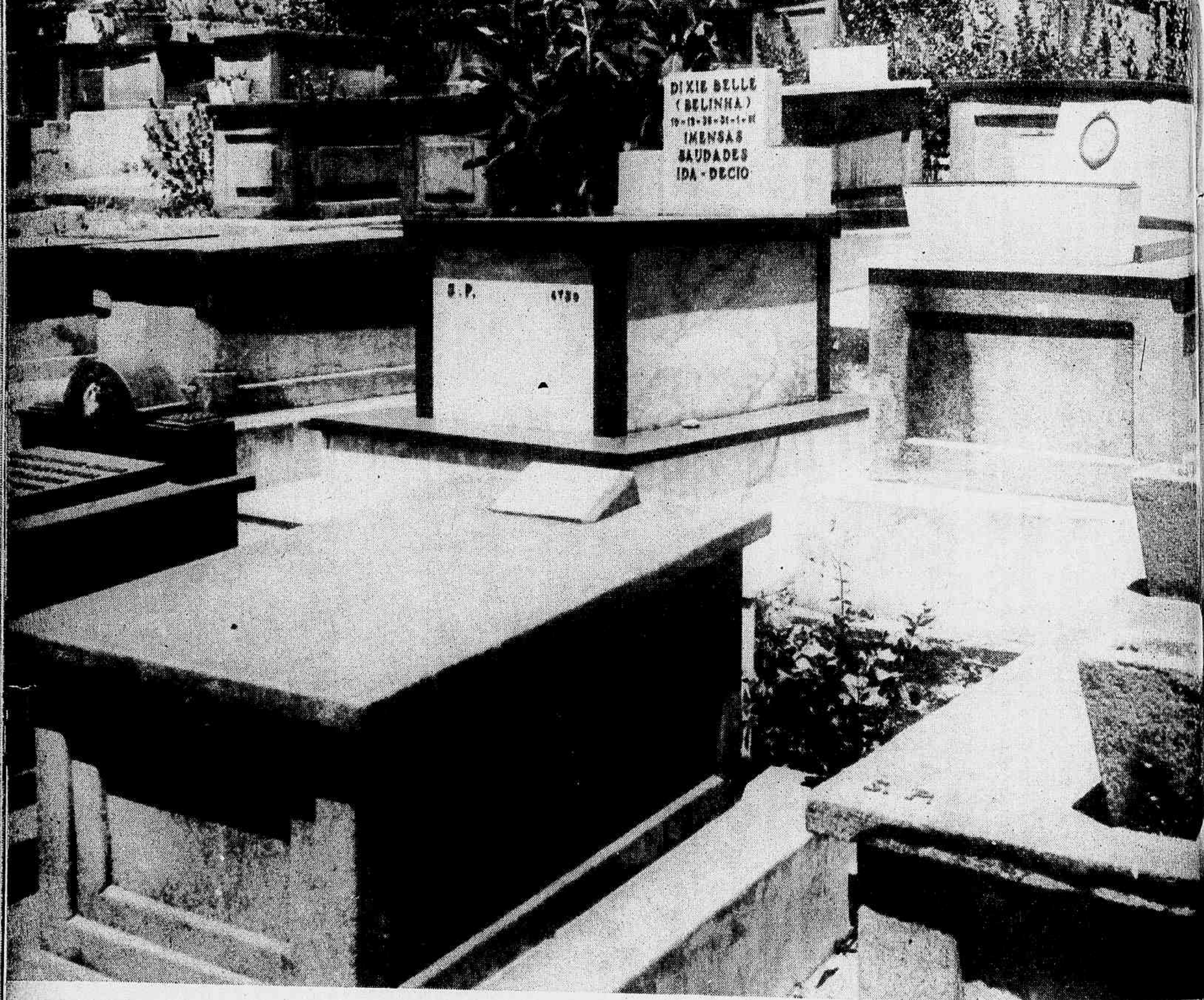
QUEM QUISER aprender o «Cha-cha-cha», que é a última coqueluche parisiense, em matéria de danças, é só observar, com atenção, essas seis fotografias. Parente do samba e do mambo, tem despertado grande entusiasmo pela Europa. No Brasil, tem um nome conhecidíssimo: chachado...



ESSE BAILARINO, que faria sucesso em qualquer Baile de João Caetano pelo mundo a fora, é o célebre Gopinath, ídolo da dança típica indiana. Aqui aparece numa pose característica de um dos complicados bailados da fascinante Ásia, que tanto domínio de nervos exige.

PABLO PICASSO, glória da pintura moderna, com seus filhos: Claude e Paloma, tidos de sua ex-moço Françoise Gilot. Ela fugiu de sua companhia há alguns anos, mas ainda mantém relações de amizade com o artista. A foto foi tirada em Vallauris, onde mora Picasso.

CAMPO SANTO DE CACHORRO



A sombra de muitas árvores frondosas, num recanto silencioso, repousam para a eternidade centenas de cachorros que, quando vivos, desfrutavam duma vida maravilhosa. Mortos, esses cães continuam recebendo homenagens sentidas dos seus bondosos donos e amigos.

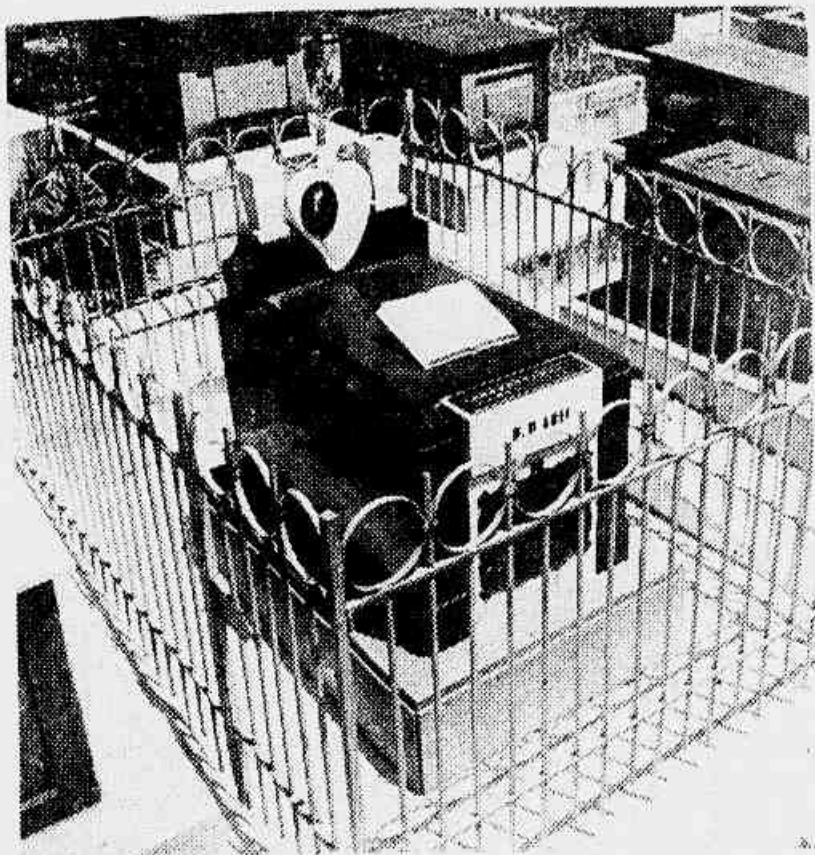
O animal de estimação não soube o que fôsse roer um osso, barafustar pelas bancas das feiras, esgravatar carniça no lixo. Cresceu sob os cuidados da madame, freqüentou clínicas especializadas, saboreou quitutes apetitosos, passeou de automóvel, divertiu-se.

Um dia veio a enfermidade, inflexível, o cão definhou, a madame que o adotara desde pequeno mostrou-se aflita, fêz promessas, recorreu aos santos protetores. Tudo inútil porque o cachorro não teve forças para reagir contra o mal de que estava sofrendo.

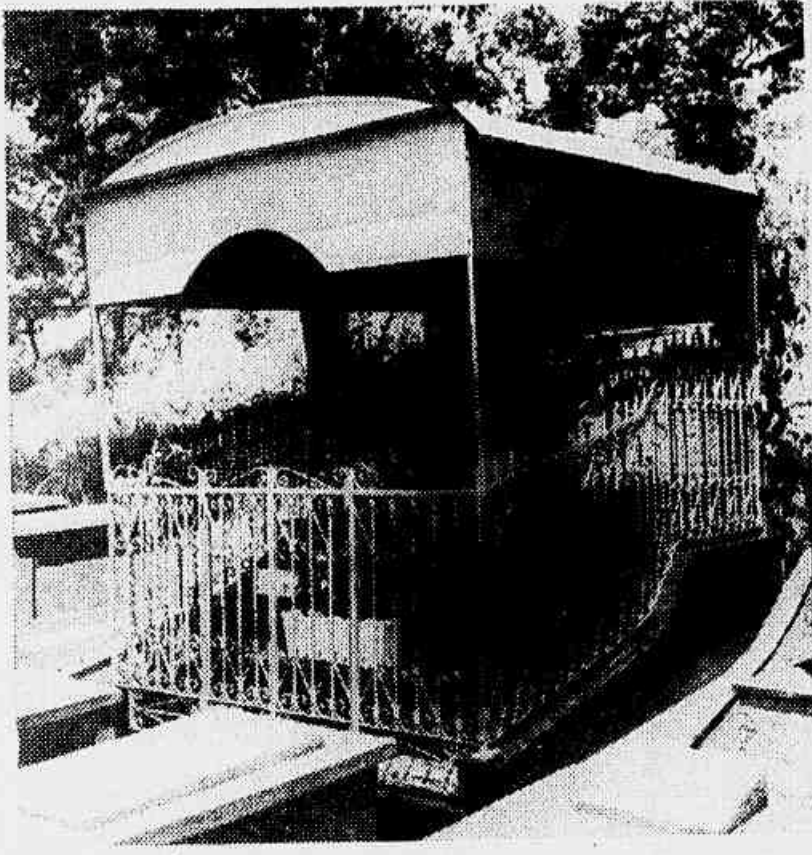
Entêrrro de cão vai em "Cadillac" — Os epitáfios são motivo de riso — Sepulturas de mármore custaram fortunas — Ao lado do cemitério da Avenida Bartolomeu de Gusmão barracões penduram-se no morro — Trabalhador brasileiro, êsse herói anônimo.

Reportagem de JOSÉ LOUZEIRO

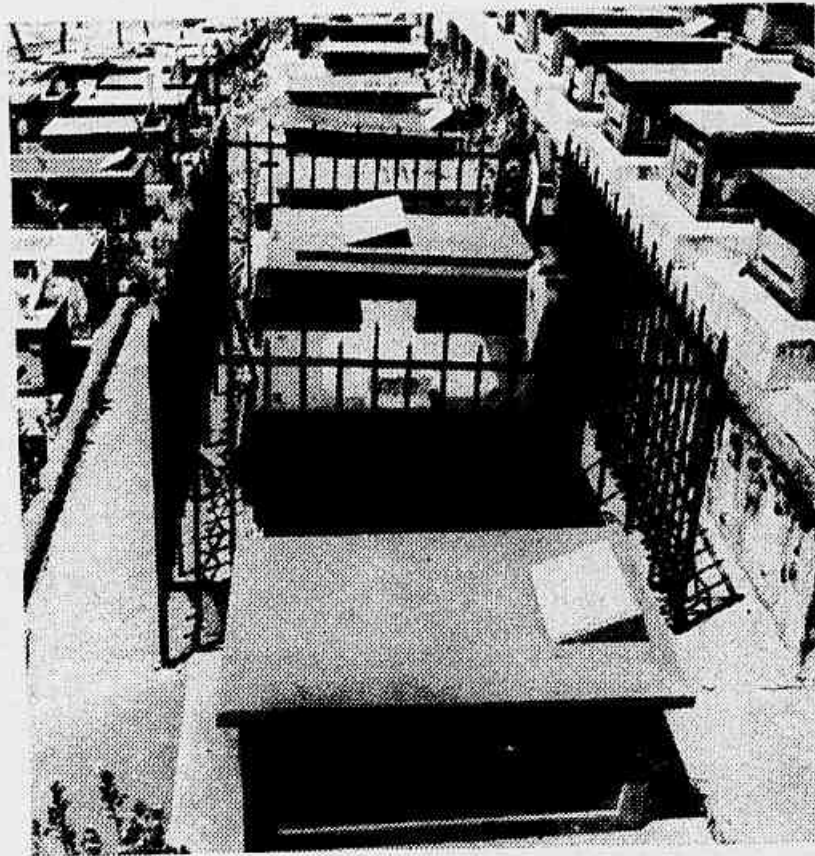
Fotos de NEWTON VIANA



Uma sepultura ricamente ornamentada, com epitáfio é símbolo de afeto ao cão morto.



Na foto, um dos túmulos mais caros do Cemitério de Cães. Custou meio milhão de cruzeiros.



Centenas de sepulturas como estas existem no «Campo Santo de Cachorro», por nós visitado.

E, no leito macio, num apartamento confortável, com decorações nas paredes, rodeado de pessoas tristes, chorosas, nutridas, o cãozinho abandona a vida, verdadeira «sopa», perde-se no mistério da morte. Isso, porém, não é o fim. Surgem os preparativos para o entêrrio, dois ou três «cadillacs» acompanham o féretro até o cemitério. Depois os carros rodam de regresso para a casa enlutada, vencem as antipatias dos sinais de trânsito, são inclementes com os pedestres espavoridos pelas ruas. Os cantos dos galos que passavam despercebidos da madame ocupada com os afazeres do lar, desabrocham agora na tarde chuvosa, definidos, continuam ecoando nas manhãs de sol, nas ruas, na praia. Em cada nota da ave no quintal distante a mulher recompõe no pensamento a figura simpática do falecido cão.

Desolada, ela não se conforma com a ausência do ente querido, torna-se meditativa, sua saudade cresce, fica enorme, toma aspecto de fatalidade. Nasce então a idéia sacrifício por aquele que, em vida, foi o seu fiel companheiro

e amigo de todas as horas. Seu espôso, homem de sentimentos nobres (no que se refere a cachorros) não poupa esforços para conquistar ao seu Tupy ou Gôgô, na terra, aquilo que muitos pobres não conseguem no céu...

A encomenda é feita ao marmorista, as medidas são tomadas, a pedra é adquirida (há casos em que é importada de Carrara), ergue-se o mausoléu com epitáfio e tudo.

Se disséssemos (sem confirmar) que no cemitério dos cães, na Av. Bartolomeu de Gusmão, existem túmulos cujos valores ascendem a trezentos e sessenta e quatrocentos mil cruzeiros, muita gente pensaria que estávamos inventando histórias, que era esperteza de repórter, ou coisa que ó valha.

Mas, recentemente visitamos o campo santo mencionado e ficamos boquiabertos com a extravagância humana ali representada.

A entrada suntuosa, com ciprestes oscilando as ramagens sombrias ao sopro dos ventos escassos, uma rua asfaltada serpeando por entre as árvores bem cuidadas. Mais adiante a la-

deira esburacada (o que é de estranhar...), por onde os carros sobem com os mortos queridos.

No alto, onde outras árvores merencórias denunciam tranqüilidade espiritual, dormem para a eternidade centenas de cachorros que, em vida, tiveram a ventura de desfrutar dos cuidados paternos de um casal milionário ou de pessoas abastadas. Nas suas tumbas, porém, destacam-se epígrafes vistosas, que, ultrapassando os limites do sentimento comum, transformam-se em inconseqüentes demonstrações de opulência e estupidez. Num jazigo (não podemos empregar outro termo), lêmos o seguinte:

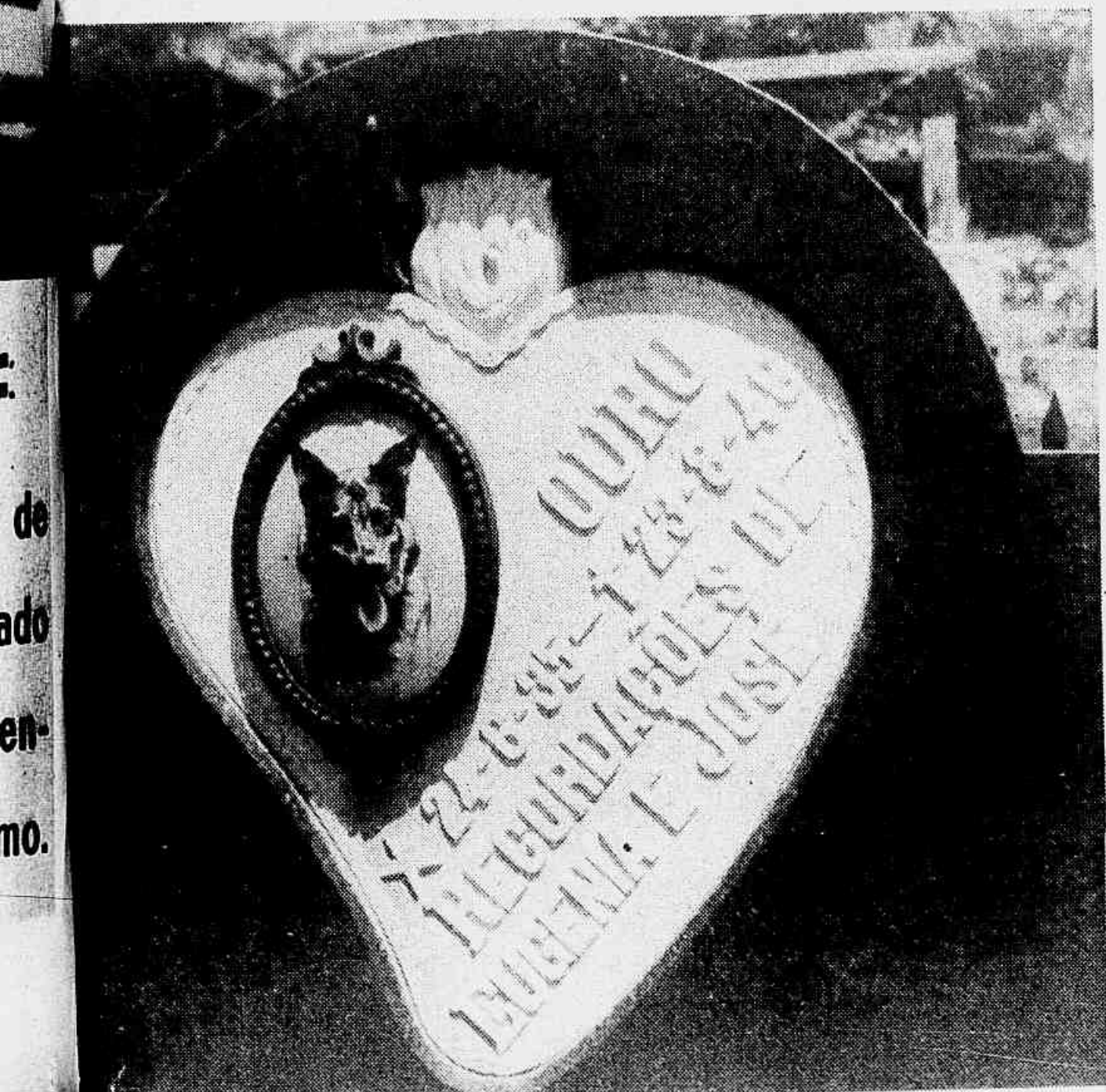
«Meu querido e inesquecível Gôgô, só a morte poderia nos separar, dedicado e fiel companheiro de todas as minhas horas. A tua perda jamais esquecerei. Saudades minhas, querida vítima que o destino quis levar. Minha única alegria era você, Gôgô querido. Adeus, meu primeiro e último amigo.»

Gôgô x 24 — 12 — 1935
+ 7 — 1 — 1945

E, adiante,

Como no sepulcro dos entes humanos, a estréla e a cruz significam nascimento e morte do cão. E o animal enterrado há muito tempo continua despertando saudades nos seus «papaizinhos», que não o esquecem.

Se «Belinha» era uma cachorrinha feia, não importa. A sua lápide com a inscrição em letras maiúsculas atravessará os tempos, confirmando para outras épocas a atitude excessiva da minoria opulenta e inconsciente.



CAMPO SANTO...

«Tupy, meu adorado filho, curta foi a tua vida, porém longa é a saudade que deixas no coração desolado de tua mamãezinha.»

Ou, ainda:

«Fru-Fru querido, durante 12 anos foste nossa alegria. Ficarás para sempre na saudade de seus papaisinhos.»

Por coincidência, bem perto do cemitério de Avenida Bartolomeu de Gusmão inúmeros barracões penduram-se nas faldas do morro, num verdadeiro desafio às leis da gravidade. Quanto aos moradores, principalmente às crianças, não precisamos entrar em minúcias para que os leitores compreendam o grau de miséria em que vivem.

Pequenos esqueléticos, barrigudos, vegetais nas proximidades dos barracões, enquanto seus pais lutam nas fábricas e nas construções, a fim de obterem um salário de fome. Essas crianças não tomam leite, não sabem o gosto dum quitute saboroso, andam nuas, descalças, ninfas trata com carinho. São uns bichos crescendo para o nada, comem carne seca assada com farinha ordinária, dormem no chão. Se conseguem sobreviver, dão origem aos criminosos que lotam as prisões e são temidos pela sociedade que os modelou. Se fogem a essa regra, constituem o que denominamos de **operários**; isto é, homens que rastejam aos pés da minoria excessiva, ocupada em esbanjar o dinheiro ganho à custa das negociatas e exploração do povo.

O homem que trabalha, aquele que é o herói anônimo de todos os dias, anda de trem, agüenta desaforos, não reclama, recebe o ordenado insignificante que mal dá para a compra dos gêneros de primeira necessidade — carne e feijão —, arrasta-se mesmo doente para o serviço, arreventa-se. Quando não pode mais de maneira alguma mover-se, fica no barracão, a mulher sai com a filharada esquelética, posta-se nas esquinas das avenidas, implora a boa vontade do público, mostra a todos que passam a sua desgraça, pede, lastima-se. Tudo inútil. O dinheiro arrecadado destina-se à compra de remédios ao marido, que é o esteio da casa.

As crianças comem alguma coisa para enganar o estômago, a mulher fica curtindo fome até o marido melhorar ou morrer.

Pasado algum tempo o homem fraqueja, a morte ceifa-lhe a vida sem nenhum obstáculo. Duas velas baratas, de sêbo, acendem-se à cabeceira do morto esticado sobre um lençol esburacado. A viúva, os filhos e alguns vizinhos lamentam a morte do infeliz.

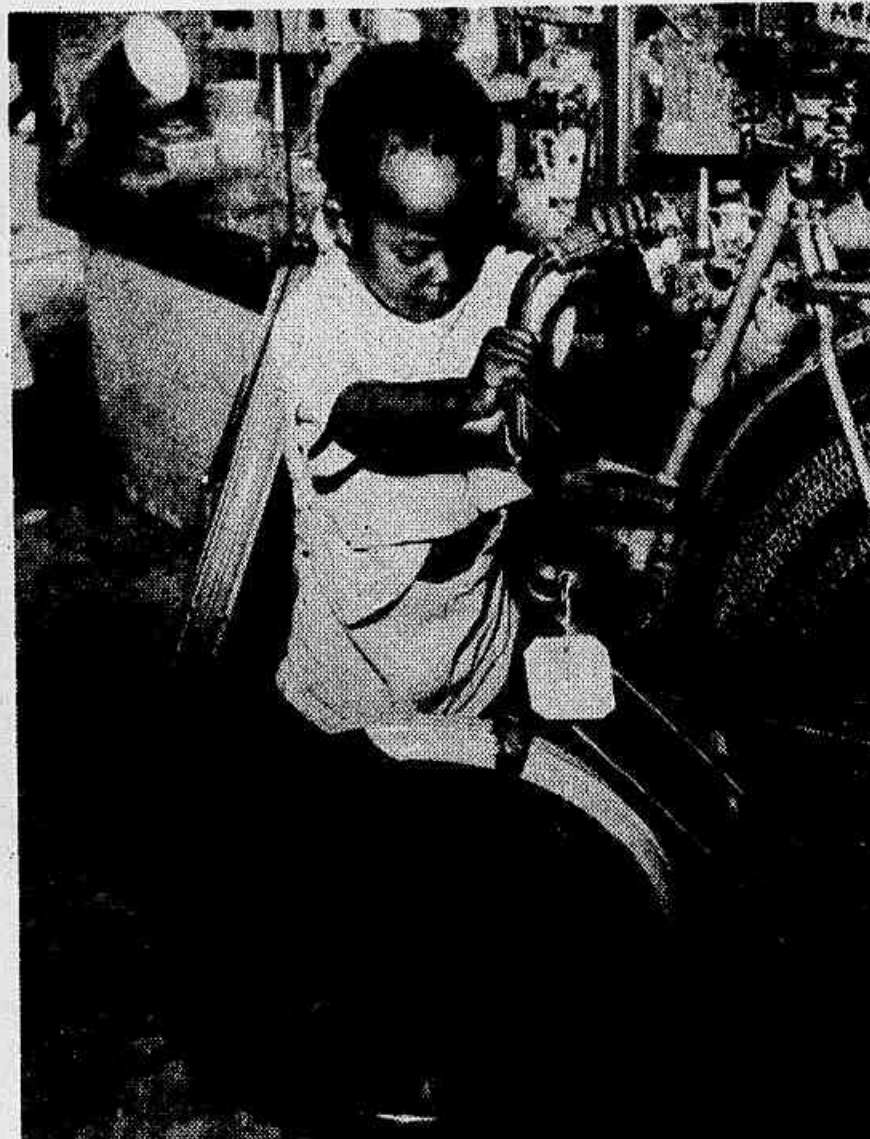
No dia seguinte um amigo ou parente mais próximo, depois de ter conseguido um caixão, põe o cadáver dentro dele, desce morro a baixo.

Geralmente nessa ocasião o cemitério indicado é o do Cajú. Mas, se se tornar necessário enterrá-lo em outro lugar qualquer, então surgem as questões difíceis, o dinheiro adiantado, as idas e vindas para a obtenção do atestado de óbito, como indigente. E, após alguns meses, sem que a família do desgraçado desconfie, são dadas ordens para o «ressuscitar», o que significa arrancar o esqueleto da cova e queimar os ossos, ficando o lugar sempre disponível para mais um corpo nas mesmas condições de penúria.

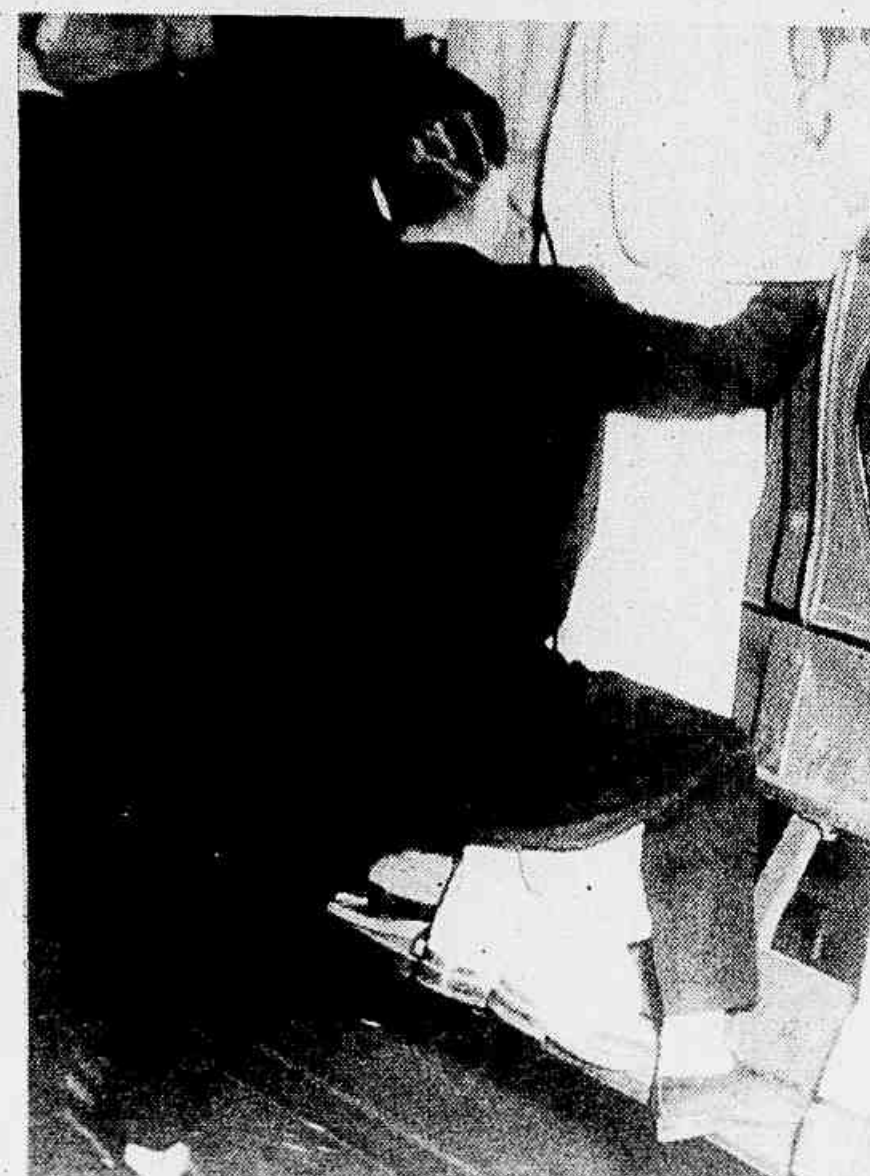
Com os cachorros, como vimos, não acontece o mesmo. Não é verdade?



CACHORROS QUE VIVEM BEM — Neste curto paralelo quanta coisa interessante poderemos notar... Na rua, encolhido junto a uma porta qualquer o infeliz procura conciliar o sono; numa poltrona, talvez no mesmo instante, o cão feliz, deitado sobre confortável almofada, parece ter insônia, está cansado, não deseja dormir. Noutro aspecto temos o garoto pobre, que perde horas em adoração a uma bicicleta, ou a outro lindo brinquedo, enquanto este cãozinho felpudo, despre-



ocupado, adquiriu um balanço moderno, no qual se embala tardes inteiras, divertindo-se. Na outra sequência focalizamos o problema do transporte, essa luta tremenda que o homem de classe média enfrenta diariamente, arriscando muitas vezes a própria vida, como é o caso do cavalheiro que aparece na fotografia. Ao contrário deste cão que numa cesta viaja comodamente ao lado do dono.



FALSOS TÍTULOS

FERNANDO LÔBO

» E sempre foi assim: descobrir um título espalhafatoso, ou de certo modo picante e escrever nos anúncios grandes das ruas, nas fachadas dos teatros da Tiradentes. Os cassinos, de outros tempos, trabalhavam com outras armas: montavam seus «shows» com um título clássico e nos entregavam um punhado de atrações misturadas, que finalizavam, com uma apoteose colorida, bem à moda das festas de colégios no fim do ano. Podia ser «Fantasia em mil côres» ou «Sonho de um boêmio triste» o título era apenas título, sem compromisso com o que pudesse vir, como espetáculo. Depois que os cassinos fecharam e nasceram as «boites», toda gente sabe que o «show» morreu para dar lugar aos cantores e aos pequenos conjuntos. Isso fez o «Vogue», isso fez o «Meia-Noite», isso fazia também o falecido «Casablanca» e depois o «Monte Carlo». Mas o cantor sozinho em casas grandes irritava os de presença. E nasceu a necessidade do espetáculo. César Ladeira lançou a sua série de «Catés Concêrto»; Machado surgiu com um pequenino espetáculo na pista minúscula de seu lugar: «Paris C'est Comme Cas» e a coisa foi empinando. O espetáculo do teatro, por uma série de circunstâncias conhecidas foi se passando para as casas das madrugadas, ganhando forma de gosto mais aprimorado, cortando a piada forte, afastando os diálogos para dar tempo as mudanças dos cenários e, principalmente vestindo moças bonitas a base de bom gosto. Alceu Pena, Gisela, Aelson foram nomes revelados na fase do atual bom gosto de fazer vestir e, muitos outros, que jamais conseguiriam entrar na gaiola dourada da Praça Tiradentes que era um quartel general comandado por Freire Júnior, garantido por Válder Pinto e tendo Iglésias x Paulo Magalhães e mais alguns em rodízio permanente — eles, fizeram o espetáculo bonito que o povo gosta de ver. E os títulos? Sim, eles também correspondem a idéia, eles também têm compromisso com o roteiro. Silveira Sampaio nos dá: «No país dos Cadillacs» e há no seu desfile um seguro compromisso com o título que ele anuncia. «Banzo Aiê» ou «De Pedro a Pedro» são as mesmas coisas. Mas a Tiradentes insiste em ser modelo antigo e quando a gente abre o jornal lê ainda: «Castiga o Couro» ou «Entra na canoa que a boca é boa», espetáculos misturados, sem balanço, sem boca, sem canoa, sem boa, sem nada...

QUITANDINHA

Parece uma «vedette» fracassada o que foi o lindo hotel de Petrópolis. Cheiram, a mofa e naftalina as bonitas salas de outrora. Deu o seu baile mais chocho de todos os anos.

A CAMINHO

De Quitandinha um grupo animado, grupo deste simpático Vítor Bouças que deu a melhor festa de Petrópolis na sua casa de vidros «ray-ban», na segunda feira de carnaval. Seguiram



— JEAN SABLON foi todo para Paris.



OTELO E NANCY: ele para Paris e ela nunca no «Plaza» (Copacabana).



— HÉLIO RAMOS, um piano dentro das noites deste Rio.

rumo a festa. Grupo grande levando no interior de um conversível um piano de apartamento que Alberto Lee tocava, como sempre, bonito. O grupo chegou e mal desembarcou de suas conduções já um amigo de bolso alheio havia batido a carteira do Vítor com 21 mil cruzeiros! Quitandinha já foi melhor freqüentada...

OTELO

Mil vezes perdeu o nosso artista a oportunidade de ver mundos. O sonho, entretanto, que traz dentro do peito é Paris. E isso quer dizer bom gosto, pois fora de Paris, o resto é orquestração parecida. E agora ele anuncia que vai mesmo e vai bem coberto, pois é Carlos Machado quem o leva num «show» que deverá ser passado no «Le Carroussel», em fins de dezembro.

QUEM SABE SABE

A marchinha que armou o maior bode no funéreo carnaval que acabou foi gravada em ritmo de tango. Idéia dos seus editores, os Vitale, que sabem bem o que fazem. A vendagem em ritmo argentino foi maior e mais fácil que a propriamente feita em casa.

ROTEIRINHO

No «36» há Caymmi. ★ No «La Ronde» o uísque bom, a voz de Norma Suely, o piano de Siqueira e os dentes alvos de Emília. ★ Chuca-Chuca não está mais no «Ma Griffe». ★ Carminha Mascarenhas vai para o «Sacha's». ★ Raul, marido de Carminha Mascarenhas, piano sonoro das noites do «Little Club». ★ Um violão, uma voz bonita, canções do norte nas noites do «Cangaceiro». Tudo é Gilvan. ★ Helena de Lima, sua voz e sua beleza dentro do «Jirau». ★ Feijoada só para nove deu Vinicius de Moraes no Jirau. ★ Soutinho, o «barman» muito rápido lá no «Mesbla».

ANCE



DAVID PROCUROU ORIENTAR ANGEL E DESCOBRIU QUE O RAPAZ ERA DE FATO INTELIGENTE.

A FÚRIA DOS JUSTOS

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

● Angel Chavez, um jovem mexicano radicado em San Juno, foi acusado pela morte de Maria Wiltse. O advogado Barney Castle assume a defesa, tendo como ajudante David Blake, jovem professor de criminologia que teve sua carreira interrompida na Universidade para adquirir prática legal. A atraente secretária de Barney, Abbe, vem a saber que a morta sofria do coração e sugere que talvez fosse essa a causa do desenlace. A mesma teoria é justificada pela tenacidade com que o acusado afirma que não maltratou a moça, a qual falecera em seus braços quando se beijavam. Entretanto um escândalo vem a registrar-se quando um grupo de agitadores tenta abrir o cárcere para linchar o jovem. Este é salvo graças à perspicácia de Barney, que mais tarde sugere que David permaneça incumbido dos trabalhos perante o tribunal enquanto ele embarca para Nova Iorque a fim de reunir fundos para a defesa que é cara. David e Abbe, atraídos mutuamente, interrompem seu trabalho legal quando recebem uma chamada telefônica de Barney, que reclama a presença imediata de David naquela cidade. Mesmo quando Abbe trata de persuadi-lo a não ir, o rapaz arruma a mala e vai sem demora tomar o avião rumo a Nova Iorque. Durante uma reunião em que Barney assume a presidência, com o propósito de reunir dinheiro, David fica assombrado ao descobrir que seu chefe convocara várias organizações comunistas com as quais tem seus entendimentos, utilizando o caso Chavez para alimentar a propaganda de suas doutrinas. Desiludido, David volta a San Juno ressentido porque Abbe não o avisou da verdade. Ela confessava que por algum tempo teve aproximação com os comunistas mas que, sentindo-se desgostosa pelo procedimento deles, afastara-se. Enamorado como está de Abbe, David pede-lhe que esqueça o passado e o ajude no presente a salvar Angel Chavez.

CAPÍTULO IV

ABBE concordou com a cabeça. — Finalmente comecei a pensar por mim mesma e a fazer-me perguntas. Foi quando apareciste na minha vida. Vi o que estavam fazendo contigo e quis que ficasses orientado de tudo... mas não podia. Eu pertencia à família e não me era possível trair aos que julgava meus irmãos e minhas irmãs...

Depois de uma pausa, como se estivesse repassando os acontecimentos do passado, Abbe prosseguiu:

— Deixei que comparecesses à assembléia, sim. Também permiti que te mandassem essa intimação... mas eu era agora uma desesperada. Compreendi que deixando tudo correr desse modo, deixaria que eles te destruíssem. E não posso admitir que o façam.

— Contudo não me destruíram, Abbe. E não creio que o possam fazer. Acreditas que me destruam?

— Tenho fé em ti.

— Garantes que não voltarás a fugir da verdade?

A amargura do seu semblante se desfz e

um sorriso amoroso surgiu naquele rosto bonito, ao mesmo tempo que seus lábios murmuravam:

— Jamais! Juro...

Um corpo de júri capaz de satisfazer tanto ao Estado quanto à Defesa, foi por fim organizado e o juiz Motley deu início aos trabalhos, enfim. Ia julgar-se Angel Chavez, advertindo-se ao júri que deveriam concentrar sua atenção unicamente na evidência apresentada ao Tribunal — o crime em si mesmo — deixando de lado a repercussão dos acontecimentos paralelos.

Armstrong falou pela Promotoria, acusando a Angel de ter seduzido a jovem Maria Wiltse e atribuindo-lhe a morte repentina da moça. Afirmou que a lei previne expressamente que a morte resultante da prática de um ato dessa natureza, é considerada um crime.

Então David pôs-se de pé e com toda calma dirigiu-se aos membros do júri nesses termos:

— Meu ilustre colega expôs o caso perfeitamente bem. Se a evidência de ter Maria Wiltse falecido em resultado de uma sedução criminosa por esse jovem é o bastante para convencer aos senhores de que isso é a expressão da verdade, então terão que considerar o acusado irremediavelmente culpado. Eu duvido, entretanto, que o senhor Armstrong possa apresentar qualquer prova nesse sentido, simplesmente porque as coisas não aconteceram assim.

Ouviram-se alguns rumores na assistência e a primeira testemunha de acusação foi chamada a depôr. Era o doutor Johannes Schacter, especialista em doenças do coração. Ele afirmou que a morte de Maria Wiltse havia ocorrido em consequência de um ataque cardíaco, provocado por um violento esforço. David pôs-se de pé novamente para discutir a afirmativa do médico.

— Estou informado de que essa moça vinha sendo tratada pelo senhor, não é verdade?

— Efetivamente, respondeu Schacter. Desde muito criança sofria de uma febre reumática e o tratamento foi relativamente prolongado.

— E seu restabelecimento deu-se de maneira satisfatória?

— Sim senhor.

— Sofreu ela alguma recaída proveniente da mesma doença, faz aproximadamente um ano?

— Realmente, sofreu.

— E durante essa recaída... recomendou o senhor, à mãe da jovem, que fosse bondosa e indulgente com ela, porque sua filha não tinha probabilidades de viver muito tempo?

— Sim, recomendei.

David aumentou a intensidade de sua voz e em tom autoritário prosseguiu:

— Não lhe explicou também que o coração debilitado de Maria poderia falhar a qualquer momento? Que de um instante para outro, no momento em que a moça se levantasse da cama, ou caminhasse um pouco, o coração poderia sustar suas batidas?

O médico vacilou.

— Bem... não me recordo exatamente das palavras exatas, mas...

— Vamos, doutor. Essa jovem cujo coração o senhor encontrou sumamente fraco para suportar o curso ordinário da vida, foi encontrada morta. Por que atribui o senhor essa morte a um violento esforço? E isso apesar da circunstância de ter sido o cadáver encontrado ao pé da escada...

— Descer essa escada não significava...

— Tem alguma prova médica de que Maria acabava de descer? — atalhou David. Não seria mais provável admitir que estivesse subindo?

Alguns murmúrios entre os espectadores provocaram um pedido de silêncio do Juiz. Armstrong levantou-se e pediu um intervalo nos trabalhos, o qual foi concedido, apesar dos protestos de David que ainda não havia terminado seu interrogatório à testemunha.

(T R I A L)

Novela baseada na película do mesmo título da M.G.M.

PERSONAGENS:

David	GLENN FORD
Abbe	DOROTHY McGUIRE
Barney	ARTHUR KENNEDY
Juiz Armstrong	JOHN HODIAK
Sra. Chavez	KATY JURADO
Angel Chavez	RAFAEL CAMPOS
Magistrado Motley	JUANO HERNANDEZ
A.A. Sanders	ROBERT MIDDLETON

tor Schacter limitou-se a repetir seu diagnóstico sobre a morte de Maria. Paralisação do funcionamento cardíaco em consequência de um esforço violento. Ao observar pelo tom e maior firmeza de suas palavras, que o médico havia sido orientado por Armstrong durante o intervalo, David desistiu do seu interrogatório e a testemunha foi dispensada pelo juiz.

O Promotor apresentou então como testemunha um rapaz hirsuto, de uns 28 anos, chamado Johnson, que admitiu o seguinte: Na noite dos acontecimentos, estava em seu automóvel quando ouviu, súbito, um grito. Ao dirigir o farol do carro para o lugar de onde viera o grito, deparou com Maria Wiltse e Angel Chavez abraçados.

— Quer o senhor dizer que primeiro acendeu o farol e em seguida com ele sondou as trevas até descobrir alguém que acreditou fosse o acusado, não é verdade? perguntou David, começando novo interrogatório.

— Não. Eu simplesmente voltei o farol para a direção de onde viera o grito, acendi-o e descobri os dois.

David mandou chamar dois homens que estavam empurrando uma pequena mesa de rodas sobre a qual estava instalado um refletor de automóvel.

— Tenha a bondade de pôr a sua mão no acendedor, disse à testemunha.

Johnson atendeu com certa timidez.

— Este farol é igual ao que usa em seu automóvel?

— É, sim.

— Quando eu fizer um sinal, execute a mesma ação que o senhor diz ter executado nessa noite.

— Protesto, senhor juiz, gritou Armstrong.

— Não vejo nenhuma razão para protestar, respondeu o magistrado Motley.

Johnson dirigiu o rosto em atitude beligerante para David:

— Até onde quer o senhor que aponte a luz do farol?

David levantou a mão e estalou os dedos. As luzes da sala apagaram-se e o tribunal ficou na obscuridade.

Abbe soltou um grito:

— Muito bem, senhor Johnson insistiu David.

A testemunha acendeu a lanterna e apontou-a em direção ao carcereiro Sanders. Pôs-se a movê-la de um ponto para outro, tratando de encontrar o lugar de onde provinha o grito de Abbe, enquanto o jorro de luz clareava as cabeças dos espectadores, os componentes do júri, um polícia que estava ao fundo e finalmente se deteve em Abbe, que estava junto ao interruptor das luzes da sala.

David deixou escapar um sorriso de triunfo, enquanto Armstrong, entre os murmúrios da assistência, começou a vociferar. Em vão o juiz Motley procurava impôr ordem, martelando a superfície da mesa.

David estava radiante pela vitória que pouco a pouco lhe sorria no andar do processo. Continuando, no seu princípio de não convocar testemunhas da defesa, limitando-se a fazer que Armstrong provasse sua acusação com as declarações das testemunhas do Estado, David lograva estabelecer uma forte dúvida nas declarações feitas por elas. Ademais, conservando Angel Chavez fora da cadeira das testemunhas, como o próprio Barney havia sugerido desde o início, evitava que Armstrong, com sua astúcia, envolvesse o rapaz em uma declaração para ele prejudicial.

Nessa altura, Barney regressou de Nova York e imediatamente ordenou a David que pusesse o acusado na cadeira das testemunhas. David ficou perplexo e protestou vigorosamente.

— Barney, isso não é direito. O rapaz é inocente...

— Como pode saber? indagou Barney.

— Porque é bastante ouvi-lo para alguém se convencer dessa inocência, insistiu David indignado.

— Então, por que o júri não acreditará com a mesma facilidade de que o senhor?

— Você mesmo disse que só o testemunho de Angel poderia condená-lo. Se o sentamos na cadeira das testemunhas damos a Armstrong a oportunidade que ele deseja...

Abbe, que estava servindo licor aos presentes, e que já havia bebido algumas doses, aproximou-se de ambos, vacilando.

— Parece que o partido tem agora outros planos, não é, Barney? balbuciou ela.

— Sente-se, Abbe! ordenou Barney.

— Juntaram dinheiro para um mártir, continuou Abbe, e agora resolveram produzir um mártir... Angel Chavez tem que morrer! Você pode negar, Barney?

— Nada tenho o que negar, gritou Barney. E nem quero fazer comentários. Simplesmente minhas ordens são para que amanhã às nove horas esse rapaz apareça na cadeira das testemunhas para ser interrogado. O senhor vai incumbir-se de fazê-lo ou prefere que eu o faça, David?

(Cont. no próximo número)



A luta entre David e Armstrong estava no "climax": seria enforcado o acusado inocente?

Quando a sessão recobriu, o dou-



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

**12 VIAGENS
POR DIA**

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Igo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Alvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



AZASO EB-5

**EXPRESSO
BRASILEIRO**
VIAÇÃO Lda.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 10 E 16 DE MARÇO DE 1978
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Normalize como puder sua vida e ponha em ordem os seus negócios, desde já, pois o novo período se anuncia cheio de influências os mais desordenados e altamente prejudiciais à organização, aos assuntos profissionais.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — As associações de interesse estarão magnificamente astralizadas na semana entrante. O novo período favorecerá a constituição de sociedade e a vida sentimental. O leitor encontrará facilidade no que empreender.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Os três primeiros dias da semana, apesar de favoráveis, não se recomendam para altos objetivos, dada a fraqueza dos respectivos influxos planetários. Deixe para os dias restantes o que, de importante, se oferecer.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Haverá favorabilidades gerais no curso da semana em pauta. Tudo correrá normalmente, com possibilidades de melhoria, especialmente no setor financeiro e no campo das especulações. O leitor poderá ter surpresas muito agradáveis.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Suas ambições, aumentadas como vão ser no novo período, deitarão a perder algumas boas oportunidades. No seu interesse controle o desejo imoderado de posse. O egoísmo além dos limites da dignidade humana, é condenável.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Mantenha-se discreto durante toda a semana, não participando, mesmo aos íntimos de sua inteira confiança, o que pretende fazer, notadamente em matéria de negócio. As delações, as inconfidências e as traições estarão no ar.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Não aceite sugestões contrárias ao seu ponto de vista e aos seus interesses. O leitor, durante a semana, estará em condições de aconselhar, dadas as felizes intuições que os astros lhe vão dar.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Com exceção dos militares e dos médicos, o leitor poderá estabelecer relações ou fazer negócio com qualquer pessoa. Sua posição será a mais vantajosa, nesse particular, especialmente nos cinco primeiros dias do novo período.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — O leitor vai ter uma semana de chance nos negócios e de oportunidades na vida social. As atividades sentimentais, do mesmo modo, serão beneficiadas. No final do período haverá saldos apreciáveis, morais e materiais.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Miléssimos, apenas, separarão sua posição nativa da evolutiva, no início da semana. Vai ser revivida sua ambição radical. O fato poderá significar uma grande melhoria na atuação e a realização dos mais caros desejos.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Observe a marcha do tempo como quem fica à margem vendo passar as águas do rio da vida. Não provoque nem precipite os acontecimentos. Eles virão ao seu encontro. Tudo será melhor se o leitor proceder assim.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Aspectos harmoniosos e fundamentais atingirão, na próxima semana, o astro que lhe conduz o destino. A semana poderá propiciar-lhe grandes coisas, mudando, completa e revolucionariamente, a situação. Prepare-se para o que vier.

OS NOMES DA SEMANA

Março, 10	—	Salvino	—	Juliana.
" 11	—	Liberato	—	Edwiges.
" 12	—	Floriano	—	Deolinda.
" 13	—	Humbelino	—	Martília.
" 14	—	Teobaldo	—	Horacina.
" 15	—	Isidoro	—	Isabel.
" 16	—	Amadeu	—	Dulcinéa.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Março, 10	19° 54' 00"	(Signo dos Peixes)
" 11	20° 53' 56"	(" " ")
" 12	21° 53' 49"	(" " ")
" 13	22° 53' 41"	(" " ")
" 14	23° 53' 30"	(" " ")
" 15	24° 53' 18"	(" " ")
" 16	25° 53' 3"	(" " ")

O GRANDE MEM DE SÁ

EDUARDO TOURINHO

DE ilustre família descendia o dr. Mem de Sá Barreto, o grande terceiro governador geral do Brasil. O poeta Sá de Miranda era seu irmão. Antes de para aqui vir, exercera importantes cargos do Reino. Fôra administrador da igreja de Nogueira; desembargador da Casa de Suplicação, a 12 de maio de 1532; corregedor dos feitos civis da Corte, depois. Em 1541 é desembargador dos Agravos. Em 1553 desposa D. Guiomar de Faria, filha do licenciado Afonso Anes e, em 56, obtém carta de Conselho.

A 23 de junho desse ano é nomeado, por um triênio, para governar o Brasil. A 1 de Maio do ano seguinte deixa o Tejo mas, «por serem os ventos contrários», gasta oito meses na viagem. É a 28 de dezembro que desembarca na Cidade do Salvador e passa a primeira semana — em exercícios espirituais — no Colégio dos Jesuítas. O grande Nóbrega, seguramente, deu-lhe conta do mau estado da Colônia. Da displicente tolerância de D. Duarte da Costa e do dissídio aberto entre ele e o bispo D. Pêro Sardinha, ressentia-se a terra toda.

«Que achou Mem de Sá ao chegar? Na Cidade do Salvador — como em Pernambuco ou S. Vicente — demandas, jogos de cartas, explosões de ódio... Exasperados pela crueldade dos colonos, viviam os silvícolas em constantes revoltas. Por toda parte, penúria e insegurança. Mas ele — «espelho de governadores do Brasil» — logo tratou de remover «a grande imundície que comia esta terra e fazia gastar mal o tempo». Quando a 3 de janeiro de 1558 iniciou sua fecunda administração, de imediato perseguiu a usura e de tal forma comprimiu as chicanas judiciais que, na seguinte audiência do ouvidor Pedro Borges, «não houve parte alguma requerente».

Para pacificação dos selvagens, reunia-os — na medida do possível — em aldeias administradas pelos inácianos. Proibiu a antropologia simbólica dos brasis, definiu a guerra justa e ordenou a libertação dos índios injustamente escravizados.

Ajudou a construção da Sé de três naves da Bahia e promoveu a da nova igreja do Colégio dos Jesuítas: a Catedral dos dias presentes. Reergueu a casa da Câmara, a da Cadeia, a dos Armazéns e fez levantar outras com telhados e sobradados. Rodeou, finalmente a Cidade do Salvador de novos muros com baluartes artilhados.

Sem guardas e sem pagens, costumava o íntegro terceiro governador geral do Brasil ir — todas as manhãs — à igreja dos inácianos. Descobria-se devotadamente ao passar em frente da capela da Santa Casa de Misericórdia, fundada no seu govêrno, que sucedera ao primitivo hospital de Nossa Senhora das Candeias, a enfermaria «onde se curavam não só os enfermos da cidade, como os que aí aportavam». Detinha-se, de passagem, em face da Sé em construção e, muita vez, seguia até o Campo da Palma e o bairro do Destêro que, então, começavam a povoar-se.



MEM DE SÁ — Irmão de Sá de Miranda. Governador do Brasil.

Uma fugida ao seu Engenho de Sergipe de Conde era, sempre, às ocultas e de noite. Não desejava que sua ausência facilitasse distúrbios na cidade. Tolerante, a 6 de março de 1570 escreve à rainha D. Catarina: — «Esta terra não se pode nem se deve regular pelas leis e estilos do Reino. Si Vossa Alteza não fôr muito fácil em perdoar, não terá gente no Brasil; e porque o ganhei de novo, desejo que se elle conserve». Mas — justo e enérgico — não hesitava em castigar delinquentes e gananciosos. Quando o ouvidor geral Fernão da Silva contou-lhe que certo criminoso — soldado da expedição de Francisco Barreto que ia conquistar Monomotapa e a Bahia arribara — ao ser levado ao patíbulo por três vezes a corda se partira e os irmãos da Misericórdia requeriam seu perdão, logo desconfiou de trâmóia. Ciente de que tal ocorrera pelo propósito trincamento dos barãos, fez — pela madrugada — retirar o condenado da cadeia e, de novo, ser conduzido à força. E dessa vez — informa frei Vicente do Salvador — «a corda não quebrou»...

No Rio de Janeiro, a mercadores de vinho que queriam vender o produto por maior preço, respondeu — arrancando o capacete da cabeça e mostrando-o aos requerentes pasmados — que «sim, mas este é que há de ser o quartilho». E, assim, estabeleceu para maior preço melhor medida.

A Cururupeba — principal rebelde que transgredira as novas leis por ele fixadas — puniu exemplarmente. Para salvar o donatário Vasco Fernandes Coutinho e os moradores do Espírito Santo de apertado cerco dos implacáveis Ai-

morés, enviou cinco barcos de socorro. Na gaia «São Simão», seguiu seu filho Fernão de Sá. Cobrindo a retirada de companheiros no rio Cricaré — o São Mateus dos dias presentes — encontrou ele a morte a pelejar heróica-mente contra os bárbaros.

Submeteu Mem de Sá as tribos de Ilhéus e Pôrto Seguro. Debelou a conjuração dos Tamoiolos contra São Vicente. Curou a varíola e extinguiu a fome na Bahia. Fez com que Vasco Rodrigues Caldas realizasse — à cata de ouro — uma Entrada em Minas Gerais. E foi graças a determinações suas que Luís Martins, em 1562, pôde exibir amostras do precioso metal à Câmara de Santos.

Para a fundação do Rio de Janeiro, por duas vezes empreendeu terríveis lutas contra Tamoiolos e franceses. Coube-lhe a glória de como vencedor — após os árduos trabalhos de Estácio na enseada da Cara de Cão — estruturar definitivamente esta Cidade de São Sebastião — preito a um santo e homenagem a um rei — nas cumeadas do desaparecido Morro do Castelo: 1 de março de 1567.

Dos extraordinários serviços do grande Mem de Sá ao Brasil, há clara notícia nas cartas de Nóbrega e nos depoimentos dos cavaleiros fidalgos Heitor Antunes e Sebastião Álvares, do alcaide-mor Diogo Moniz Barreto, do almoxarife Luís da Costa, do tesoureiro Vicente Monteiro, do bacharel mestre Afonso — cirurgião do rei — e do bispo D. Pedro Leitão. Com ele e com o padre Inácio de Azevedo — Visitador da Companhia de Jesus — regressou Mem de Sá a Bahia, em março de 1568, após vencer tamoiolos e franceses. Todos esses testemunhos ilustram o INSTRUMENTO dos serviços do grande terceiro governador geral.

E porque tão bem serviu ao Brasil e porque tanto trabalhou nesta «terra vagarosa», ele — que para governar a Colônia viera por três anos — por dezesseis o Brasil governou. Em vão, escrevia para o Reino: — «Sou velho, tenho filhos que andam desamparados, uma filha que estava no mosteiro de Santa Catarina de Sena em Évora mandou frei Luis de Granada que saísse». Em paga de tudo quanto fizera, apenas solicitava: — «O que peço agora a V. A. he que me mande ir, porque ja sou velho e sei que não sou para esta terra. Devo muito, porque guerras não se que-rem com miséria, e perder-me-ei se mais ca estiver».

Mas ao Brasil a quem tanto deu, teve Mem de Sá — tal o apóstolo Manoel da Nóbrega — de também dar os últimos dias de sua existência. Na Cidade do Salvador e a 2 de março de 1572, cerrou para sempre os olhos. Foi sob palavras de singela sentida eloquência — «In-palavras de singela sentida eloquência» — que os jesuítas lhe deram sepultura no chão de sua igreja, a igreja que ele fizera edificar.

E porque assim foi o dr. Mem de Sá Barreto — «espelho de governadores do Brasil» — disseram Southey e Teodoro Sampaio que a ninguém, mais do que a ele e a Nóbrega, tanto devem o Brasil e os brasileiros.

NOVELAS E TEATROS

SPECTATOR

VALORES NOVOS



Essa que aí vêem é Maria Celeste, um dos valores novos de destaque das Associadas cariocas, onde vem atuando com agrado há mais de três anos, principalmente na TV-Tupi. Maria Celeste, que é pernambucana, interpreta o baião com a cadência característica desse ritmo, sendo, igualmente, uma exímia dançarina do frevo. Tem vários discos gravados. No Recife, obteve muito sucesso ao lado daquele garoto prodígio — Paulo Molin. Aí está uma jovem de grande futuro.

3 As TV Tupi e Rio têm apresentado os espectadores com horas de ótimo entretenimento através da apresentação de novelas ou peças teatrais completas. Essas exhibições, que a princípio eram feitas com elementos do elenco das próprias emissoras, foram sendo ampliadas através de contratos assinados com artistas do teatro profissional, que têm dado esplêndidas representações. Dêsse modo, o público que aprecia esse gênero artístico e que muitas vezes não tem poder aquisitivo para assistir às obras dos seus autores prediletos nos palcos dos nossos teatros, acompanham essas exhibições com pleno agrado...

A TV-Tupi, com frequência, exhibe em capítulos, originais célebres, bem como outros de autores contemporâneos, como agora acontece com «Um passo no escuro», de Ilza Silveira, que em seus primeiros capítulos tem impressionado bem aos espectadores, não só pelo texto como pela correta interpretação, que lhe dão os vários elementos do elenco da Tupi, que deles participam como Alberto Perez, Paulo Porto, Ioná Magalhães e muitos outros.

Depois de uma série de representações em que se destacavam Paulo Autran e Tônia Carrero, o «Teatro de Comédias» leva ao público, no momento, interessantes peças em que aparecem Nizette Bruno, Magalhães Graça, Delorges Caminha e outros nomes de destaque do nosso teatro.

O «Grande Teatro», às segundas-feiras, tendo como principal elemento Jardel Filho, vivendo os mais diversos papéis, acompanhado de outros artistas de igual mérito que com ele contracenam, tem mostrado o que de melhor existe no teatro nacional e estrangeiro.

A TV-Rio contratou para uma temporada a popularíssima Alda Garrido, que vem obtendo grande sucesso encarnando caipiras, gênero em que se iniciou no teatro de comédias. Alda, como acontece no palco, sente-se também perfeitamente à vontade ante às câmaras de TV e distrai bastante aos que assistem às suas representações. Pena é que os elementos que com ela se apresentam, em sua maioria sejam bastante fracos.

Como vemos, as TV-Rio e Tupi têm dado o melhor dos seus esforços a fim de levar ao público peças internacionais e de autores brasileiros, através da interpretação dos melhores elementos de teatro. Por enquanto essas representações têm obtido pleno sucesso e naturalmente o mesmo acontecerá daqui em diante com a exhibição de novos contratados, igualmente elementos de destaque dos nossos palcos.

Vamos melhorar?

«Lojinha Musical» é um interessante programa que leva aos espectadores as mais recentes gravações, principalmente de músicas brasileiras, comentadas por Paulo Soledade.

Essa é uma idéia oportuna para orientar aos discófilos a respeito das gravações que deverão adquirir e ainda mais que Paulo leva sempre ao programa algum cantor, autor ou solista de nome e comenta as suas mais recentes gravações. «Lojinha musical», no entanto, precisa ser um pouco mais movimentada, pois cansa aos espectadores ouvir por longos minutos os discos que Paulo leva para serem tocados, enquanto a câmara o focaliza durante os seus comentários.

★

As aparições de Virginia Lane na TV-Tupi continuam decaindo de interesse. Os programas em que participa são geralmente feitos sob a forma de revistas e, vez por outra, exibem bons números, como aconteceu em uma das últimas apresentações, quando cantou com agrado do público o «Trio Paraguaio», e Jorge Lorêdo fez algumas perfeitas imitações, inclusive do locutor Oduvaldo Cozzi.

Virginia deveria procurar destacar-se mais nessas exhibições, cuidando melhor dos números que apresenta, geralmente bastante antigos e sem interesse para o público.

★

Os defeitos técnicos continuam prejudicando em muito a boa apresentação dos programas das nossas emissoras de TV. A imagem e o som têm estado péssimos.

A TV-Tupi, já por duas ou três vezes permaneceu fora de funcionamento durante várias horas, devido a essas deficiências, o que irrita aos espectadores, que deixam de assistir aos seus programas preferidos, bem como aos cronistas que têm o seu trabalho de comentário e crítica muito prejudicado.

O que estará acontecendo? Deficiência de material? De técnicos especializados? De qualquer modo, essas falhas precisam ser superadas com urgência.

Grau dez:

Para «No mundo dos espetáculos», apresentação de Alfredo Souto para a TV-Rio, Alfredo divide o seu programa em diversas seções e cada semana entrevista um elemento de destaque do teatro, mantendo com ele interessante palestra. A conversa é encerrada com o convidado da noite interpretando um pequeno trecho de uma de suas peças de maior sucesso.

Agrada ao público a maneira simples e cordial com que Alfredo a ele se dirige.

—//—

Para Jackson do Pandeiro e Almira, que cantando e dançando números sertanejos no «Forró do Jackson», agradam muito pelos passos e trejeitos curiosos que executam.



Grupo tirado durante as representações teatrais da TV-Tupi, vendo-se entre outros, Paulo Mauricio, Heloisa Helena e Mauricio Sherman.

A FIGURA
EM FOCO



M. H.

Inteligente, bonita,
Rainha sem ter rival.
Seguirá, tôda catita,
Mui breve pra Portugal...

A SEGUNDA MAIS BELA DO

MISS EL SALVADOR: LOURA, DE OLHOS CASTANHOS. ALTURA: 1,60. PESO: 58. CADEIRAS: 85. IDADE: 18 ANOS. AQUI ESTÊVE, INCONTA, E S

Texto e fotos de SÉRGIO ANDRADE

chaves como surpresa de ano novo. Acontece que eu e Jenny sempre sonháramos em estudar na América. Jenny queria ser Bacteriologista. Eu almejava tornar-me Administradora de Negócios, a fim de seguir a carreira de meu pai. Com os corações aos pulos, mudamo-nos para a Flórida.

— Vocês vivem sòzinhas nos Estados Unidos? Interrompeu o repórter.

— Nem tanto assim. Papai e mamãe fazem-nos visitas periódicas. Nas férias, Sônia e Betsy unem-se a nós, a fim de aproveitar o sol de Miami Beach. Durante o resto do ano, estamos constantemente preocupadas com o grande número de matérias de nossos cursos. Desta vez somos interrompidos pelo «boy» do hotel, que reclama

Myriam ao telefone. Minutos mais tarde, com um olhar sonhador e aéreo.

— É o meu cicerone. Um guapo «muchacho» que está me mostrando tôdas as belezas desta terra maravilhosa.

— Está gostando do Rio, Myriam? inquiriu.

— Acho esta cidade simplesmente maravilhosa. Faz-me recordar uma terra encantada, que aparece sempre em meus sonhos... E os muchachos. Ay que los muchachos brasileños terribles...

— Quando foi eleita Miss El Salvador?

— Em 1955, continua Myriam. Fui eleita por unanimidade, entre trinta finalistas. Mais tarde procurou-me, o cônsul geral de El Salvador na Flórida, propondo-me a candidatura ao conc



DESCOBERTA casualmente, ia o carnaval já a meio, pelo repórter, Ana Myriam Zabaneh, Miss El Salvador, Miss Continente americano e segunda colocada no concurso para a eleição de «Miss Universo» de 1955, após um breve bate-papo, marcou a entrevista para tão logo findassem os festejos. In-

côgnita durante todo este tempo, no Rio (ah, o turismo...) teve oportunidade de viver o carnaval carioca como qualquer brôto do Arpoador ou do pôsto quatro. Foi a todos os grandes bailes e cantando as melodias num misto de espanhol e português, ou de apito na bôca, tomou de assalto o Copa, o Municipal, o Glória e o Monte Líbano. Pela tarde, passeava calmamente pelas ruas, soltando alegres risadas à passagem das incríveis fantasias, dos chistosos mascarados.

—o—

Um telefonema para o Glória, a lembrança veio imediata. «No sábado às dez horas, está bem?». Com mais de uma hora de atraso, finalmente surgiu Ana Myriam para a entrevista. Sentamo-nos a um canto do salão (vazio àquela hora da manhã), algumas perguntas mútuas sobre o carnaval foram feitas. Alegre, sempre com um largo sorriso nos lábios e expressões meigas, Miss El Salvador passa a responder às nossas perguntas. A segunda mais bela do mundo nasceu em El Salvador, a 3 de abril de 1937. Filha de Fermin Zabaneh e de d. Maria Luiza Zabaneh, fez os cursos elementares em Assuncion. Tem mais três irmãs: Edith Jenny, de 20 anos, Sonia Magdalena, de 16 e Betsy Helen, de 13. Em El Salvador, desde cedo sua beleza foi notada. Guria ainda participava de desfiles colegiais e de modas, sendo o orgulho dos papais corujas. Em 1953, foi eleita «Charm-Girl».

VIVE SÒZINHA COM A IRMÃ EM MIAMI

Um cafêzinho, símbolo da hospitalidade brasileira é servido com presteza. Entre dois sorvos, Ana Myriam faz questão de continuar:

— Em 1954, papai alugou um pequeno apartamento em Miami Beach, entregando-nos as

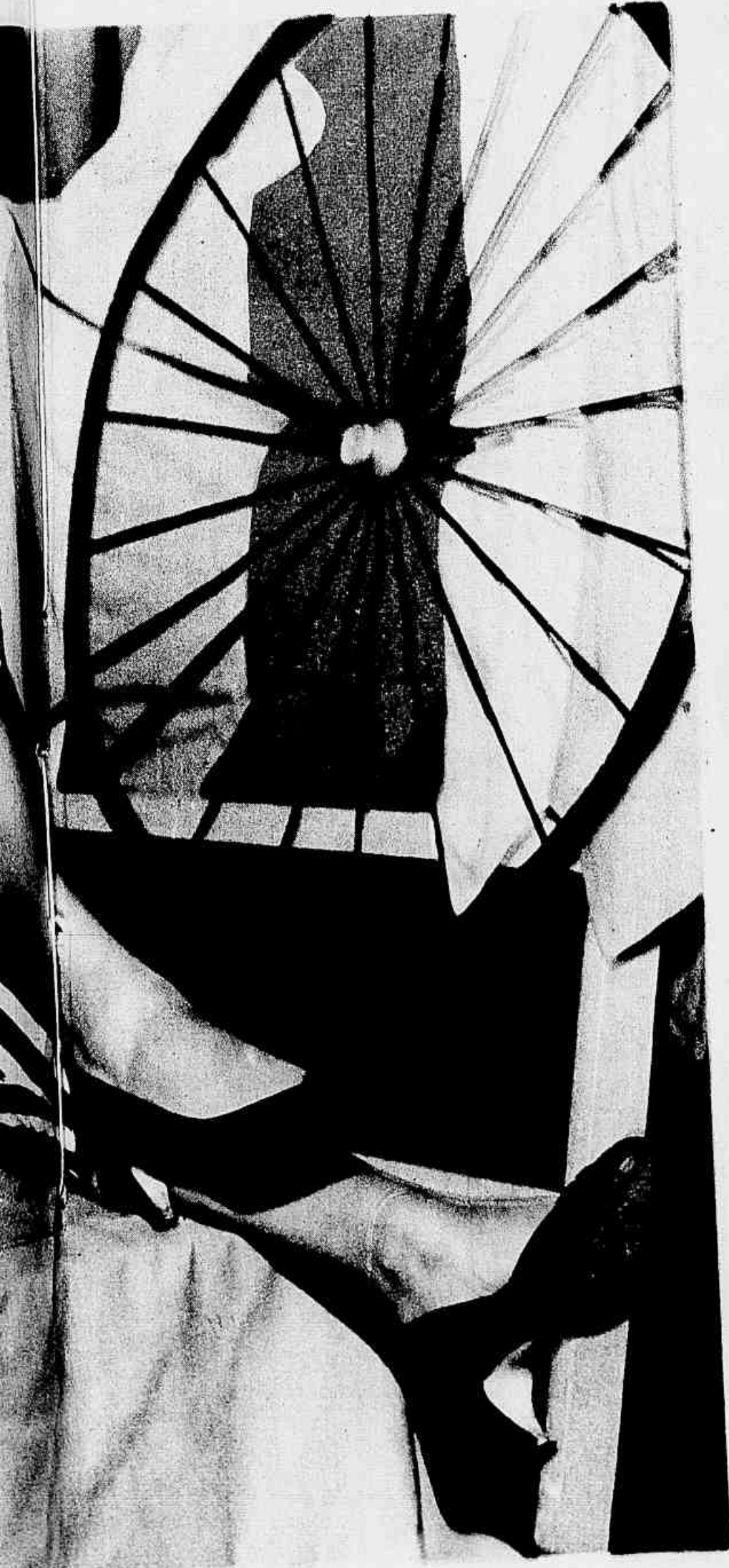


A 2ª MAIS BELA DO MUNDO, NO ÚLTIMO CERTAME, ACHA QUE EMILIA BARRETO C. LIMA MERECEIA M

O MUNDO

**PÊSO: 54 QUILOS. BUSTO: 85. CIN-
A, E SE "ACABOU" NO CARNAVAL.**

de «Miss Universo», que seria realizado em pou-
co. Eu representaria o meu país, com grande
simpatia, pois havia muito que residia nos «sta-
tes». Com poucas esperanças entre tantas bel-
dades de tôdas as partes do mundo, aos poucos
fui-me animando. Os dias corriam, as classifica-
ções punham-me nervosa. Meu nome ia surgin-
do e ressurgindo. Até que as listas das semi-
finalistas foi afixada. E qual não foi a minha
surpresa; lá estava eu. Mais quatro desfiles fo-
ram realizados. No dia 25 de novembro, final-
mente, entre 5 finalistas, fui eleita (com a máxi-
ma surpresa da minha vida), a segunda coloca-
da. Seus olhos, nesse ínterim, tornaram-se cris-
talinos, um sorriso de felicidade aflorou-lhe aos
lábios finos. (Cont. na pág. 54)



MERECIA MELHOR COLOCAÇÃO. NÓS TAMBÉM ACHAMOS.



CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

• BEIJOS EM PÚBLICO

Quando se está em público beija-se somente a genitora e as irmãs, e, assim mesmo, em casos especialíssimos, como despedida ou o retorno de uma viagem. Beijar todas as amiguinhas que se encontra na rua e tornar a beijá-las um quarto de hora depois não é distinto, nem elegante. O apêto de mão é o indicado e o quanto basta. Em casa cada uma recebe as amigas como acha melhor. Não existe, porém, "show" de tão mau gosto quanto o proporcionado por noivos ou namorados que se beijam e trocam outras demonstrações de afeto em público.

• MUITO LUXO

É uma ilusão pensar que uma vida vivida em meio a muito luxo seja a felicidade. Ter uma casa cada dia mais bonita, usar roupas sempre mais elegantes, comer em restaurantes os mais caros e... ver aumentar sempre o dinheiro que se tem na bolsa para gastar à vontade... não traz satisfação total. O luxo é como as jaboticabas: quanto mais se come mais vontade se tem de comer... Portanto, não inveje aquelas que levam essa vida, provavelmente você é mais feliz que elas.

SUGESTÃO PARA O LAR

Fugindo ao tradicional grupo para sala de estar, aqui está uma sugestão mais original e... mais confortável, também: Uma mesinha de centro com pernas «palito» e tampo em mármore raiado, cinza. Em torno, poltroninhas estofadas com espuma de borracha sobre armação em jacarandá negro envernizado. O interessante é que cada uma das cinco poltronas é de cor diferente: dourado, vermelho, laranja, turquesa e ametista. O tapete «granité» é cinza. (Decoração de Selig of Lecminster em foto exclusiva para a Revista).

BELEZA

COMO ENROLAR OS CABELOS

Você deve enrolar os seus cabelos tôdas as noites, se quer tê-los sempre bem arrumados. Mesmo que sejam curtos, essa operação pode ser executada perfeitamente por você sôzinha. Basta saber como e... praticar. Para obter ondas ou cachos mais largos use enroladores mais grossos; se deseja um frizado mais acentuado, os enroladores devem ser menores. Nunca, porém, quer em enroladores pequenos ou grandes, coloque cabelo em excesso.

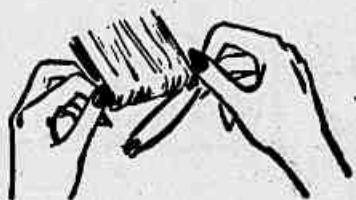
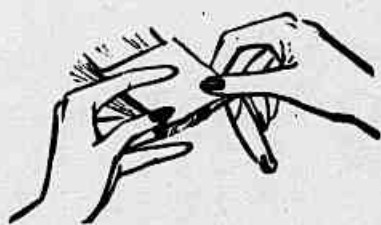
1. Pegue uma mecha de cabelo da largura do enrolador, e com a espessura de 2 centímetros, para enroladores grandes, e não mais de 1 centímetro para os enroladores pequenos. Se os cabelos forem compridos, naturalmente que, para compensar, a mecha apanhada deve ser menos espessa.

2. Enrole os cabelos por igual, e cuidadosamente.

3. Cabelos muito curtos ou com as pontas desiguais podem ser enrolados, bastando colocar um pedacinho de papel absorvente nas pontas para igualá-los no enrolador.

4. Os cachinhos enrolados devem-se espalhar igualmente por tôda a cabeça.

5. Mesmo que enrole o resto da cabeça em grampos em vez de enroladores, o cabelo junto à nuca deve ser enrolado nesses últimos, pois resiste mais ao cacheado.



Week-end na cozinha

«Tallarim com molho de tomate» é realmente uma delícia, porém, se você servir em sua casa só tallarim assim chegará um dia em que não será tão apreciado. A variedade é indispensável para o bom apetite de seus familiares. Aqui estão duas receitas ótimas de molho para tallarim e que também podem ser servidos com outras espécies de massa e, ainda, com arroz.

MÓLHO DE PIMENTÃO:

Num pouco de óleo de boa qualidade doure um alho e depois retire-o. Junte então: cebola picadinha; tomates sem a pele; pimentão verde, bem picadinho; salsa, cebolinha, um pouquinho de orégano, e uma boa colher das de sopa de extrato de tomate. Junte um pouco de caldo e deixe ferver até engrossar. Tempere com sal e pimenta a gosto. Espalhe por cima de um prato com tallarim ou de um risoto caprichado.

CREME DE QUEIJO:

Derreta uma colher das de sopa de manteiga com uma colher das de sopa de azeite de oliva. Junte sal. Tire do fogo e imediatamente ponha 2 colheres das de sopa de farinha peneirada, mexendo vigorosamente para misturar bem. Junte 2 xícaras de leite, bata bem, e torne a levar ao fogo brando, até ferver. Quando isso acontecer, junte meia xícara de queijo ralado, um pouco de orégano, e uma pitadinha de noz moscada. Sirva o molho bem quente sobre macarrão ou arroz.

Saiba mostrar-se atraente



» Melhorar a aparência; perder minutos longos escolhendo um batão na exata tonalidade que se deseja; correr ao cabeleireiro ou à mani-

cure apenas a casa ou o trabalho deixem um pouco de tempo livre; mesmo em casa, pentear-se e vestir-se com capricho como se fôsse sair naquele momento... tôdas essas coisas não são futilidades reprováveis. São sérias, para uma mulher. Seríssimas.

Apresentar-se sempre atraente não é um capricho de quem não tem o que fazer, mas um dever, mesmo para aquelas cujos minutos estão todos tomados. Muitas não pensam assim, e é pena. São tantas as mulheres que com muito pouco se tornariam agradáveis aumentando a sua possibilidade de ser feliz e de tornar felizes aqueles que com elas convivem! Mostram-se desinteressantes, no entanto, e até mesmo antipáticas porque usam batão que não assenta com a cor da cutis; ou não lavam direito os cabelos; ou estão sempre exalando odor de transpiração; ou não sabem as tonalidades que devem escolher para seus vestidos...

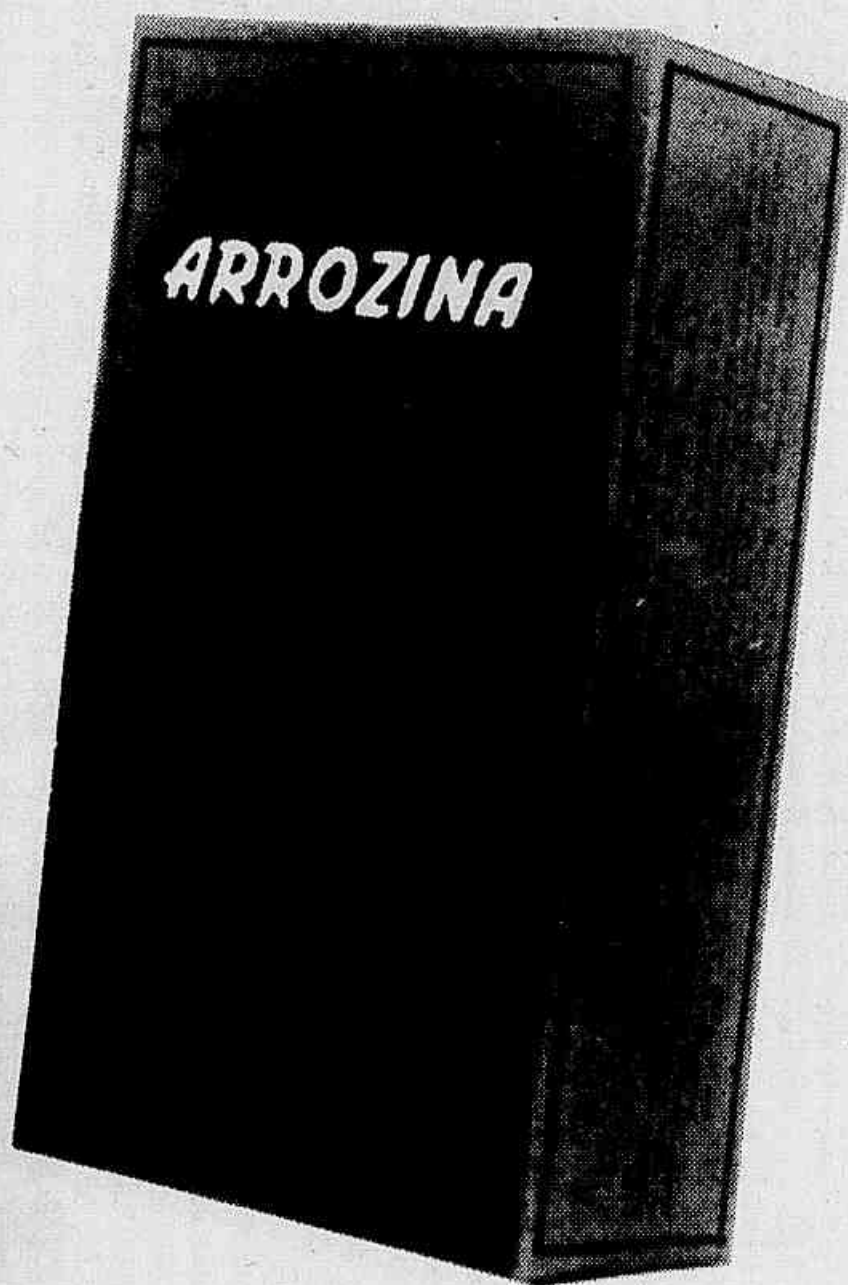
É hora do "RANCHO"



seu filho
cresce com

O alimento
que levanta
o peso
do bebê

A venda em
armazéns,
mercearias
e
farmácias



Experimente Arrozina em
mingaus, cremes, recheios e bolos

UM PRODUTO



**Instituto Dietético
Infantil S.L.**

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

REVISTA DA SEMANA — 36

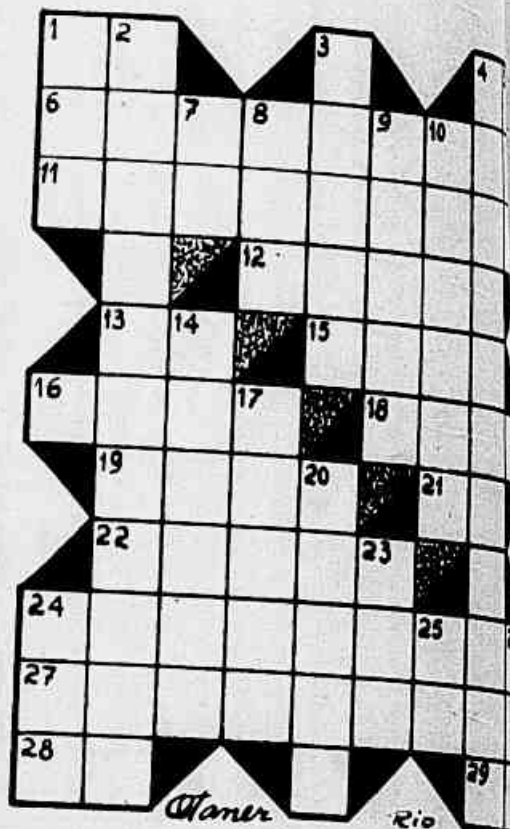
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 111

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Minerva — 4. Trejeito ridículo (ant.) — 6. Solteirona — 11. Que está em ruínas — 12. Nome de mulher — 13. Nome do mês maçônico correspondente a julho e agosto — 15. Coisa vã — 16. Fêmea do elefante — 18. Fiscal secreto de bonde — 19. Nome próprio feminino — 21. Viúvo — 22. Sede (ant.) — 24. Gênero de plantas ruíceas da Ásia equatorial e da Oceânia — 27. Árvore cuja casca produz substância tintória vermelha — 28. Epiglote — 29. Prefixo indicativo de «acêrca», «à roda».

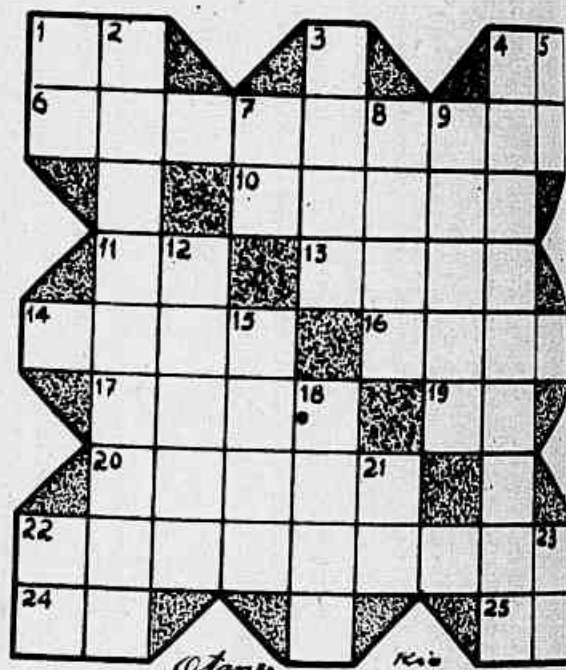
VERTICAIS: — 1. Espécie de pimenteira — 2. Pessoa que tem grande apêgo a cerimônias e formalidades (pl.) — 3. Torna alegre — 4. Madrepérola fóssil — 5. Prática consagrada — 7. Nota forte do tambor, dada com a mão direita — 8. Marisco do Cabo Verde e do Senegal — 9. Impacientais — 10. Mulher de certa casta nobre entre os hindus — 11. Malabar (pl.) — 14. Biliário — 17. Planta ornamental da família das Compostas — 20. Espécie de punhal — 23. Ave trepadora — 24. Constelação austral — 25. Uma das quatro sílabas de que se serviam os gregos para solfejar — 26. Medida holandesa de capacidade para líquidos.



PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Antes de Cristo — 4. Artigo feminino plural — 6. Natural de Sergipe — 10. Ave, o mesmo que canindé — 11. Símbolo químico do rádio — 13. Lavras — 14. Impele com o auxílio de remos (uma embarcação) — 16. Ofício; artifício — 17. Célebre imperador romano — 19. Nesse lugar — 20. Sagrado — 22. Passara o verão (em alguma parte) — 24. Flexão do verbo ser — 25. Brisa.

VERTICAIS: — 1. Pessoa exímia — 2. Do Ceará (pl.) — 3. Ato de mira — 4. Conceder anistia — 5. Isolado — 7. Símbolo químico do gálio — 8. Estado do norte do Brasil — 9. Tolo, pateta — 12. Dividir ao meio — 15. Cofre; tesouro — 18. Enfeita — 21. O mesmo que oh! — 22. Enxerga — 23. Atmosfera.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 110

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: gau — pió — ária — pear — ta — sai — ta — ata — par — últimas — vetar — somalis — ces — sai — an — moi — ia — igni — lódo — soi — xas.

VERTICAIS: gata — aratu — ui — pé — iatás — orar — as — pi — agitado — alvos — Paris — tem — mal — sengo — saída — cais — Laos — mi — il — Ni — ox.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Lua — ala — arar — atar — Ra — íntimo — só — iara — ré — má — cara — rs — arraia — oa — luar — ruas — iam — ira.

VERTICAIS: — lar — uras — aa — atirar — lama — aro — ri — atam — Ni — oraram — erar — crua — ai — soar — ali — ar — asa — ui.

O CAFÉ

HÉLIO ABREU

Entramos em um novo governo e o corrente ano está marcado de cicatrizes do que findou. 1955 passou e não deixou saudades. Geadas no Paraná e em São Paulo massacraram lavouras inteiras de café. Financiamento mal dirigido, homens deslocados de seus «misteres» a dar palpites e a traçar planos. Ameaças de golpes e de contra-golpes pairando sobre a nação, interrompendo sua vida e atrofiando suas esperanças. Os dissídios coletivos, arma política manejada por mãos nem sempre honestas, arrasando trabalhadores ao caos da inflação. Presidentes com enfartes, presidentes marinheiros, presidentes e mais presidentes num vaivém maluco. O drama da posse: «toma, não toma posse, entra não entra» etc. e a nação paralisada. Bancos aparentemente abertos, mas de guichês fechados. Lamentavelmente foi assim. Agora entramos em nova fase. Não mais se pode cogitar de aceitar razões que não sejam aquelas que tenham por divisa produzir, produzir o bastante para que haja excesso. E é justamente num momento desses que o homem do campo pergunta como vai ficar o caso dos ágios. Coça o queixo e indaga de si para si se o governo pretende, ainda, confiscar seus dólares.

O Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira vem de assumir uma tremenda responsabilidade. Prometeu ele fazer pelo Brasil o mesmo que fez por Minas Gerais, seu Estado natal e onde, a bem da verdade, muito realizou. Mas, de que maneira enxerga o governo, o atual governo, o confisco de dólares-café? O assunto reveste-se da maior gravidade e não permite delongas. Que falem homens do quilate de Lunardelli, de Vicente Felício, de Hoffig, de Melão, Moura Andrade, etc. Que revelem seu pensamento sobre o escândalo desta sociedade governamental, onde só o produtor entra com o capital e assume a responsabilidade dos riscos. Não, não é possível que as coisas continuem assim. O governo não pode prosseguir neste procedimento de «gangster» arrombando portas e tirando à força de seus decretos o lucro lícito daquele que já suportam pragas em demasia, geadas, etc.

Ou o governo resolve, de vez por todas, levar a sério o problema do café, ou teremos que, muito em breve, importar o produto da Colômbia ou da África. Entre a broca, a geada e o confisco só resta ao cafeicultor sucumbir.

Nota do redator: Não sou entendido no assunto. Para escrever o que acima está não recorri a velhos amigos cafeicultores a fim de auscultar-lhes sobre o palpitante problema. Mas, como se diz, «está na cara», para quem quiser ver, o absurdo da política cafeeira do Brasil.

SALARIO MINIMO

Um dos assuntos que mais têm preocupado os empregadores de São Paulo é o propalado aumento de salários. A fórmula João Goulart não foi bem recebida, uma vez que a mesma trata de elevar de Cr\$ 2.300,00 para 3.650,00 o salário mínimo no Estado de São Paulo. Observadores que de perto conhecem a verdadeira posição da indústria paulista temem seja o Presidente Kubitschek levado à prática de um ato capaz de, irremediavelmente, comprometer sua posição junto às classes produtoras que, no dizer desses entendidos, não se acham em situação capaz de suportar a fórmula João Goulart.

PREFEITURA: (COMEÇOU A CORRIDA)

Se bem que ainda distantes do pleito municipal, cinco são até agora os candidatos à substituição do sr. Lino de Matos, a saber: Antônio Feliciano, Dago-berto Sales (Paranapanema) Canuto Mendes de Almeida; Homero Silva e Cunha Bueno. Aliás, quanto a este último, consta que apenas entraria no páreo com o objetivo de sair do ostracismo em que se encontra.

Consta que o jornalista Salazar, perito em campanhas eleitorais, já foi contratado por um dos candidatos da lista acima.

EQUITATIVA

O PTN de São Paulo reivindicou (e parece que conseguiu) a presidência da Companhia de Seguros Equitativa, cujo maior acionista é o governo federal. O deputado Luiz Carlos Pujol é o mais forte candidato ao alto posto.

SETE DEDOS

Novo escândalo acaba de ser descoberto na prefeitura de Guarujá. Coisas da passada administração. Nada menos de seis inquéritos existem a fim de apurar a responsabilidade do ex-prefeito municipal.

FENIX

Voltará a circular o matutino «O TEMPO», ainda sob a direção do jornalista Sílvio Pereira. Esta é uma notícia dada em primeira mão, graças a uma «derrapagem» do sr. H.L.K., que será um dos financiadores do bravo órgão da rua dos Andradas.

TRANSPORTES

O governador Jânio Quadros pretende intensificar seu namoro com o governo federal. Motivo: conseguir asfaltar 600 quilômetros de estradas de rodagem. Ao que tudo indica, o governador obterá o que pretende, isso pela inclinação de há muito demonstrada pelo presidente Kubitschek de estreitar o eixo Catete-Campos Elíseos. O padrinho do «casório» do governador com o Presidente será o Ministro Tancredo Neves.

MAPPIN

O restaurante Mappin é uma espécie de sucursal do PSP. Ali almoçam, sempre que estão na paulicéia, os líderes do populismo. O sr. Arnaldo Cerdeira cresceu em prestígio desde que conseguiu fazer um «amigo» ingressar no ministério. (é o que dizem no Mappin).

VOLTA MATARAZZO

Os paulistas receberam com satisfação a nomeação do conde Francisco Matarazzo Sobrinho para o Ibirapuera. «Cicillo», que já havia dado esplendor ao famoso parque, promete acabar com o «cemitério» a que o mesmo foi convertido.

CAPTAIN'S BAR

O Hotel Comodoro (Geraldo Nóbrega) vem solapando todo o mundo em matéria de clientela. Há dias da semana passada o «Captain's Bar» abrigava todo o «grand monde» de Piratininga e também um bispo italiano que ali entrara enganado...

INQUIETAÇÃO

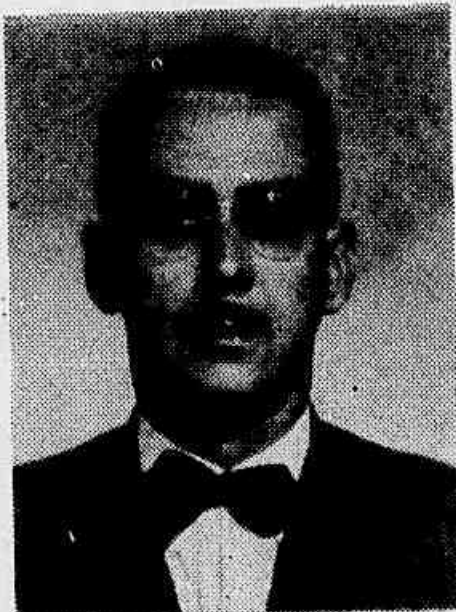
Os homens de negócios de São Paulo esperam, com certa ansiedade, seja o Banco do Brasil posto a funcionar, cumprindo assim as promessas do candidato Kubitschek, feitas no decorrer da campanha eleitoral. Aliás, sabe-se de fonte segura que o presidente (da República) pretende reestruturar nosso principal estabelecimento de crédito.



LUNARDELLI



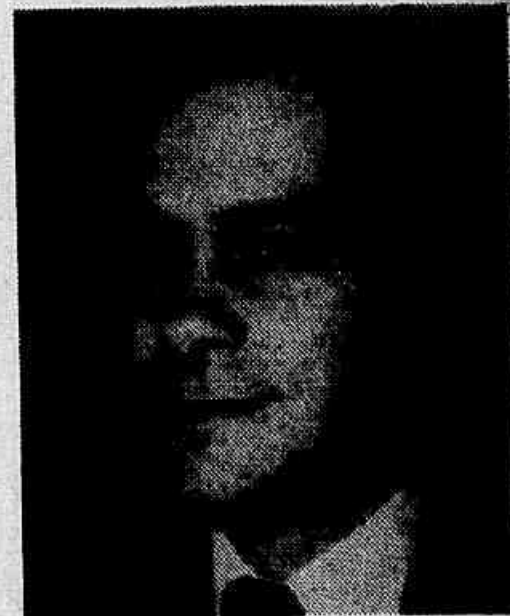
JÂNIO



GIFFONI



MARIO EUGÊNIO



TANCREDO

A IMPERATRIZ REVOLTADA

Por ROBERT VERNON

Ilustração de RAMÓN

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone

PORDER-SE-IA pensar que, após a morte de Sofia, Elizabeth tomaria afinal o lugar que de direito lhe pertencia, na Corte austríaca. Não foi o que sucedeu. Se a Imperatriz-Mãe desaparecera, restavam ainda seus aliados, que conservavam, junto a Francisco José, uma influência decisiva. Elizabeth tentou fazer, é fato, algumas brechas na muralha espessa formada por seus adversários, mas sem grandes resultados.

Foi o ajudante de ordens de Sofia, o Conde de Bellegarde, quem se postou à frente dos intrigantes de Elizabeth. Admirava ele a Imperatriz, mas não seu espírito fanático, que atingira-o em algumas ocasiões. Sobre tudo, não lhe perdoava a atitude pró-Hungria, que o conde reputava altamente prejudicial ao Estado austríaco. Havia, no ódio que ele devotava a Elizabeth qualquer coisa de estranho. Bellegarde em outros tempos lhe fizera tão grande companhia, que Francisco José, em mais de uma ocasião, fizera a Elizabeth vivas alusões ao assunto — alusões que cedo morriam, envoltas no desprezo da imperatriz. Ao mesmo tempo, porém, o conde não perdia uma ocasião de prestar um desserviço à sua soberana. Um certo desinteresse se notava nas reações de Elizabeth, desde que, com toda a sua energia, tentara destruir a casa de seus inimigos. Agora, ela se ocupava unicamente da educação de Valéria. Com dificuldade obteve de Francisco José o consentimento para que Rodolfo, então com 14 anos, aprendesse o idioma húngaro. Por expressa recomendação do conde Andrassy, Elizabeth escolheu para preceptor real o antigo dispenseiro das tropas revolucionárias magiares, Hiacynthe de Ronai, estranha e admirável figura da nobreza húngara, singular mistura de padre e de soldado, lutando através da Cruz e através do Sabre, contra os opressores de sua pátria, levando seu espírito revolucionário até ao ponto de proclamar a igualdade social e material de todos os homens.

Depois da derrota de 1849, com Andrassy e seus amigos, ele emigrara para a Inglaterra. No jovem arquiduque, ele encontrou um terreno admiravelmente preparado para o plantio de suas idéias, e com grande surpresa, escuta seu aluno, em mais de uma ocasião, expandir opiniões extremamente liberais. Rodolfo, que logo lhe emprestou todo o seu crédito, disse-lhe, certo dia, que, a seu modo de pensar, a nobreza e o clero tinham subjugado e embrutecido o povo, para, desse modo, mais facilmente explorá-lo. Ora, quando um Arquiduque austríaco falara de tal maneira? A camarilha hostil à Imperatriz lamentava as tendências liberais do jovem príncipe, e atribui-as às idéias maternas, o que de resto, não era verdade, pois Rodolfo, desde muito garoto que escapara ao domínio de sua mãe e à sua influência. Era ele mesmo, era a sua própria filosofia, que amedrontavam a corte, sobre a qual, mais dia menos dia, ele viria a reinar fatalmente.

Mas eis que a atenção da Corte se desvia um pouco de Elizabeth e de seu filho: a Exposição Universal de Viena se inicia. Todas as cabeças coroadas da Europa anunciam sua próxima vi-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Em Viena, tem lugar importante reunião de monarcas de todo o mundo, ali chegados para assistirem à Exposição Universal. Desde a Pérsia longínqua, representada por seu Sha, acorrem os reis e soberanos, atraídos pelo fausto da Exposição, e sobretudo, pela beleza de Elizabeth, a exótica imperatriz austríaca, cuja infelicidade conjugal já ultrapassou as fronteiras de sua pátria, e sobre a qual contam-se casos, verdadeiros ou falsos, capazes de atrair a curiosidade real. Elizabeth nascida na Baviera, teve sempre uma educação liberal, e vê-se tolhida, em meio ao protocolo da corte vienense. Além do mais, é pouco estimada por suas simpatias flagrantes pela causa húngara, desde a fanada revolução magiar de 1848. Sua sogra, a Imperatriz Sofia, falece ao fim de brusca enfermidade. Fora sua maior inimiga em vida, e depois de morta, continua, através de seus seguidores, a fazer-lhe o mal.

sita à capital austríaca. É uma repetição do Congresso de 1815, do «Congresso se diverte». Viena, após tantas tempestades, mais uma vez enverga seu melhor sorriso.

O que sobretudo atrai a curiosidade dos reis e turistas, é a personalidade enigmática de Elizabeth, da qual, desde que subiu ao trono, as chancelarias não cessam de falar, suas maneiras tão expontâneas, seu amor pelos animais, seus estranhos passatempos, e sobretudo, sua beleza. São esses os dons que dela fazem um personagem realmente curioso, sobre o qual convergem tantos reais olhares. Sua vida sentimental, que um vasto número de casos afirma ser movimentada, acrescenta um pouco de escândalo a essa personalidade. Todos esses rumores vão chegar até ao distante Sha da Pérsia, que, entre os monarcas da época, é qualquer coisa de exótico e de algo cômico. Quando o Sha pela primeira vez vê Elizabeth, brilhando envolta em diamantes, manifesta sua admiração de uma maneira toda oriental. Esquecendo-se de todo protocolo, fica estatelado diante dela, e, de boca entreaberta, solta essa frase:

— Por Allah! Com é bela esta mulher!

Este monarca, é claro, não possuía nenhuma noção dos costumes seguidos nas cortes do Ocidente; conduziu a Imperatriz à mesa, levando-a pela mão, como se faz com uma criança que pela primeira vez dirige-se à escola, e em diversas ocasiões, provocou, com suas maneiras, a hilaridade geral. No decorrer do jantar, seus modos foram ainda uma vez objeto da curiosidade geral: abandonando de lado os talheres, preferia comer com os dedos, e quando um acepipe lhe agradava, ele esvaziava o prato por inteiro, sem ligar para os convivas a seu lado, que por sua vez ficavam sem saber o que fazer. Esse monarca singular fez as delícias da cidade durante vários dias. Diz-se que, quando

o Sha compareceu pela primeira vez à Ópera, escutou com atenção e alegria aos ruídos que faziam os músicos afinando seus instrumentos, mas depois, quando a representação começou, desinteressou-se totalmente...

No fim da permanência do pitoresco potentado oriental, suas despedidas ainda uma vez são alvo das atenções gerais: ele presenteia sua efígie, coberta de diamantes, ao Imperador e ao Conde Andrassy, porém recusa-se, obstinadamente, a oferecer, tal como era uso, lembranças aos irmãos de Francisco José, que não lhe inspiraram simpatia. Ante toda a corte reunida, decreta que a Imperatriz Elizabeth é a mulher mais linda do mundo, que é uma pérola, uma deusa, uma pura maravilha, enfim. Mas, em compensação, quando a primeira Dama de Honra, a Condessa Goess, deseja apresentar-lhe as damas de alta nobreza, mas já de idade avançada ou respeitável, recusa-se de todos os modos, e termina chamando-a de «velhota feia»...

As vésperas de sua partida, faz comparecer à sua presença a condessa Goess, e ordena-lhe que se precipite aos aposentos da Imperatriz, e que a desperte, a fim de que ele, o Sha, possa pessoalmente apresentar-lhe as suas respeitosas homenagens, e lançar-se, ainda uma vez, a seus pés. A dama de honra, atrapalhada, excusa-se, tenta contornar a situação, dissuadindo o ardoroso oriental, mas cedo tem de renunciar a seu projeto, de vez que o Sha ameaçara enviar, aos aposentos privados da Imperatriz, uma das pessoas de sua própria comitiva. Foi, afinal, necessário, acordar a Imperatriz. O Sha apresentou-se diante dela em seu costume mais belo, acompanhado de todo o seu séquito, composto de um Grande Provedor e de algumas dúzias de secretários. Inclinando-se, então, profundamente, por diversas vezes diante dela, proclama que jamais há de esquecer sua imagem resplandecente de beleza, e que, a seus olhos, parece mais bela que o da mais bela Huri que Allah colocou, no Paraíso, ao lado de Maíoma...

UM SOBERANO ORIENTAL

Esse interlúdio oriental, e todas as festas que durante a Exposição se realizaram, distraíram por uns momentos Elizabeth, que, sem embargo, se sentia cansada. Assim, logo que a Exposição se encerrou, ela retirou-se para Luxemburgo, mergulhando em um novo banho de solidão. Ali permaneceu durante muito tempo, imersa em uma sorte de torpor do qual as repetidas súplicas de Francisco José e de toda a corte não conseguiam arrancá-la.

Por fim, teve de ausentar-se de Viena. E, ao fazê-lo, não pôde passar sem, por alguns dias, que fossem, visitar sua bem amada cidade de Budapeste. Ela gostaria de fixar-se definitivamente nesta capital, mas cedo teria de voltar para Viena, onde o Imperador encerra seus últimos preparativos de viagem à Rússia, a São Petersburgo, em visita ao Tzar.

Elizabeth está novamente sozinha. Os espessos muros de Hofburg são atravessados, de momento



a momento, pelos gritos de júbilo que o povo solta, ao festejar a terça-feira de carnaval. Por detrás de uma cortina, Elizabeth observa os cortejos alegres que desfilam, escuta os cânticos e as músicas. A noite tomba, o céu adquire uma tonalidade azul escura, aqui e ali interrompido pelo brilho das estrelas, ou pelos cimos pardacentos das montanhas que circundam a capital austríaca, cobertas de neve. Escuta-se, desde bem longe, o retinir dos sinos festivos. Um frio vivo e penetrante obriga as sentinelas do palácio a abrigar-se, afrouxando um pouco a vigi-

lância; nos corredores e nos vestibulos, os lacaios, em passinhos miúdos, acendem os lampadários. O sino da pequena capela de Hofburg marca onze horas, pouco a pouco o silêncio invade o palácio imperial. Elizabeth, por detrás de uma porta fechada, goza esse silêncio absoluto, mas, ao mesmo tempo, um desejo incontável vem importuná-la. Ela quer misturar-se à multidão que se diverte, por um momento imaginar-se burguesa, ou simples criadinha... Bruscamente, mas com precauções inauditas, resolve abandonar seu apartamento. Acorda Ida

Ferenczi, e as duas mulheres se vestem rapidamente de dominós, negro, para Elizabeth, vermelho, para Ida. Cobrem o rosto com uma longa máscara. Uma porta falsa, conhecida por poucas pessoas, no palácio, abre-se em uma parede, e por ela saem as duas mulheres. Dois sulcos de finas botas se imprimem na neve recente... Um rápido assobio rasga o silêncio da noite: são os rapazes e moças que, por esse meio, chamam-se uns aos outros, a caminho de discretos e amáveis encontros...

(Continua no próximo número)

A EFICIÊNCIA AGRÍCOLA SOVIÉTICA

Por LAUREN SOTH

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright. United Press

O BERLIM

A despeito de seus últimos progressos, a agricultura soviética ainda está muito afastada, na produtividade por trabalhador, da praticada no mundo Ocidental — ainda mais se comparada à norte-americana. O que mais aborrece os chefes comunistas é que, em parte alguma no mundo, mais que nos Estados Unidos, a agricultura vem fazendo incríveis progressos.

A União Soviética emprega cerca de 40 a 45% de sua força produtiva para alimentar sua população. Isso, aliás, não passa de uma simples estimativa, de vez que as autoridades soviéticas consideram todos os dados concernentes à produção agrícola como altamente secretos, não os publicando, tal como acontece nos outros países do mundo.

Já os Estados Unidos empregam somente 12 por cento de sua atividade na agricultura, muito embora se alimentem, os norte-americanos, de maneira muito mais farta e nutritiva que os russos.

PERDENDO TERRENO

A agricultura da União Soviética não está, absolutamente, à beira de um colapso, porém, não há como negar que, nos últimos anos, vem perdendo terreno, sistematicamente. A produção aparentemente não aumentou concomitantemente com a população. Tal fato forçou os soviéticos a diminuir um pouco a pressão que se fazia sobre os camponeses, e a oferecer incentivos à produção agrícola. O resultado foi um rápido acréscimo de trabalhadores nas fazendas e granjas russas.

Só no último ano, a população fazendeira russa aumentou de um e meio milhão. Já a população das fazendas americanas decresce, à medida em que a mecanização avança.

A delegação de fazendeiros americanos que visitou extensas áreas agrícolas na Rússia presenciou centenas de exemplos de desperdícios incríveis de recursos humanos e naturais: na fazenda coletiva Elisha Lenin, às margens do rio Dnieper, ao sul de Zaporozhe, detivemo-nos a observar o grão sendo triturado em um catavento. O aparelho era bom, e próprio para esmagar grande quantidade de grãos. Porém, havia uma dúzia, pelo menos, de mulheres transportando o grão em cestas, desde o depósito, um pouco afastado, até à abertura, no catavento. O trabalho de poupança do aparelho era assim desperdiçado, de vez que não havia métodos mecânicos de se carregar o grão até à máquina. Os membros da delegação americana ficavam chocados com tais contrastes. Gigantescas prensas distribuem em fardos uniformes o trigo soviético. Porém, mesmo nas maiores fazendas, que aliás foram as únicas por nós visitadas, a palha é toda acondicionada e transportada manualmente.

Aproximadamente 90 por cento dos fazendeiros que visitamos possuíam batedeiras de leite. Contudo, as mulheres que trabalham com laticínio gastam longas horas do dia a preparar o

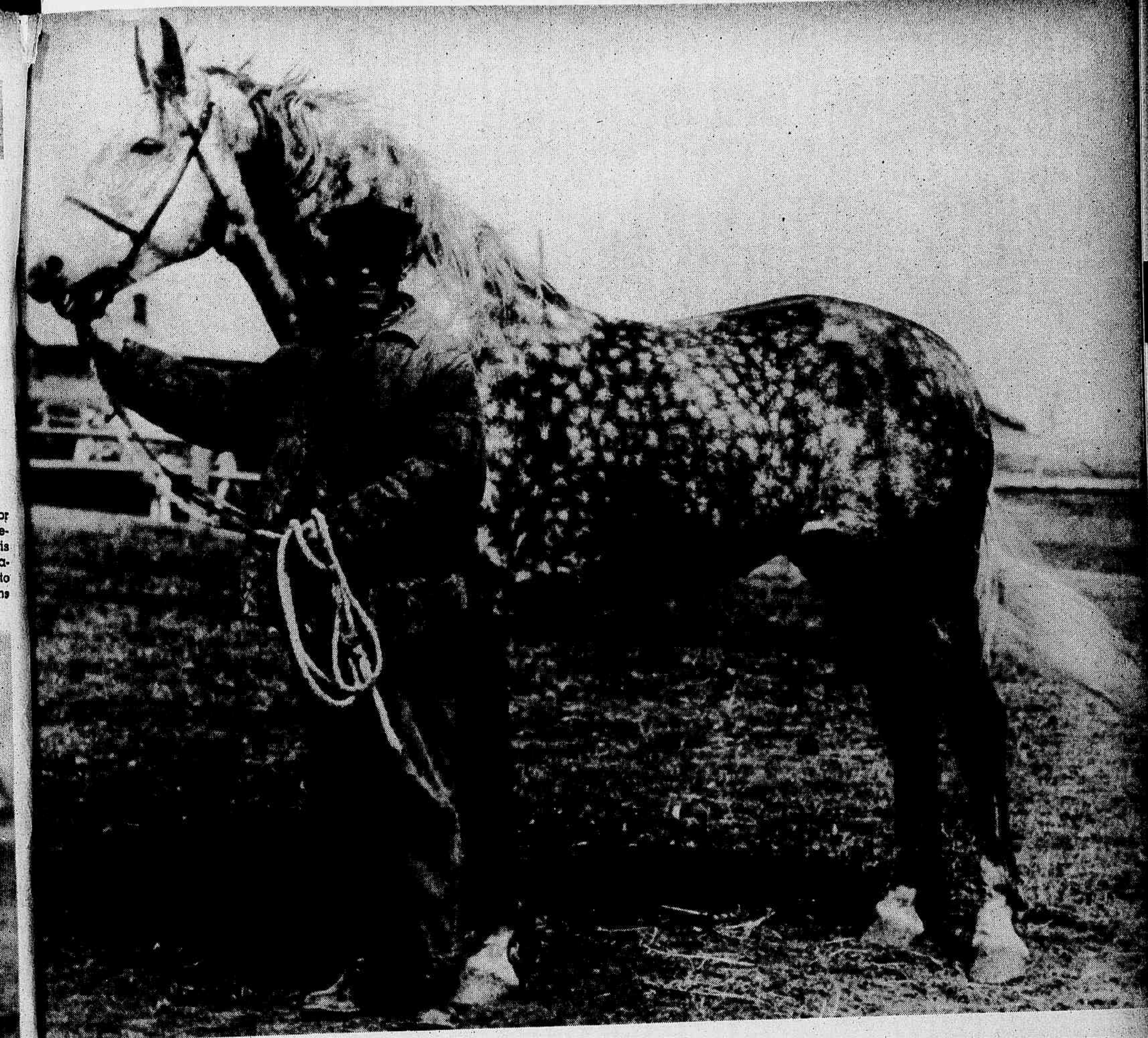
alimento para as vacas leiteiras. Em uma fazenda onde se produzia leite vi um homem preparando, num forno, uma torta para as vaquinhas. Vinha então uma mulher, que transportava a torta do forno até um grande cesto. Dali uma terceira colocava a torta na cabeça, e a conduzia ao curral, onde, afinal, era distribuído ao gado, por uma quarta empregada.

FALTA DE MECANIZAÇÃO

A um observador de Iowa, talvez o maior exemplo de desperdício da energia humana seja a embalagem de todo o estoque de cereais por métodos manuais. Não há, praticamente, maquinárias apropriadas para o empacotamento de cereais, na Rússia. Moças, rapazes, homens



CASAL DE camponeses da região sul da União Soviética. Trabalham em uma fazenda coletiva. O frio é intenso, mas o inverno ainda está longe.



ESSE ROBUSTO CAMPONES RUSSO EXIBE, COM ORGULHO, ESSE PURO-SANGUE. OS CAVALOS EXISTEM EM GRANDE NÚMERO PELAS PLANÍCIES.

e mulheres idosos incumbem-se de atar patos, gansos, cabras, carneiros, vacas e porcos, e é interessantíssimo ver como são habilidosos em sua função. Os animais, por sua vez, parecem ser profundamente dóceis. Uma ou duas crianças são capazes de conduzir um rebanho de cem vacas até a um prado.

O custo do esforço humano, porém, é enorme. Se o governo da União Soviética tivesse a suficiente coragem de enfrentar, com as verbas suficientes, esse problema crucial, provavelmente em pouco tempo seria dobrado o estoque de cereais, sem qualquer esforço muscular adicional.

O número de mulheres trabalhando nas fazendas russas é igualmente chocante para o observador norte-americano. E as mulheres e meninas russas — diga-se de passagem — carregam aos ombros as mesmíssimas cargas pesadas que seus irmãos e pais. Em algumas fazendas por nós visitadas, havia mesmo mais mulheres do que homens trabalhando.

Por exemplo, veja-se a fazenda coletiva de Budenny, próximo a Krasnodar. Essa fazenda tem 9.163 hectares, isto é, cerca de 23 mil acres de terra cultivável. Possui 1.430 trabalhadores, dos quais nada menos de 988 são mulheres. A fazenda produz vários cereais, e também criações. A mesma extensão de terra, se se passasse o caso em Iowa, seria dividida em aproximadamente 115 fazendas, que empregariam, todas elas juntas, cerca de 230 camponeses — e nenhum deles do sexo feminino.

E' preciso, novamente, dizer aos leitores brasileiros que não se trata de um exemplo escolhido a dedo, mas um caso entre mil outros. Não é um exemplo capcioso: pelo contrário, o próprio governo soviético nos levou a visitar aquilo em que mais confiança depositava, e que reputavam o melhor em matéria de fazendas coletivas. Disse-nos o ministro soviético para a agricultura que visitaríamos fazendas boas, médias e ruins. Todavia, vimos apenas uma só fazenda em que a taxa de produção de leite, por vaca, era tão baixa quanto a que foi objeto de críticas, no célebre discurso de Nikita S. Khrushchev, em janeiro de 1954. E como outra prova, vimos somente uma grande fazenda em que a produção de cereais era tão pequena quanto o mínimo permitido oficialmente em toda a região.

Uma das melhores fazendas coletivas da União Soviética é a de Venzi Zarya, situada na região de Krasnodar. Tem 12.000 acres de terra aráveis. Possui 5 mil suínos, 900 outras cabeças de vacas, cabritos e carneiros, e milhares de aves domésticas. Nela trabalham nada menos de 1.200 trabalhadores, todos com horário integral (8 horas).

Dois fazendeiros de Iowa, que tomaram parte em nossa delegação, Herbert Pike e Marion Steden, declararam ao diretor da fazenda coletiva de Venzi Zarya que, em seu Estado, um só ho-

mem tomava conta de mil cabeças de gado porcino. O diretor, pensando tratar-se ou de erro, ou de mistificação, pediu desculpas, e pediu-lhe que narrasse mais detalhes. Então, a incredulidade mais patente se delineou em seu rosto. Tenho certeza de que hoje, mais do que nunca, acha que nós, norte-americanos, somos todos uns mentirosos...

Não é de hoje, mas dos primitivos tempos da revolução comunista, que os chefes soviéticos falam em termos grandiosos quando se referem aos aparelhos agrícolas, ao uso de maquinárias pesadas no cultivo do solo, e ao grande avanço que terá a agricultura quando se empregarem adequadamente os métodos socialistas de trabalho. E' claro que os russos têm máquinas pesadas para os campos. Praticamente, a aragem, plantação e colheita do grão é feita, na União Soviética, por meio de máquinas. Porém, os técnicos moscovitas não conseguiram fazer com que essa mecanização viesse beneficiar o custo de trabalho, e produzir maiores colheitas. Não perceberam a necessidade de investir capitais em outras coisas que não somente maquinárias. A ineficiência da agricultura russa é um estorvo muito sério em sua economia. Limita-lhe a expansão, e, entretanto, absorve grande parte do trabalho nacional.

A seguir: HAVERÁ DESCONTENTAMENTO ENTRE OS CAMPONESES?

JORGE CARDOSO, UM FALSO MORDOMO



UM AVENTUREIRO À MANEIRA DE HOLLYWOOD

Jorge Cardoso o milionário que se tornou copeiro de Didu Souza Campos, é possuidor do tipo de aventureiro bem-apessoado. Pertence a uma família famosa da Ilha da Madeira, descendente ainda dos condes de Canavial, título que não ostenta por julgar que «cada um vale por si». Ele é íntimo de gente de destaque em diversos países. Sabe dominar a arte das boas maneiras e a elegância de expressão. O seu primeiro emprego no Rio como funcionário duma agência de viagens permitiu-lhe o ingresso no meio da sociedade carioca.

— É muito difícil para um milionário e um homem sem dinheiro conseguirem manter um plano de igualdade e intimidade profunda — disse-nos Jorge. Assim neste período que atravesso de notas ausentes adotei

um truque para entrar no convívio da «gente bem», o que além de tudo mais me permitia uma vida liberta de responsabilidades... com cama, mesa e roupa lavada. Este é o Jorge boêmio da vagabundagem no «Quartier Latin». O outro é o Jorge aristocrata, das reuniões sociais da capital portuguesa.

Esta sua aventura é igual a tantas outras com ele acontecidas na Madeira, em Madri, Paris ou Buenos Aires. Com dinheiro sabe ser distinto e cerimonioso. Sem dinheiro até dormiu sob as pontes do Sena, a mistura com vagabundos. Mas qualquer que seja a sua situação monetária, seu porte é de cavalheiro e suas aventuras só visam seu recreio espiritual. Esta foi sua última aventura.

DEZ DIAS A SERVIÇO DO CASAL "20"

NA lista dos convidados respeitáveis, das não menos respeitáveis senhoras da fina sociedade da Ilha da Madeira um nome foi retirado mas não esquecido. Trata-se de Jorge Cardoso, protótipo do «bon vivant», elemento disputado em todos os bailes, sempre, que qualquer estrepante necessitava dum companheiro para seu par, ou quando numa partida de «bridge» faltava um quarto jogador.

Seu pai, um dos maiores industriais da terra, sempre lhe facilitou a missão de correr mundo, franqueando-lhe o chamado metal sonante, desobstruindo assim os muros que lhe pudessem vedar a passagem para uma vida bem vivida.

Jorge iniciou seus estudos na Madeira e terminou-os em Lisboa, onde depois o conheci como cantor radiofônico (foi ele o divulgador em Portugal dos primeiros êxitos de Sinatra), pianista, e mais tarde, intérprete cinematográfico, a propósito do que, ao tempo, o entrevistei para um dos jornais da especialidade. Dinheiro era coisa que lhe sobrava. Amizades também.

Os meses correram e Jorge não mais apareceu na roda da gente de cinema, na tertúlia do velho Palladium. Ninguém mais o viu.

Foi em Paris que voltei a encontrá-lo.

A chegada da primavera a Paris transforma as coisas e traz muitas novidades que não são apenas um raio de Sol na «Étoile», ou o reverdecer das árvores do «Carré Marigny». Essa primavera trouxe-me a companhia do velho amigo Jorge Cardoso, durante um único dia — o último que passei na capital francesa. Com ele visitei, e a seu convite, o «Maubourg», restaurante típico com refeições a 590 francos (cem cruzeiros aproximadamente) e onde se podem escolher 120 «hors d'œuvres» da lista diária. Ele era perito na descoberta destas pechinchas.

No «Maubourg» cavaqueamos demoradamente. Ali nos despedimos para só nos voltarmos a encontrar no Rio de Janeiro, com surpresa mútua.

— Tu por aqui?

— É verdade. Meu pai facilitou-me uns trocados e desta vez rumei até à América do Sul.

Estive na Argentina. Agora por aqui passeio... já com tudo gasto.

— Mas, não trabalhas?

— Despedi-me ontem duma agência de viagens. Vou amanhã ingressar como mordomo em casa de Didu Sousa Campos. Mordomo, copeiro, ou qualquer coisa parecida. Achas bem?

JACINTO DE THORMES... DEU INÍCIO A AVENTURA

A notícia pareceu-me sensacional. Mostrei todo o interesse em ouvir o início da aventura do falso copeiro, um servo descendente de condes. Entre dois tragos de «Whisky», Jorge iniciou a narração:

— Como sabes, ou deves saber, seja qual for a minha situação, um dos vícios natos que me conquistou é a leitura diária das colunas sociais. Ora aconteceu que Jacinto de Thormes noticiou há dias que o casal Sousa Campos necessitava de copeiro, em virtude do seu antigo empregado ter resolvido casar com a arrumadeira da senhora Nicole Hime. Agradei aos céus a notícia, e rumei para casa de Jacinto. Não estava. Telefonei depois para que me fornecesse o endereço desejado. Fui atendido. Apresentei-me como candidato ao lugar. Tinha certa curiosidade em conhecer de perto a vida da «society» carioca. Recebeu-me o senhor Didu e sua encantadora esposa.

— O senhor é português?

— Como o confirma meu sotaque.

— Poderá entrar ao serviço logo que o desejarmos?

— Precisamente.

— Tem prática de bar?

— Sim, minha senhora! Muito em especial da parte de fora.

— Ótimo.

A minha referência à parte de fora, visava bar como cliente, o que eles não entenderam.

— Quanto a credenciais?... — voltou a interrogar-me D. Tereza.

— Por mim responderá madame Prettyman.

O que equivale a dizer que nada mais me foi exigido.

— Mas admite que D. Tereza telefonava para essa senhora? — insistimos.

— Eu sabia que madame Prettyman não estava no Rio.

— ???

— Tinha sido eu quem, na agência de viagens, lhe havia vendido a passagem para a Europa...

OS PRIMEIROS DIAS NO NOVO LAR

Jorge passou a fornecer-nos periodicamente, sempre que o serviço lhe permitia, notícias dos acontecimentos. Dez dias depois, como havia previsto em face da marcha atribulada dos fatos que me narrava, a bomba arrebentou e Jorge foi despedido. Alegaram que sua cultura era incompatível com a profissão. Uma vez despedido, marcamos um encontro num dos simpáticos bares de Copacabana, onde a história nos foi contada, tintim por tintim:

— Conforme me haviam prometido quando da apresentação, fui chamado no dia indicado. Meu primeiro contato foi com a cozinheira. Cheguei com minha inseparável valise mosqueada de rótulos dos hotéis do mundo por onde tenho passado. A moça ficou surprehendida.

— Quem é o senhor? — perguntou-me.

— O novo mordomo.

— Já serviu em casa de alguém aqui no Rio?

— Já... em casa dum conde.

— Saiu de lá, porquê?

— Porque o senhor conde fumava os meus charutos.

— Ah!...

Eu pretendia dar a conversa por terminada, porém ela insistia. Falou-me do tempo, da carstida da vida...

— A vida está impossível. Antigamente sim... mil cruzeiros valiam mil cruzeiros!...

— Eu sei, cara colega, eu sei. Agora só valem duzentos e trinta e dois.

Não conseguia entender que eu pretendia repousar para no outro dia iniciar a labuta. Continuava falando.

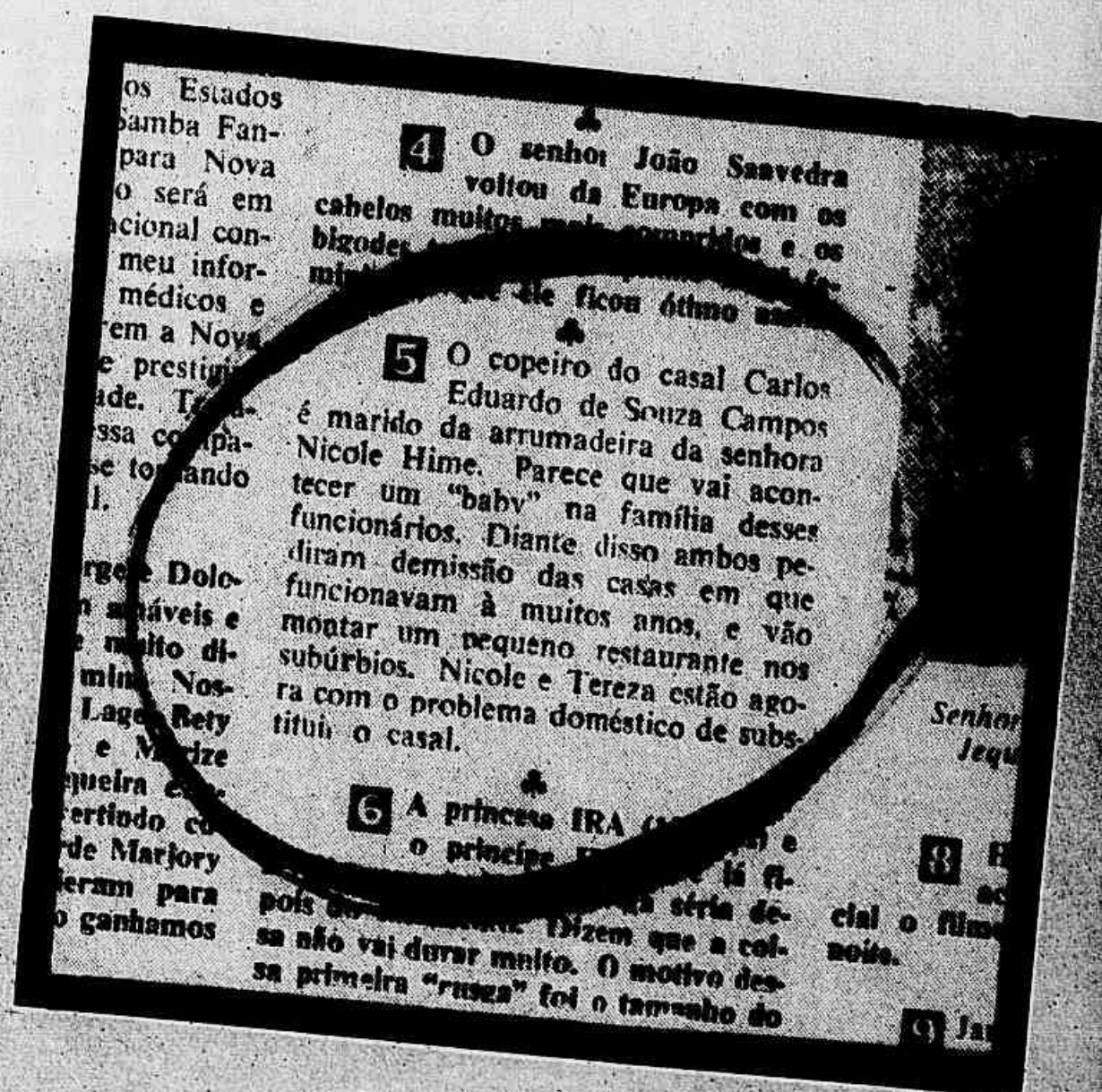
— Quanto custaram os seus sapatos?

— Os dois?

Reportagem de JOSÉ MARIA RODRIGUES

JORGE CARDOSO, jovem que já tentou, em Portugal, o cinema e a música, no Rio de Janeiro, levado pelo espírito de aventura, resolveu «bancar» o mordomo. Um anúncio no jornal, e no outro dia, Jorge procurava a residência de Didu. Eis o «mordomo», à esquerda. À direita, o trecho da coluna de Jacinto onde saiu a notícia da referida vaga.

DE COMO UM PORTUGUÊS, JOVEM E FILHO DE TRADICIONAL FAMÍLIA MADEIRENSE, APÓS TER VIAJADO O MUNDO, VEIO APORTAR AO BRASIL AQUI SE EMPREGANDO NA CASA DE DIDU E TEREZA DE SOUZA CAMPOS ★ AVENTURAS, SUCESSOS E PERIPECIAS DO IMPROVISADO CRIADO ★ UM CAFÉ «SUI-GENERIS» ★ SINGULARIDADES DO CASAL VINTE ★ ONDE SURGE A FIGURA DE UM «BROTINHO»





O CASAL VINTE, Carlos Eduardo e Tereza de Souza Campos. Nunca esperaram, é claro, ser patrões de um mordomo semelhante a Jorge Cardoso...

Um falso mordomo

Finalmente, verificando a minha indisposição, resolveu indicar-me a dependência que estava designada para meu futuro lar. Fiquei no mesmo quarto do motorista, que por sinal andava perdido de amores pela cozinheira. As sete horas (da manhã, claro) levantei-me, resolvido a fazer o café para o senhor Didu. Acordei à hora em que normalmente me costumava deitar.

A primeira encenra surgiu precisamente com a feitura desse miraculoso café. Nunca tinha fabricado semelhante coisa em toda a minha vida.

Comecei por ferver a água. Depois misturei o pó preto. Provei. Coisa horrível. Detestável. A cozinheira olhava-me e sorria. Não quis dar parte de fracasso. Como descobri uma lata de nescafé, resolvi misturá-lo com o líquido já fervido. Tornei a colocá-lo no fogo. Ferveu mais duas vezes.

O Senhor Didu chegou para o primeiro almoço. Sorridente e com o ar desportivo que lhe é habitual. Fazendo uma ginástica brutal para não deixar cair a bandeja, servi-lhe o precioso nectar.

— Resultado?

— Achou-lhe um gosto estranho, porém muito saboroso...

— Como faz tão belo café? — perguntou-me, após a refeição.

— Segrêdo profissional, senhor Carlos Eduardo, segrêdo profissional!

Fui depois destacado para a limpeza dos sapatos do patrão. Sete ou oito pares diários, sem falar nas complicadas botas de pólo. O senhor Didu calça uns sapatos no quarto, desce as escadas, se na porta da rua já não lhe agradam, vai trocá-los por outros. Mas esses abandonados têm de ser limpos novamente. Após o honroso encargo de engraxate, recebi ordens da cozinheira.

— Agora, antes da senhora se levantar, tem de encerar o chão e limpar o pó.

Nova complicação. Primeiro por não saber sequer ligar o aspirador. Segundo porque o mesmo se foi estatelar numa jarra desprevenida.

As horas foram correndo, e o trabalho executado com mais facilidade do que supunha. — Já está tudo pronto? perguntou a cozinheira ao ver-me de braços cruzados.

— Sim! Coloquei o sorvete na geladeira para não aquecer. Também coloquei a champanha na geladeira para esfriar.

— E o senhor?

— O senhor não está na geladeira.

— Não é isso. Pergunto se o senhor já chegou.

— Ainda não.

Tudo corria normalmente e eu me sentia bem disposto.

VIDA EM FAMÍLIA

— Mesmo sem os conhecimentos primários da criadagem, iniciei uma carreira mais ou menos satisfatória.

Fazia as camas, punha a mesa, servia a dita, lavava os pratos, limpava as centenas de cachimbos do patrão, arrumava a biblioteca, etc. Era precisamente junto dos livros que me demorava mais tempo. Deixava o aspirador ligado para ser ouvido no andar inferior, sentava-me confortavelmente numa poltrona, e deliciava-me com certas leituras da minha preferência...

Na segunda noite, mandaram-me deitar fora grande quantidade de comida que havia sobrado do jantar. Lá em casa cozinha-se sempre para as possíveis visitas. Ora, como achei isso um desperdício, o filântropo que existe em mim deu um ar da sua graça. Pensei na pensão onde dias antes me encontrava hospedado. Pensão modesta, onde a comida é a coisa mais apreciada, por ser a menos abundante. Recordei os antigos colegas da pensão, estudantes e funcionários públicos. Resolvi telefonar-lhes, pondo à sua disposição, a partir desse dia, toda a comida que sobrava na mansão dos Sousa Campos. Pela porta de serviço, eles passaram a ser fornecidos com todos os manjares.

Eu envergava libré. Sempre muito apumado. Tentava imitar aqueles velhos mordomos in-



JORGE CARDOSO CONHECIA BEM O SERVIÇO DE BAR... MAS COMO FREGUÊS. E, QUANDO A FILHA DE DIDU PASSOU A FREQUENTAR DEMASIADAMENTE A COZINHA, O MORDOMO TEVE DE IR EMBORA...

gleses que o cinema nos mostra diariamente. Foi com esse ar senhoril, ensaiado diariamente em frente ao espelho, que certo dia saí para comprar pão. Cruzei-me com um amigo de meu pai — Avelino Cunha — que ficou ligeiramente atrapalhado ao ver-me naquela triste figura. Não dei parte de fraco e continuei meu caminho, importantíssimo dentro dos colarinhos duros, como se o não conhecesse. O homem ficou coçando a cabeça.

D. TEREZA, AO LEVANTAR

- Como achavas a patroa?
- Encantadora. Até ao levantar, mesmo sem pintura, até despenteada, é uma grande dama, das que se identificam à primeira vista pela elegância e aprumo «sui generis» da mulher que sabe pisar, da senhora que sabe cativar. É linda até ao levantar da cama.
- A que horas costuma isso acontecer?
- Normalmente às dez horas.
- Conta qualquer coisa de engraçado ocorrido com a senhora.
- De engraçado nada se passou. Lembro-me sim dum início de catástrofe acontecido por sua culpa.
- Como assim?
- Foi certo dia em que parti pires e chaves. Deixava cair, tudo o que me vinha à mão. Ela ainda me disse:
- Jorge, você hoje está nervoso. Que é que há com você?

Eu não confessei, mas ela entendeu. Era o primeiro dia em que D. Tereza, após o meu ingresso no seu lar, resolvera passear pela casa... em «short».

DIDU E AS ALCACHOFRAS

- Sobre o senhor Didu?
- Um milionário que deve o seu dinheiro à própria iniciativa. Inteligente, perspicaz, espirituoso, com múltiplas amizades nos meios genuinamente interessantes, e certo culto pelas alcachofras cozidas com molho de azeite e vinagre. Há nele auto-suficiência e força de vontade, que para o belo sexo pode ser fonte de atração. Deu-me a impressão de ser alguém que está absolutamente certo do que diz. Será?

Tem a mania de colecionar cachimbos, e sente a necessidade de não perder o título de «um dos mais elegantes». Tem contratado um alfaiate para todos os domingos lhe passar a ferro a imensidade de ternos usados durante a semana.

Há certa excentricidade na sua maneira de ser, coisa peculiar em todos os grã-finos.

Também aos domingos o lar dos Sousa Campos recebe a visita de certo massagista, que ali vai cobrar quinhentos cruzeiros semanais, em troca de umas palmadinhas inofensivas no senhor Didu. Outra das suas paixões é o pólo, desporto que deu motivo a uma fratura de costela, a acidente que a imprensa carioca registou com destaque. Parece que esse era um dos poucos sítios do corpo do senhor Didu a que os crônistas sociais ainda se não haviam referido...

Certo dia, ao arrumar o seu quarto, experimentei um dos ternos. Ficava-me maravilhosamente. Em virtude do físico ser mais ou menos semelhante, ainda disse para o motorista:

- Espero herdar certas roupas do patrão.
- Não vais herdar nada — respondeu-me ele. O senhor Carlos Eduardo usa tudo até ao fim. Quando deixa qualquer coisa, já pouco interesse poderá ter para nós.

A FILHA DE DIDU, RAZÃO DA SAÍDA

- Qual foi a razão da tua saída?
- Bem... o caso começou na cozinha. Após o jantar, como habitualmente, inciei a tarefa de lavar os pratos (a cozinheira só fazia a comida, e falava pelos cotovelos). Ora, como acontece em todas as casas que têm cozinha, e mui em especial naquelas que têm pratos, a canção é uma coisa que está automaticamente ligada à lavagem dos ditos. Assim, quando inciei o trabalho, pus minha garganta à prova entoando uma canção em voga, por sinal francesa. A menina Lilian, filha do senhor Didu (Só do senhor Didu) ficou surpreendidíssima que o servo pudesse ter tido a ousadia e a inteligência de aprender a língua de Voltaire (há muitas meninas de famílias ricas que até ficam surpreendidas por verem em França os criados falando francês).

Aconteceu que a menina Lilian, uma jóia encantadora, diga-se de passagem, esperta, simpática e com uma viagem à Europa, achou graça possuir um copeiro que sabia línguas e muito mais: que tinha um «timbre de voz admirável». Isto para um brôto de 17 anos é uma autêntica aventura cinematográfica.

Iniciamos assim uma amizade com possibilidades de duração.

Sempre que tinha um minuto livre ia visitar-me na cozinha.

- Já terminou o serviço?
- Não menina, mas podemos conversar enquanto trabalho.

- Ótimo. Já viu o filme do Metro?
- Não menina, ainda não. Minha vida de trabalho não me permite esses recreios espirituais.

Depois a conversa tomava rumo para Teatro, Literatura, Pintura. Ela ficava um tanto surpreendida com meus conhecimentos e opiniões desasombradas. Sentia que ela gostava de conversar comigo. Falava-me no seu «play boy» Helvécio Fernandes. Pedia-me conselhos. Recordamos a França, que ambos conhecíamos. Chegou até a perguntar-me:

- Acha que estou muito jovem para casar?
- Sou um pobre mordomo, menina Lilian. Não me posso pronunciar sobre tão delicado assunto.

O certo é que a desconfiança começou a reinar no espírito da patroa. Num dos ditafones da casa (estão espalhados por todos os cantos) ou por acaso, ou propositadamente, D. Tereza ouviu uma das nossas eruditas palestras. Fui imediatamente chamado ao escritório:

- Jorge, — disse-me a senhora, com expressão um tanto dura — chegamos à conclusão de que sua cultura é incompatível com o cargo que desempenha. Queira aceitar este dinheiro como recompensa do seu trabalho. A partir de hoje estão dispensados os seus serviços. O senhor sabe demasiado para o lugar...

Recebi o dinheiro (três mil cruzeiros), e abandonei o lar dos Sousa Campos com certa pena. Imagina: alegou que eu sabia demasiadamente. Eu que nem sequer sei fazer café!...

CONSOLIDAÇÃO DA POLÍTICA AÇUCAREIRA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

— "Se aprovado o projeto, estará substancialmente consolidada a ação do Instituto do Açúcar e do Alcool como órgão defensor e controlador da produção açucareira em todo o país" — estas foram as palavras iniciais do sr. Amaro Gomes Pedrosa, presidente daquela autarquia, quando reuniu em seu gabinete os jornalistas para colocá-los a par do conteúdo do projeto de lei 979/56, de autoria do deputado José Pontes Vieira, da representação pessedista pernambucana na Câmara Federal.

● SEM AUMENTO

— "Entretanto" — prosseguiu o presidente do IAA — "a aceitação do projeto pelo Congresso Nacional não implicará em novos ônus para o produtor ou o consumidor, ou seja, não haverá aumento de preço do produto, uma vez que se trata tão somente de uma fusão das taxas atualmente vigorantes e incidentes sobre a produção açucareira, alcooleira e aguardenteira nacional, como se verá mais adiante."

● RETROSPECTO

Antes de entrar na análise do projeto, quis o sr. Amaro Gomes Pedrosa, a título de introdução e para facilitar o entendimento da proposição oferecida à Câmara pelo sr. Pontes Vieira, historiar a vida da autarquia sob sua responsabilidade. Com efeito, disse o presidente do IAA:

— Criado pelo Decreto 22.789, de 1933, o IAA resultou da fusão da Comissão de Defesa da Produção de Açúcar e da Comissão de Estudos sobre Alcool-Motor. Em 1933 o Governo deu estabilidade à política de defesa da produção, esboçada anteriormente em caráter precário. Reconheceu a alta administração do país a acertada orientação das nações grandes produtoras de açúcar, no sentido da limitação e do amparo.

Com a criação do IAA visou o Governo restabelecer o equilíbrio econômico das empresas, tendo em vista garantir-lhes a sobrevivência, mediante a segurança dos preços e o saneamento do mercado, sem o que iria à falência a tradicional agro-indústria canavieira nacional, com sérios reflexos sobre o abastecimento.

● DESENVOLVE-SE A PRODUÇÃO

Prossegue o sr. Amaro Gomes Pedrosa a sua exposição:

— "Mas a produção não ficou paralisada. Passou-se a recorrer à transformação dos excessos da matéria-prima em

álcool, exportando-se, por outro lado, os excedentes do consumo. O Brasil colocou-se como terceiro produtor de açúcar do mundo. Em 1932 era a produção de apenas 8 e meio milhões de sacos de açúcar, passando, na safra 1954/55, a 30 milhões de sacos. O consumo "per capita", que era em 1932 de apenas 8 quilos e 900 gramas por ano, subiu para 30 quilos e 100 gramas em 1954. Como se vê, são números bastante expressivos e que falam por si mesmos. Estava comprovada a eficiência da política governamental instaurada em 1933, com a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool."

● AS TAXAS COBRADAS

Finda a sua exposição retrospectiva, entra o sr. Amaro Pedrosa no exame das fontes de onde retira o IAA a sua receita:

— "Até 1948, portanto quinze anos depois de criado o Instituto, contava a autarquia apenas com o produto da taxa de Cr \$3,10 incidente sobre o saco de açúcar para fazer face à manutenção dos seus serviços. Desobrigou-se o órgão controlador da produção açucareira, até aquela data, para com os seus compromissos com a produção, exclusivamente com o que recolhia dessa taxa. Mas, em 1948, para atender às despesas do escoamento dos excedentes de açúcar, o IAA, através de resolução de sua Comissão Executiva, de nº 154 (posteriormente à audiência do Procurador-Geral da República sobre a matéria), criou o Fundo de Compensação de Preços de Açúcar, com a sobretaxa de Cr\$ 3,00. Somente depois, com a implantação do preço único para o produtor, foi que se criou o Fundo de Ajustamentos de Fretes e Distribuição, com a taxa correspondente de Cr\$ 10,00 por saco de 60 quilos de açúcar de usina. No Plano de Safra atual foi ampliada a finalidade desse Fundo, que passou a ser chamado de Fundo de Ajustamentos de Frete e Exportação, com aquela taxa elevada para Cr\$ 18,00. Sobre as vendas de álcool hidratado há uma taxa flutuante, estabelecida em cada Plano de Safra e que se destina à manutenção da Caixa Especial de Alcool (Resolução 39/42). Teve, entretanto, o Instituto, de amparar a produção aguardenteira em 1952, para atender aos insistentes pedidos dos 11.000 produtores, promovendo a transformação de parte das safras de aguardente em álcool-motor, e instituindo a taxa de Cr\$ 2,00 por litro do primeiro produto. Empreendeu a autarquia, com os recursos novos obtidos, a um amplo plano de transporte, armazenamento e instalação de usinas desidratadoras.

É de se salientar que todas essas sobretaxas tiveram como fundamento legal, o Decreto-lei 3.855, de novembro de 1941, em seu art. 148º, que deu à autarquia açucareira atribuições de sobretaxar a produção, quando necessário ao elastecimento do trabalho assistencial, sob sua responsabilidade.

AMPLOS ESCLARECIMENTOS DO SR. AMARO

GOMES PEDROSA, PRESIDENTE DO INSTITUTO

DO AÇÚCAR E DO ALCOOL, SOBRE A MATÉ-

RIA ★ UNIFICAÇÃO DAS TAXAS SEM AUMEN-

TO PARA O CONSUMIDOR ★ RETROSPECTO

★ O PONTO DE VISTA DO CONSELHO DE ECO-

NOMIA ★ TAXA ÚNICA «AD-VALOREM» DE 7%

● SURGEM AS CONTROVÉRSIAS

O presidente do Instituto do Açúcar faz uma pausa, antes de focalizar as dúvidas surgidas com relação à taxação, pelo Instituto, do produto sob sua defesa. Em seguida declara:

— "Entretanto, surgiu uma controvérsia quanto à legitimidade do estabelecimento, pelo IAA, das contribuições em referência. Sempre, porém, o Tribunal Federal de Recursos opinou pela legitimidade das contribuições cobradas. Não obstante, toda ocasião de ser elaborado, cada ano, o Plano de Safra, os pleitos se renovam no Judiciário, sob a forma de mandados de segurança, intranquilizando a execução dos trabalhos.

● PROPOSTA DO CONSELHO DE ECONOMIA

Adiante faz ver o sr. Amaro Pedrosa que o assunto constante do projeto de Lei Pontes Vieira, já em curso no Congresso, coincide plenamente com os pontos de vista expendidos pelo Conselho Nacional de Economia, o qual, por determinação do Presidente da República, estudou o problema do açúcar e afirmou que o Instituto do Açúcar precisa dispor da faculdade de obter recursos, uma vez que do contrário não poderá prestar os serviços de sua alçada. Consta desse parecer do Conselho que "na verdade a lei de 1933 deu à autarquia um aspecto tributário fixando a quantia a cobrar, e a experiência já demonstrou a inconveniência de uma taxa inflexível, facilmente corrigível, substituindo-se a taxa por uma "ad-valorem". Opinou o Conselho Nacional de Economia pela fixação de um "ad-valorem" de 10%, com o que se estabeleceria o mesmo encargo tributário adotado em 1933, de Cr\$ 3,00 por saco, quando o preço do açúcar de usina oscilava em torno de Cr\$ 33,00 por saco.

● O PROJETO PONTES VIEIRA

No seu projeto, o sr. Pontes Vieira fixa a taxa "ad-valorem" em apenas 7%, sem qualquer ônus para o consumidor. Não será, por isso, aumentado o preço do açúcar, desde que visa o projeto somente unificar as taxas já cobradas, cujo total vai a Cr\$ 24,10 por saco de açúcar, equivalendo a 6,91.93% sobre os Cr\$ 348,30 do preço do faturamento do produto, elevados a 7% em números inteiros.



ECOS DO BAILE DO MUNICIPAL — Vê-se na fotografia, da direita para a esquerda, o Dr. Jair de Oliveira, diretor da Central do Brasil, e sua Excelentíssima Espôsa; Dr. José Moacyr Lamarca, tesoureiro geral da Estrada; jornalista Cora Lopes, chefe da Seção de Divulgação da mesma Estrada, e sua irmã, Dona Zezé Mendes.

O TRUQUE

(Cont. da pág. 59)

— E bom.
E o Cuba apresentou a espadilha. Mas Craro ficou desacomodado, bem se lhe percebeu o encalistramento no modo por que falou ao Venceslau:
— Seis diante!
O Venceslau arrastou um surrão danado:
— Seu Craro, não se atreva a ponhar cuca num home' sacudido que nem eu. Repare que eu sou pé e não sou de capim! P'r' amor de o desaloro, quero mais três milho: vá com nove!
Mas os tentos eram de olhos-de-cabra. O Prequeté mostrou coração alegre:
— Se tósse milho mesmo, eu chamava de tópo, porque p'ra vocês dois basta o peito, não precisa carta. Mas p'ra fazer pouco causo ansim de nove sementes bonitas como esta, isso eu não faço.
O Venceslau convidou então o Cuba:
— Jogue p'ra mim, parceiro, que essa gentinha não presta.
E apontaram tódas as manilhas entre os dois, coisa que fêz o Craro andar pelas turinas e armar um perequê medonho:
— Ota, caícarada ruim! que p'ra jogar com dois são' e sarado' ver eu e o seu Chico tem que fazer potrinha, senão perde na certeza! Vocês não tenham sangue na cara, taperada?
Tudo se acalmou em poucos instantes. O Craro deu as cartas, e o Venceslau não quis cortar o baralho, mandou apenas queimar três. O Cuba deu de cantar entre dentes a moda do truque:

Zape' matou sete-copa,
menina, falai comigo na horta;
sete-copa' matou espadilha,
menina, falai comigo de dia;
espadilha matou sete-ouro,
menina, os seus olhos parece' besouro!

sete-ouro' que mata um três,
menina, falai comigo outra vez;
um três que mata um dois,
menina, falai comigo depois:
um dois que mata um ás,
menina, comigo não fala mais.

O Craro zangou-se por em cheio:
— Quando acabar a cantoria, diga, que é p'ra entrar em lenda como boi ladrão! Contraveio-lho, porém, o Venceslau, casquinando uma risada de machucar:
— Apanhar? Que! Qual é o caborjudo que bateu em home's como eu e o Cuba? Na terra! Vocês podem falar, o fazer é que é nove! Eu inté nem quero outra vez olhar as carta': não olho mesmo. Saracura é bicho feio, tem cabelo até no joelho...
E trucou de flor, o Venceslau.
Mas o Prequeté não esteve pelos autos, achou que era de mais:
— Só se você fêz algum maço! Quando não, tá frito. Ora bamo, ver c'o que foi que você trucou!
O Venceslau ergue as cartas da mesa, mostrou-as uma por uma: cinco, sete à-toa, valete.
— Parceiro dum anjo! desta vez eu 'tou que de louça nem um pire! Sou a sua vergonha, desta vez.
O Cuba, entretanto, não quis entregar a rapadura com a palha e tudo:
— Agora deixe correr, que você não 'tá sozinho no mundo! Jogue a pior!
Preparou um pé de três e de zápete, fêz o corpo mole, aceitou a chamada de seis, ganhou o jogo.
Mas, no desempate da queda, a sorte principiou a declarar-se pelo Prequeté e pelo Craro. Chamavam com qualquer carta, pouco trucavam, iam fazendo um jogo manso e razoável. E cachaça passeava de um lado para outro, numa toada. Quando já tinham nove tentos, o Venceslau fêz um escarcéu temeroso:
— Eu gosto que me esquentem primeiro, depois sou destemido mesmo, sou um teba sem rival: vou trucar nos tentos desses pamônhas. Truco, tapera, quem foge não espera! Eu corro atrás de quem corre!
O Prequeté pôs-lhe medo:
— Não vem não, laranja azêda, que eu te chupo!
E o Craro segundou a ameaça:
— Não chega não, cachaça braba, que teu te bebo!
Decidiram, porém, fugir:
— Nada! Nós 'tamos alto!
Correu em silêncio a outra mão, e a décima inda.
Quando o Cuba, já meio tomado, perguntou:
— Home', em que mão estamos?
O Craro respondeu-lhe pegando no baralho:
— Nas onze, e o baralho na mão do bronze!
Deu cartas, consultou o parceiro, não mandaram. Os outros apenas tinham quatro tentos. E atinal ganharam a queda.
Ao romper da segunda queda, que também ganharam, o Antônio Cuba exclamou, um tanto passado:
— Eu 'tou sentindo que você 'tá c'ua meia catinga de égua, parceiro. Ou sou eu que 'tou? Isto é a falta da queimada. Ismena, traga aqui a do gengibre, bem quente!
Não lhe deram resposta. Pediu segunda vez a queimada, quando ia jogar a terceira queda, e o mesmo silêncio continuou no interior da casa. Só então veio um compadre dizer, meio choroso:
— Você não viu a hora em que houve um tropel de cavalo aqui mesmo na porta? Foi o Mané Hoxo que roubou a Ismena.
Todos ficaram assustados, porque o Cuba era um caboclo brigão e sacudido: acercaram-se dele. Mas o Cuba tinha entrado por demais na branca, estava bem atiançado: levantou-se com os olhos muito arregalados e vermelhos, jogando o corpo, encanou as cartas, puxou-as até a um lado do peito e gritou furioso:
— Pois já que 'tá tudo perdido mesmo, truco!

(MIXUANGOS)

ONZE DIAS DE PLANTÃO

**A entrevista frustrada — Mas ficou uma reportagem —
Veio o estado de sítio e o trabalho foi para a gaveta**

De VINÍCIUS LIMA

NO dia 13 de novembro, ou seja, dois dias após os acontecimentos que culminaram com a deposição do sr. Carlos Luz, o repórter da REVISTA DA SEMANA foi ao Gabinete do Ministro da Guerra, general Teixeira Lott, a fim de obter uma entrevista. Inúteis, porém, foram os esforços do repórter que nesse dia não conseguiu sequer chegar à presença de um oficial superior, tais as precauções tomadas no edifício do Ministério da Guerra. Mas, no dia seguinte, festejava-se ali o aniversário natalício do Ministro (61 anos de idade — 14 de novembro) e por isso mesmo era permitida a entrada de todos aqueles que iam cumprimentá-lo, desde que apresentassem suas carteiras de identidade e deixassem seus nomes no corpo da guarda. No gabinete do Ministro, solicitou o repórter a entrevista que inicialmente lhe foi negada. No entanto, ante a insistência do jornalista que alegava desejar esclarecer certos pontos obscuros do movimento do dia 11, conseguimos, através do Serviço de Relações Públicas, a solicitação de um questionário que seria prontamente respondido pelo general Lott.

Diante da aquiescência do Ministro, redigimos as perguntas, dentre as quais destacamos as seguintes: «V. Exa. permitirá a volta do sr. Café Filho ao poder? Caso negativo, quais os motivos? — O chamado «contra-golpe» do dia 11 foi levado a efeito em virtude da quebra da disciplina, conforme V. Exa. alegou em seu manifesto, ou em virtude do propalado «golpe»? — Tem o sr. Ministro provas de que o brigadeiro Eduardo Gomes estava envolvido no mesmo? — S. Exa., ao ser nomeado Ministro da Guerra, já conhecia o sr. Café Filho? Caso contrário, por quem foi apresentado ao Presidente?»

Além dessas perguntas, fazíamos 20 outras ao general Teixeira Lott, inclusive algumas que objetivavam dar ao público uma breve biografia do ilustre militar.

Dois dias se passaram, e o General não dava nenhuma resposta ao jornalista, que permanecia no Ministério da Guerra, graças à boa vontade de oficiais de seu Gabinete.

Ainda no dia 16, às 17,30 horas, o general nos informava, através de um coronel de seu Gabinete: Impossível a entrevista no momento. Impossível responder ao questionário solicitado, mesmo porque os fatos já estavam superados. No fim da semana, porém, talvez o Ministro, COM FATOS NOVOS QUE PUDESSEM OCORRER, atendessem ao jornalista, se julgasse necessário.

A HISTÓRIA SECRETA DO IMPEDIMENTO DE CAFÉ FILHO

Não obstante a negativa do Ministro da Guerra, o repórter permaneceu em seu Gabinete (9º andar) na expectativa de presenciar acontecimentos importantes e mesmo porque, de uma hora para outra, poderia o General Teixeira Lott decidir responder novas perguntas que lhe eram formuladas. Vivendo naquele ambiente de onde emanavam as ordens que decidiam o futuro do País, já estávamos certos de que o sr. João Café Filho não voltaria para o Palácio do Catete.

Enquanto isso, a população permanecia calma, ignorando os acontecimentos do 9º andar daquele enorme edifício da avenida Presidente Vargas, e perguntando uma coisa decidida: caso o laudo médico seja favorável deixarão Café Filho voltar ao poder?

O sr. Nereu Ramos concedera uma entrevista onde deixara claro que a volta do presidente doente era fato que dependia exclusivamente de sua vontade, e, ao mesmo tempo, o Ministro da Justiça fazia declaração idêntica. Era o último esforço do sr. Nereu Ramos para levar as coisas como o povo desejava.

No dia 20, um coronel que não nos autorizou a publicar o seu nome, nos disse: «O sr. devia agradecer ao Ministro por lhe haver poupado trabalho, não concedendo a entrevista sobre os acontecimentos do dia 11 porque amanhã tudo o que se passou já estará superado. Estamos à espera de graves, muito graves acontecimentos.

— Acha, coronel, que durante esses acontecimentos dos quais o sr. fala haverá derramamento de sangue?

— Se houver reação, é possível.

— Quer dizer que após a decisão dos médicos, caso o sr. Café Filho queira voltar ao poder...

Não houve resposta. Insistimos:

— Mas o sr. Nereu Ramos está de acordo com a volta do Presidente Café Filho.

— Bem, isto não é para publicar, mas saiba que durante as visitas feitas ao sr. Nereu Ramos e ao Ministro da Justiça pelo general Lott, as coisas mudaram de aspecto.

— Por que?

— Quem sabe se o general Lott não tinha provas de participação do presidente Café na trama de Carlos Luz?

— Mas não está ainda claro se houve realmente uma trama ou se tudo aconteceu por causa da quebra de disciplina...

— Acho que são as duas coisas juntas. Sei apenas que o presidente Nereu Ramos já mudou de opinião ou pelo menos está estudando o assunto.

— E caso ele (Nereu) não concorde?

— Bem, eu não sei. Consta porém que as fórmulas eram três: a número 1 consistia na volta de Café ao poder, contanto que renunciasse em seguida; a segunda, exigia apenas a permanência do ministério Nereu e a terceira, meu caro, a terceira, se o Legislativo não concordasse com certas coisas, seria a ditadura militar.

Como é do conhecimento do público, ao visitar o presidente Café Filho na Clínica São Vicente, o general Lott nada conseguiu, tomando os fatos rumo completamente diverso. Uma coisa está confirmada porém: o sr. Nereu Ramos mudou de idéia realmente, o mesmo sucedendo com o sr. Menezes Pimentel. E tanto é verdade que após se declararem partidários da volta do sr. Café Filho, pediram o estado de sítio para evitá-la.

Permanecemos no Ministério da Guerra até o anoitecer, quando o general Falconiere, eufórico, retirou-se do Gabinete do general Lott. Às 19 horas, chegaram fardados dois coronéis aparentemente do Estado Maior, que, sentados próximos ao jornalista, conversavam:

— Mas então, é verdadeira a notícia a respeito da munição?

— O que sei é que escapamos por um fio, pois se houvesse ataque aéreo as baterias não poderiam funcionar. Para os canhões de 155 milímetros mandaram obuzes de calibre 305. E foi coisa proposital. Toda a munição estava trocada. Acho mesmo que a salvação foi a ocupação de Santa Cruz e Galeão antes que o mau tempo passasse, porque, não fôsse isso, meu velho.

— Mas, os responsáveis já estão presos?

— Creio que sim, mas, é difícil fazer prova contra eles porque o EN-GANO pode ser provado. E para você ver a importância desse pequeno detalhe: somente após ser descoberto é que foi decidida a ocupação das bases, justamente o que mais ressentimentos causou porque... você bem sabe.

DIA 21, TERÇA-FEIRA

A Cidade estava agitada. Na Câmara Federal até os pagamentos foram providenciados; no Senado os pais da República haviam pedido antecipação de seus pagamentos que foram realizados durante a madrugada; nas estações de rádio, ninguém se entendia e até nos lares reinava confusão, em virtude da falta de notícias, pois, enquanto as baionetas eram caladas, o rádio dizia que o acontecimento mais importante da semana seria o jogo Vasco x Botafogo.

No Ministério da Guerra, tudo era paz. Ninguém sentia medo. Alguns sorriam. Aquêlê lugar era possivelmente o mais calmo de todo o Brasil...

E a nossa reportagem, enquanto esperava a decisão do Ministro, já estava tomando o aspecto de «diário do Ministério da Guerra», sobretudo com as anotações que fazíamos da entrada e saída de oficiais generais, tantos que acabamos por deixar de lado esse aspecto, preferindo observar os movimentos que nos pareciam mais importantes: as entradas e saídas do coronel Claraz del Judice, ex-comandante da Polícia do Exército, em sua roupa de campanha, suarento ou molhado de chuva, em comando no Campo de Santana, em frente ao Ministério da Guerra, onde ainda se acham bivacadas as tropas do Exército.

Mais tarde, como de costume, saiu do Gabinete o deputado Armando Falcão. Para sermos mais exatos, esse deputado entrou no Ministério da Guerra às 11,30 e saiu às 14,50 horas, após submeter à censura do general Lott uma entrevista do almirante Penna Botto e outra do sr. Carlos Luz, destinadas à revista «O Cruzeiro», da qual é redator político. Às 13,30 horas, surgiu um velho reservista que no meio de tantos generais e deputados queria falar com o Ministro, do qual fôra comandado.

O negro velho de 70 anos sentou-se ao lado do jornalista que passou a assediá-lo com perguntas:

— O sr. serviu com o general Lott?

— Desde quando ele era capitão. Homem de «peito». Certa vez chegou atrasado ao serviço e deu parte d'ele próprio e se prendeu. Se nalgum dia ele achar que o que está fazendo agora é errado, ninguém precisará fazer nada porque ele será o primeiro a se prender. Quando acredita que é pau é pau; e quando crê que é pedra é pedra. O sr. imagina que no 26º B.C. (Belém, Pará) dizem que doeu um dente d'ele e por isso, 4 outros que o ladeavam, também foram extraídos. O sr. compreende, o general sempre foi homem de cortar o mal pela raiz.

— Que acha do general na intimidade?

— Um homem bom. Até dinheiro, se a gente precisar, não é preciso dizer.

— Mas, de vez em quando faz uma violenciazinha, pois não?

— Não, ele é do direito. Dá a quem merece.

Infelizmente o negro velho foi logo atendido pelo Ministro. Antes de entrar para a sala do general Lott, porém, disse ao repórter:

— Está vendo? Onde ele me encontra diz logo: Como vai, tudo está bem? Precisa de alguma coisa?

O repórter também conhecia o general Lott. Como praça de pré, no início da guerra, (34 B.C. cabo 412 e estabelecimento de fundos da 8ª R.M.) o jornalista teve oportunidade de ver de perto aquele tenente-coronel austero, que pouco ou nunca sorria. Comandando um batalhão de infantaria, o então tenente-coronel Teixeira Lott era o terror dos soldados recalcitrantes. Costumava andar à cavalo, mas nunca galopava. Em questões de disciplina jamais transigia e a bem da verdade devemos dizer que o Comandante do 26 B.C. não era querido da tropa, que criava histórias fantásticas a seu respeito.

Todos tinham medo do Comandante, que no entanto alimentava muito bem aos seus soldados.

Diziam outros que o Comandante só tinha mesmo a casca, e que o coração era manteiga pura; isto porque, tendo recebido denúncia de que soldados costumavam tomar banho no regato São Joaquim, no bairro do Souza, no Pará, foi até o local surpreendendo os soldados em pleno banho. Teria ocorrido então o seguinte:

— Estão todos presos!

A correria foi geral, exceto por parte de um soldado ainda servindo o Exército e que é conhecido pela alcunha de «Cipó». Dissera então o Comandante:

— Muito bem, soldado que é soldado, não corre.

— Mas eu não sou soldado, e sim trabalhador de Val-de-Cães. (Base Militar).

— E por que você não é soldado, agora que o País está em guerra?

— Porque no 26 existe um tenente muito ruim...

— Quem é esse tenente?

— Um tal de Lott.

O Comandante fechou a cara e respondeu:

— Não é verdade. Trata-se de um coronel e sou eu o coronel Lott. Não sou ruim como dizem. Essa cambada não gosta de disciplina e é por isso que fica criando histórias.

Dias mais tarde, com o batalhão em forma, o Comandante teria visto o soldado «Cipó». Procurou ver sua folha de serviço e vendo que se tratava de soldado antigo, riu muito e não o puniu.

O repórter pensava nessas coisas, quando apareceu o coronel Victor Hugo, do Gabinete do Ministro e que foi muito gentil com a reportagem. Perguntamos-lhe:

— Estamos às portas de uma ditadura militar, coronel?

— Não, Vinícius, a decisão da Câmara será acatada. Nós apenas garantimos a ordem.

O coronel Victor Hugo está constantemente ocupado e só lhe falávamos praticamente de passagem, ou quando percebíamos que se achava sozinho, em sua sala de trabalho. A não ser assim, esse oficial está sempre cruzando portas, a fim de receber ou transmitir ordens do Ministro.

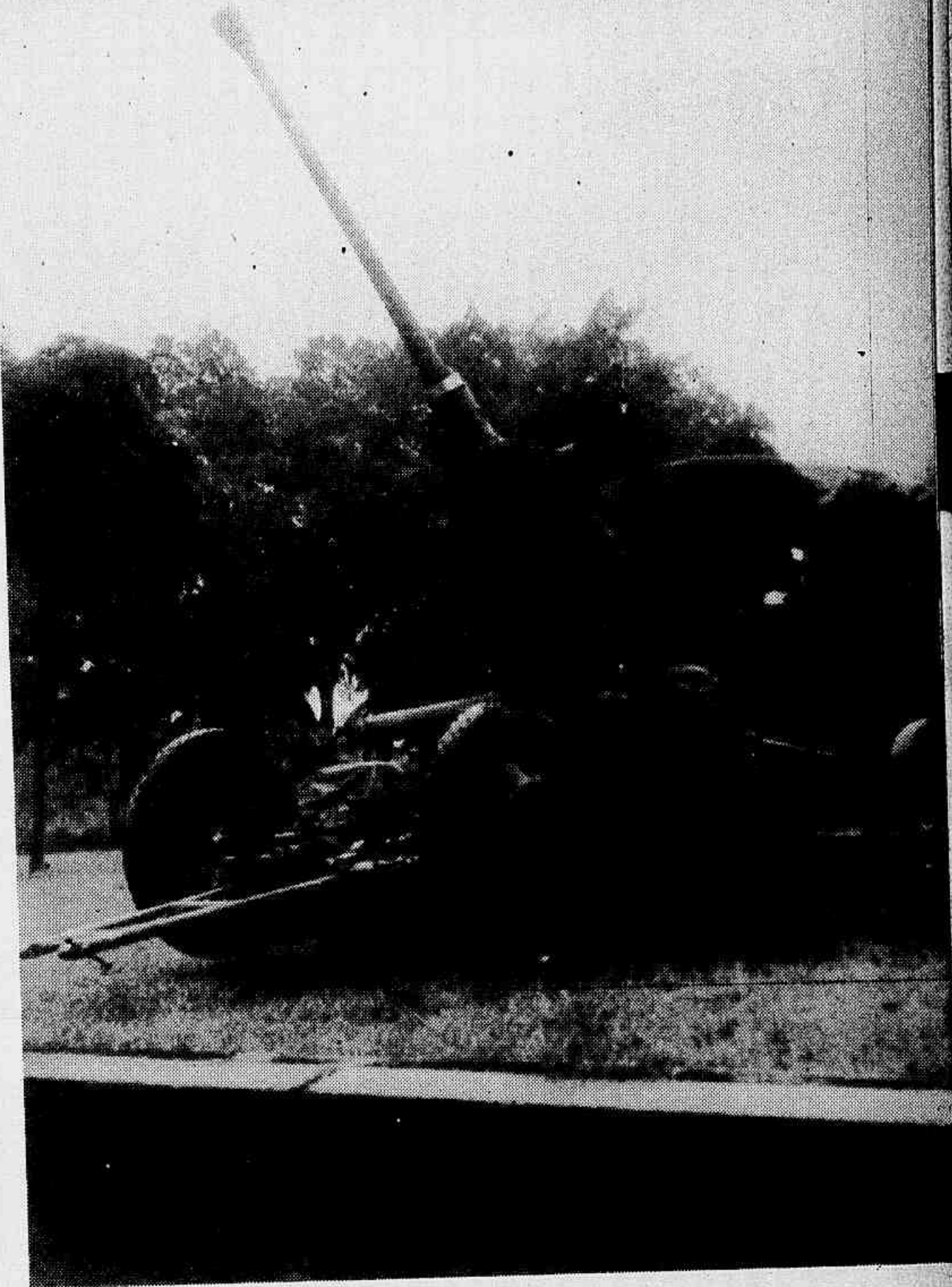
Justamente quando o interpelávamos para breves e significativas perguntas como a que fizemos. Contudo, quando mais ou menos sossegado, procurava fazer ver ao repórter pontos importantes de más interpretações por parte do público que já estava atribuindo todos os acontecimentos ao Ministro da Guerra, que, a seu ver, não eram verdadeiros, conforme veremos linhas adiante.

CANROBERT ESTÁ FAZENDO FALTA

Era ainda dia 21 quando dois coronéis e um tenente-coronel conversavam na ante-sala. Diziam:

— Canrobert está fazendo falta.

— Por que?



FLAGRANTE DA Praça da República nos dias históricos de 11 a 21 de novembro de 1955.

— Ora, o general Lott serviu com ele muito tempo. Ele era do «grupo Canrobert».

— Só não compreendo porque Canrobert nunca lhe deu comando. Estava sempre desempregado. (Desempregado, quer dizer em linguagem de caserna, sem comando.)

— Se o Canrobert estivesse vivo, talvez não houvesse mesmo nada porque ele convencia até as pedras. Tinha um poder de persuasão inacreditável e, além do mais, o general Lott não iria tomar qualquer atitude sem consultá-lo.

— Acredita que esta situação vá acabar em ditadura?

— A gente nunca sabe o que o General tem na cabeça. Ultimamente ele já não conversa conosco, mas, sendo um homem de lei, acho que prestigiará o Congresso.

DIA 22. CAFÉ FILHO PRÉSO EM CASA

Grande era a movimentação no Ministério da Guerra no dia 22. Como de hábito lá estava o deputado Armando Falcão e seu colega Felix Valois. O general Maurel Filho, delicado como sempre, quando vê um repórter coça logo a cabeça, mas não deixa de dar aquele seu sorriso de compreensão. Foi logo dizendo: «Entreguei o inquérito; hoje sou um homem livre... e nada sei sobre outros assuntos...»

O elevador chegou e lá se foi o general Maurel, satisfeito.

Ao cair da tarde já se falava em estado de sítio. Dizia um cidadão em traje civil que o deputado (e coronel) Felix Valois já havia tratado do assunto com os líderes do P.S.D. e P.T.B., e principalmente com o senador Apolônio Sales que estaria encarregado de planejar as medidas necessárias. A idéia dominante no seio dos partidos que constituem a maioria, era sondar os ministros do Supremo Tribunal Federal para verificar-lhes as tendências. Caso fossem pró mandato de segurança para o sr. Café Filho, o presidente Nereu Ramos mandaria imediatamente mensagem à Câmara solicitando a medida extrema. Caso tivessem a certeza de que os ministros não concederiam o mandato, aguardariam a decisão pacificamente. Quanto aos «habeas corpus», nada tinham a opor. Achavam no entanto prudente cercar a Clínica S. Vicente e o quarteirão onde reside o presidente Café Filho, para evitar que ele tivesse contactos inconvenientes...

DOIS ESTADOS PREOCUPAM

Ainda na tarde do dia 22 comemorava-se no Ministério da Guerra a possível rebeldia de dois generais, governadores de dois grandes Estados. Tratava-se dos srs. Zacarias de Assunção e Cordeiro de Farias, governadores do Pará e de Pernambuco, respectivamente. Temia-se igualmente

ONZE DIAS DE PLANTÃO

a reação do sr. Jânio Quadros, razão porque as tropas sediadas em Itu e imediações receberam ordens para ocupar a capital paulista, fato que ocorreu ainda no dia 22.

MOVIMENTO ESTRITAMENTE POLÍTICO

Novamente falamos ao coronel Victor Hugo, que desta vez foi um pouco mais objetivo:

«O general Lott está no firme propósito de não conceder nova entrevista, por enquanto, coisa aliás que eu venho repetindo para você. Mas posso adiantar: o movimento de ontem, dia 21, teve caráter estritamente político. Não foi como o do dia 11, que eu classifico de político-militar. O de ontem quero esclarecer, foi apenas político, nada tendo as Forças Armadas com o mesmo. Tudo o que o Exército fez foi garantir a ordem ou tomar medidas de caráter preventivo. O que sucedeu e está sucedendo foi a pedido de elementos do Congresso Nacional. Estamos aqui para garantir as decisões do Congresso, repito. Nada temos portanto a declarar. Por isso mesmo, após termos cogitado de uma nota à imprensa esclarecendo tudo, achamos que seria melhor que a tal nota fôsse feita e distribuída pelo ministro da Justiça.

— Quer dizer, coronel, que as tropas estão nas ruas a pedido de deputados e senadores?

— Acho melhor levá-lo ao coronel Milton, que está melhor informado sobre o assunto...

Mas o coronel Milton (assistente do ministro Lott) não estava.

«EU MANDO AQUI — ISTO É NOSSO»

O deputado Felix Valois é um homem extremamente simpático e afirma na Câmara ser mais coronel que deputado. Andando de um lado para outro, no dia 22, solicitado por um cidadão que desejava falar ao deputado Armando Falcão, em conferência com o ministro, disse:

«Claro que sim. Eu mando aqui, isto é nosso...»

Mas deixemos de lado o deputado Valois para reproduzir a conversa de dois generais (sabe-se, quando estão à paisana, se são generais, pelo elevador que os conduz) que não conseguimos identificar:

— O Lott já percebeu que está sendo o bode espiatório das medidas de restrição. Acho que ele devia logo declarar que a censura à imprensa partiu do ministro da Justiça com o consentimento do presidente Nereu.

— Você não acha que o Lott está muito preocupado?

— É verdade. Ele sabe que nem sempre um general tem batalhas para comandar. Esta é a oportunidade do Lott, a sua grande batalha que poderá ser perdida perante a história.

— Como assim?

— Em virtude do complexo militar. Ele está lidando com soldados e paisanos e trata a todos como paisanos. Além disso, a Aeronáutica e a Marinha jamais esquecerão o tratamento desnecessário que receberam.

PROMOÇÕES PARA OFICIAIS E SOLDADOS?

Comentavam ainda os dois generais:

— Será verdade essa história de promoções?

— Qual?

— Dizem que o Valois está redigindo um projeto juntamente com o Falcão que objetiva promover ao posto imediato todos os oficiais e soldados que estão tomando parte nos acontecimentos desde o dia 11, perdendo esse direito aqueles que por qualquer motivo se rebelarem contra a «ordem constituída» mesmo depois daquela data.

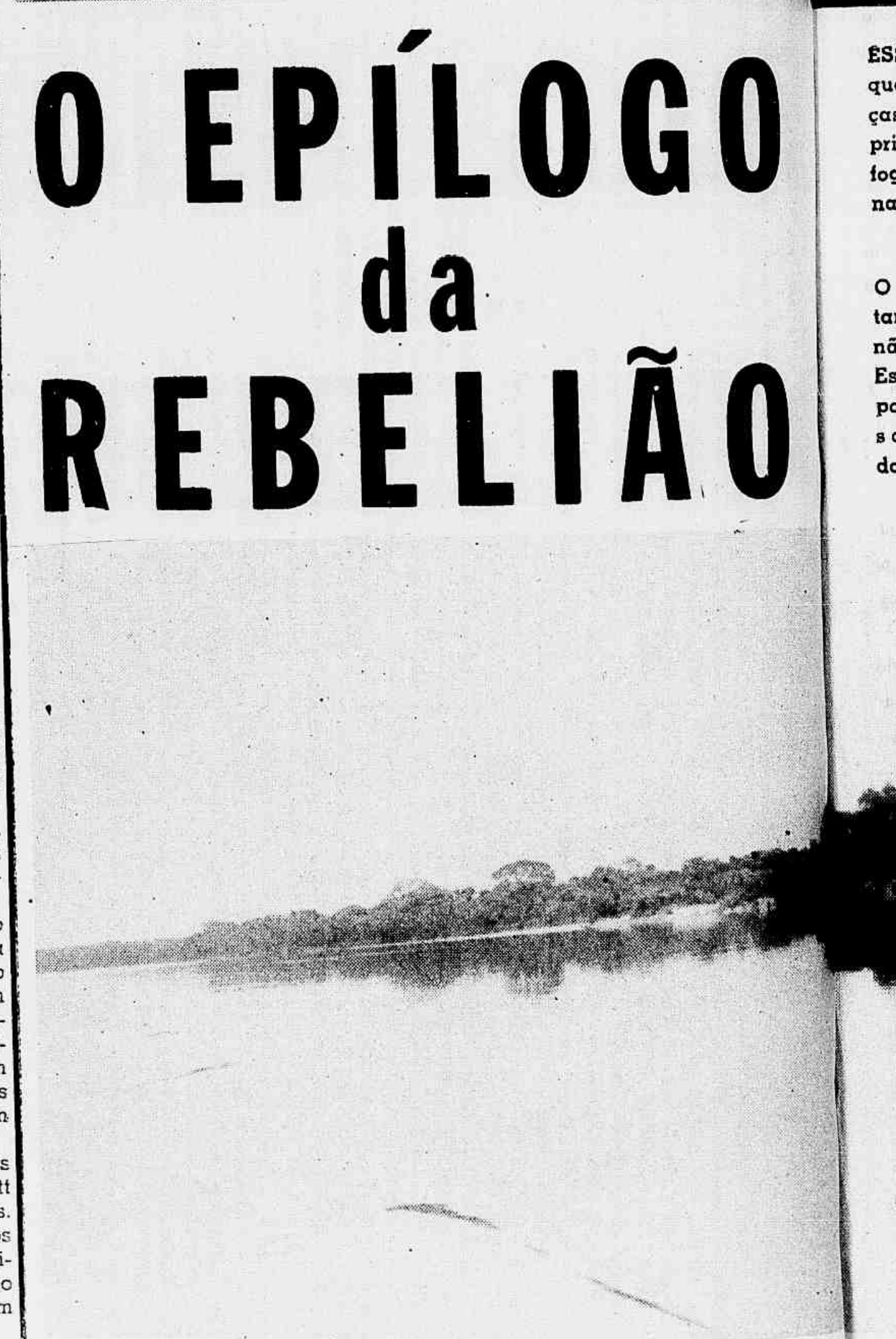
DIA 23, UM AVIÃO FANTASMA

Após mais um dia de observações no gabinete do ministro da Guerra, onde mais uma vez deparamo-nos com o deputado Felix Valois, saímos para vir à redação às 16,25 horas, justamente quando surgiu sobre o Ministério da Guerra um avião bimotor da F.A.B. O aparelho dava guinadas, fazendo com que as guarnições dos canhões anti-aéreos acompanhassem a sua trajetória. Mas o avião sumiu rumo à zona Norte, deixando atônitos alguns oficiais que saíram à sacada do 9º andar para verificar o que pretendia aquele aparelho que sobrevoava zona rigorosamente proibida.

As 17,40 horas, fomos pela última vez ao Palácio da Guerra. Tudo calmo, pelo menos aparentemente. O fato mais grave que se comentava ali, fato aliás sem confirmação oficial, dizia respeito ao desaparecimento dos quartéis de 300 aviadores, em sua maioria maiores que se estariam reagrupando em qualquer ponto do país. Abelhudando sempre o jornalista perguntou se esses aviadores tinham podido sair sem reação. Explicou-nos um capitão que no dia 12, ao serem ocupadas as bases, foram os aviões desmontados e que os que não o foram, tiveram seus magnetos retirados; por isso mesmo os aviadores tinham ido aos grupos, sem aviões, sem que se saiba o que pretendem.

E assim terminou nossa vigília no Ministério da Guerra, após 11 dias de observações, durante os quais constatamos que de fato o general Lott foi o menos responsável pelos acontecimentos que agitaram o país. O P.S.D. e o P.T.B., sim, esses partidos, através de seus contactos junto ao ministro, representando a maioria do Congresso Nacional, solicitaram e obtiveram o afastamento do presidente Café Filho, apelando para a simples suspeição de que esse cavalheiro desejava dar um golpe de estado.

O EPÍLOGO da REBELIÃO





ESSE ÍNDIO mundurucu, aqui visto quando, já aprisionado pelas forças do Governo, se dirigia para a prisão, por vinte minutos manteve fogo contra uma patrulha. Terminada a sua munição, capitulou.

★

O CENÁRIO onde se desenrolaram tantos acontecimentos dramáticos não poderia ser mais majestoso. Essas águas tranqüilas, porém, por pouco que não se tingiam com o sangue de brasileiros, separados por um ódio incompreensível.



CAZUZA, MORTO, no campo de batalha de São Luiz. Ao lado de Veloso e de mais dez homens, tentava ele recuperar o campo de Itaituba, quando foi surpreendido por uma patrulha legalista. Dispondo-se a resistir, foi morto por uma rajada de metralhadora. A propalada anistia, não poderá restituir-lhe a existência.

● **APÓS INÚMERAS** peripécias, através das selvas paraenses, terminou a rebelião do major Veloso, e dos capitães Lameirão e Paulo Victor, com a vitória completa das tropas legalistas. Denunciado por um caboclo, quando exausto e faminto pedira abrigo em sua choça, o major Veloso, cujas aventuras sobressaltaram por mais de uma semana o Brasil, rendeu-se à patrulha que horas depois o veio aprisionar, depois de, infrutiferamente, tentar fazer-se passar por jornalista carioca. Felizmente, não houve o derramamento de sangue que a princípio se pensara ser necessário para a sufocação do movimento. Uma vítima, contudo, pereceu no campo de batalha, atingido nos rins por uma rajada de metralhadora: o lugar tenente de Veloso, «Cazuza», que preferiu morrer do que renunciar, melancolicamente, ao caminho que se traçara. Lameirão e Paulo Victor encontram-se refugiados na Bolívia; Veloso, em poder das autoridades militares, responderá a processo. No entanto, um projeto de anistia, ampla e sem ressentimentos de parte a parte, foi apresentada à Câmara pelo deputado Vieira de Mello. Que venha essa anistia, para que, finalmente, a família brasileira volte à calma e à tranqüilidade que tanta falta lhe fazem, e de que se vê privada há tanto tempo. (Fotos U.P.)

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ TEATRO ★ RÁDIO ★ HUMORISMO

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO

ARTES

JOSÉ ROBERTO



UM DETALHE DA «GUERRA», de Cândido Portinari

NOTAS

...FRANK SCHAEFFER, que há poucos meses regressou da Noruega, onde, a convite do Governo, passou dois anos em gozo de bolsa de estudos, está expondo, na Bahia, uma série de gouaches e desenhos, entre eles muitos dos executados naquele país escandinavo. O catálogo de sua exposição é de autoria do conhecido poeta Wilson Rocha.

...SÉRGIO MILLIET organizou, e o Museu de Arte de São Paulo se incumbiu de apresentar, magnífica exposição subordinada ao título: «A Paisagem Brasileira de 1900 aos nossos Dias». Alguns dos mais representativos artistas do Brasil cuja atividade se desenvolveu no meio século que abrange a mostra, estão nela representados.

...SAO MUITO raros os livros escritos no Brasil, por autores brasileiros, sobre Arte. Por isso, aplaudimos com entusiasmo o livro «Arte Primitiva Brasileira», de Odorico Pires Pinto, em edição da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, tanto mais que é um estudo sério, que vem enriquecer sobremodo a míngua bibliografia existente sobre arte brasileira.

...ESTA NAS livrarias o magnífico «Album de Desenhos» de Portinari, de autoria de Eugênio Luraghi, editado na Itália, e distribuído, entre nós, pela José Olympio. São cento e onze desenhos, vários em cores, acompanhados de um texto especial, em quatro idiomas. O preço é proibitivo.

...«A SELVA», de Ferreira de Castro, vem de ter agora uma bem cuidada edição, com desenhos feitos especialmente por Portinari. Preço da edição: quinhentos cruzeiros.

...AINDA OUTRA notícia sobre nosso maior pintor: por uma semana, o Teatro Municipal expôs ao público os enormes murais presenteados pelo Governo Brasileiro à ONU, subordinados ao título: «Guerra e Paz».

...VOLTOU AUGUSTO Rodrigues da Europa cheio de planos e de idéias novas a serem postos em execução na sua Escolinha de Arte. Há pouco tempo, foi inaugurado, ali, um Curso para Professôras, e já se cogita na sede própria...

...ESTA SENDO realizada em Paris uma «Retrospectiva Maurice Vlaminck», na Galerie Charpentier. Dezenas de óleos, estudos, desenhos e aquarelas do famoso pintor fauve acham-se ali reunidas, atraindo grande número de visitantes todos os dias.

...SEGUNDO A REVISTA «Cónaissance des Arts», os preços dos objetos de arte sofreram uma grande alta, no ano de 1955. Tal conclusão foi tirada das últimas vendas efetuadas no célebre Hotel Drouot. No setor da Pintura, é notável o interesse que vem ganhando, para os colecionadores, os quadros do século XVIII italiano — as obras de Canaletto, Tiepolo, etc., etc. Ainda segundo a mesma revista, o nome vem cedendo lugar à qualidade, isto é, dá-se preferência a um bom trabalho de um pintor sem grande renome, a um trabalho médio de um grande pintor. Outro fenômeno: o século XVII italiano está desvalorizado... Enquanto isso, um Dufy, um Matisse, um Vlaminck, alcançam preços quase idênticos aos de um impressionista da boa época. Eis alguns preços recentemente pagos no célebre Hotel Drouot: por um Canaletto de pequenas dimensões, representando uma vista do Forum Romano, 2.200.000 francos; por um retrato de Vlaminck representando Derain, 4.250.000 francos; por um «Pique-nique» de François Boucher, 10.300.00 francos!

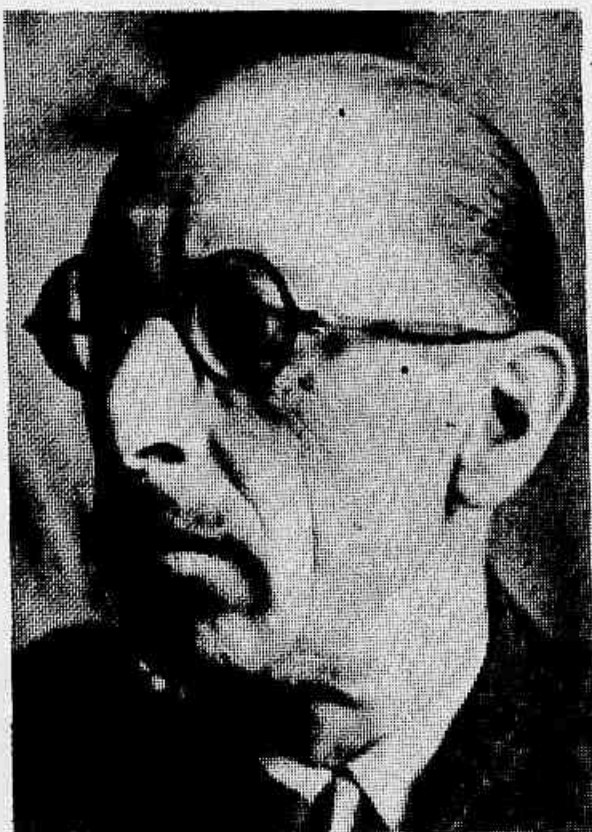
...SEGUNDO os críticos de arte europeus, a grande descoberta do ano foi Cornelis Van Dalem, obscuro mestre do século XVI. Uma grande exposição realizada em Rotterdam, «Tesouros das Coleções Privadas Holandesas», veio revelar a grandeza do pintor, que, ao que tudo indica, em breve passará a ser figura de primeiro plano na história da Arte.

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

O RETORNO DE STRAVINSKY

● No princípio era a tempestade da renovação que lhe arrebatava a alma. A revolta contra o pecado original do romantismo encarnado no diapasão wagneriano. E o desprezo votado ao impressionismo, com o qual sua ebolição criadora não se coadunava. Esta atitude fazia parte da essência do seu temperamento de russo complexado pela visão mirabolante da arte ocidental. Assim, seu mundo girava em torno de um constante desejo de superação. Certo é que a superação veio. E com ela, a celebridade inquietadora do genial compositor eslavo que é Igor Stravinsky. Nascido em 1872, na cidade de Oranienbaum, perto de São Petersburgo, Igor levou uma infância medíocre, sem nada que o recomendasse à glória futura. Quase não dava atenção aos seus estudos musicais, mostrando-se, além disso, rebelde à imposição dos métodos pedagógicos.



razão porque nunca chegou a obter um diploma. Mas aos 19 anos, já inteiramente livre da rigidez dos conservatórios oficiais, procurou aproximar-se dos grandes mestres da época. Em Heidelberg conheceu Rimsky-Korsakov, que mais tarde iria influir consideravelmente em sua formação musical.

● A primeira composição de Stravinsky foi uma «Sinfonia» — a op. 1 — obra de linhas clássicas, concebida num período em que o compositor ainda não dispunha de possibilidades técnicas para materializar suas revolucionárias concepções estético-musicais. «O Fauno e a Pastora» — obra de transição, na qual nota-se uma forte influência do impressionismo à maneira de Debussy — representou o passo subsequente da sua evolução formal. O encontro com Diaghilev o introduziu no mundo do «ballet», estilo de composição mais propício à natureza essencialmente descritiva de sua música. A dissonância de «O Pássaro de Fogo» e «Petruchka» — suas primeiras composições inteiramente originais — já deixava prever o que seriam as produções ulteriores.

Porém, faltava a eclosão de um rumoroso escândalo para lhe cumular a celebridade internacional. Este não se fez tardar, e teve como móvel a estréia de «A Sagração da Primavera», em maio de 1913, no Teatro dos «Champs Elisés». O mundo oficial e artístico de Paris ocupava todos os lugares da famosa casa de espetáculos. Notava-se a presença de Jean Cocteau, de Gabriel D'Annunzio, do pintor Sert, de Maurice Ravel, de Camille Saint-Saens, etc. Para surpresa geral, o novo e esperado «ballet» provocou uma verdadeira onda de indignação: vaias, apupos, protestos os mais extremados, e depois, um silêncio de decepção. Saint-Saens, por exemplo, chegou a se retirar do teatro antes de concluída a encenação.

● Todavia, como já se frisou, foi deste aparente fracasso que nasceu toda a fama e prestígio do compositor. Mas Stravinsky não parou aqui. Ao contrário, prosseguiu na sua vertiginosa carreira em busca do desconhecido musical, de formas mais contundentes e mesmo «irritantes». É assim que, depois de «A História do Soldado» — ballet-pantomima de construção ousadíssima — e da ópera «Mavra», aparece a ópera-oratório «Edipo Rei» em que coros à maneira grega e a relação de estilo clássico, unem-se para integrar uma das mais avançadas criações do compositor russo. No

entanto, consumada a aventura musical, Stravinsky, quer devido à exaustão de suas possibilidades pessoais, quer em virtude da carência de elementos exteriores, conforma-se com a utilização de suas conquistas passadas: nada mais acrescenta ao sentido renovador de sua carreira. A fixação segue-se a regressão. A «Sinfonia Para Instrumentos de Sopro», o «Octeto» para esses mesmos instrumentos, o «Concerto Para Piano» e o «Concerto Para Violino», atestam visivelmente o retorno de Igor Stravinsky às formas «néo-clássicas».

NOTICIÁRIO

Faleceu a 19 de fevereiro último o grande compositor francês Gustave Charpentier, uma das maiores expressões da música moderna. Nascido em Dieuze, a 25 de junho de 1860, e tendo cursado o Conservatório de Lille, Charpentier é responsável por inúmeras composições de notável valor musical. Entre suas obras, as mais conhecidas são: as «Melodias» para as «Flores do Mal» de Charles Baudelaire, «Impressões da Itália», «A Vida do Poeta», e a célebre «Coroação da Musa do Povo», apoteose dedicada ao centenário do historiador Jules Michelet. Entretanto, sua obra-prima é a ópera «Louise», representada pela primeira vez no ano de 1900 e que continua a fazer parte dos repertórios da maioria das grandes companhias líricas. Como fundador e presidente honorário da Federação dos Artistas Musicais, Charpentier sucedeu naquela organização profissional ao seu mestre Jules Massenet.

Em pomposa recepção oficial, o Maestro Eleazar de Carvalho recebeu das mãos da Senhora Marguerite Long, a Cruz de Cavaleiro da Legião de Honra que o Governo francês concedeu ao famoso regente e compositor brasileiro, em homenagem à sua brilhante carreira artística e à obra de aproximação franco-brasileira.

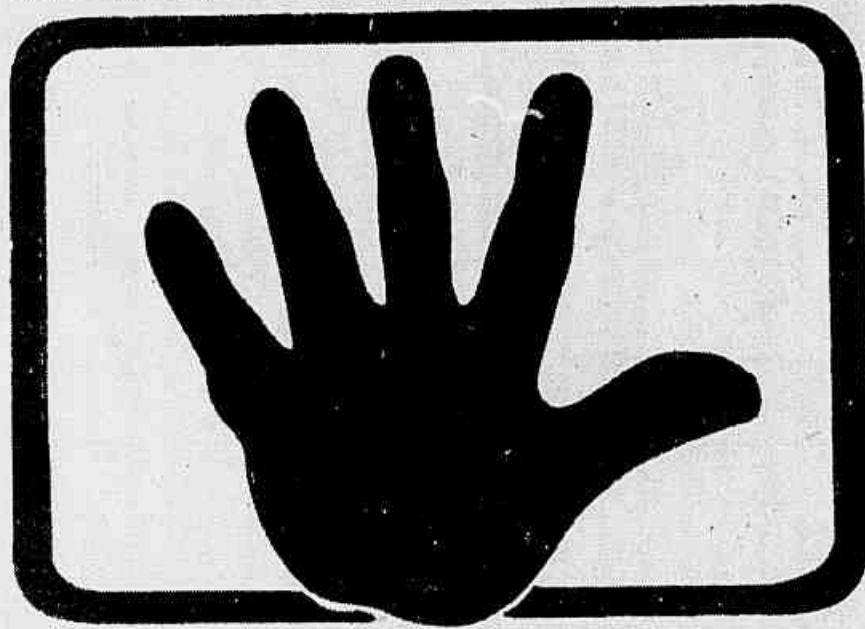
EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

★ AUTOMOVEIS - *mil* - ACESSORIOS ★

si V. tem automóvel
é freqüez da M.L.L.



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 22-6144
42-5563
52-1066

CABELOS BRANCOS...
Envelhecem

JUVENTUDE
ALFANDRE

Faz desaparecer e
EVITA-OS SEM TINGIR



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

LEIAM

ESPORTE
ILUSTRADO

★

TÓDAS AS
QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

CALÇADO

Pinto
RIO DE JANEIRO

Máximo conforto
garantia absoluta

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 18 de março de 1906.

BENJAMIN CARVOLIVA

Do conhecido poeta catharinense Benjamin Carvoliva, publica a «Revista da Semana», em seu número de hoje, dous primorosos sonetos. Foram improvisados no Parthenon Catharinense, então transformado em Estado Maior do Corpo de Segurança, onde o poeta estava, como prisioneiro, em junho de 1894, pela revanche terrível que sobreveiu á revolta de 93, de cujo hymno (musica e versos) elle foi o autor. Carvoliva teve por companheiros, na prisão, os engenheiros Buette e Etienne e o capitão Tobias Becker, que foram passados pelas armas. Outro companheiro seu foi o revmo. padre João Rodrigues de Almeida, actualmente no Rio, e que publicou, n'O Apostolo, a história das perseguições politicas feitas em Santa Catharina, no governo do coronel Antonio Moreira Cezar. No primeiro verso do ultimo terceto do primeiro soneto, o poeta allude a scena contristadora da presença, no Parthenon, de familias, que alli iam visitar seus chefes prisioneiros. O segundo soneto resume a saudade que lhe ia na alma, fonge de sua esposa e fiel amiga, a exma. sra. d. Isabel Dias Bello de Carvoliva, que faz parte da redação do Jornal do Brasil. Benjamin Carvoliva, após os soffrimentos que teve, em consequencia da revolta de 1893, emigrou para o Paraná, onde ainda se acha. (Eis um dos sonetos):

Eu não sinto, querida esposa minha
esta prisão injusta estar soffrendo,
porquanto, antes soffrer não merecendo,
que merecel-a e nem a ter vizinha.

A consciência é calma, não me espinha,
e nesta isolacão, qual vou me vendo,
nem sequer umha nodoa eu estou tendo,
como quando prenderam-me eu não tinha.

O que eu sinto, meu bem, minha querida,
é saber que amarguras tua vida,
porque eu soffro sem ter os teus carinhos

O que eu sinto, meu anjo de virtudes,
é estar privado de sollicitudes,
sem beijar-te e beijar rossos filhinhos.

CORREIO DA REVISTA

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1956.

Prezado senhor Celestino Silveira
Muito me surpreendeu o fato de um repórter do grupo de colaboradores da Revista da Semana, senhor W. Guarnieri, ter publicado, no número 3-21-1-56 dessa revista, uma suposta conversa telefônica comigo. Não me foi possível receber o

referido senhor, a quem, aliás, eu também não poderia dar informações sobre o assunto do pleito reivindicatório do Palácio Guanabara, por razões óbvias nesta fase inicial do processo.

Não tendo havido como disse, aquela mencionada conversa telefônica, acho-me no direito de condenar o procedimento e a falta de

«MISS EL SALVADOR»

(Continuação da página 33)

— E os prêmios, Myriam?
— Seria melhor dizer «o prêmio». Foi um só. A viagem e estada no Rio de Janeiro, pelo prazo de oito dias. Agora, por concessão especial da companhia de navegação, seguirei para S. Paulo, Cataratas do Iguaçu, Assuncion, Montevideu, Buenos Aires, Canadá e finalmente o retorno a Miami.

autores, troca Debussy por «Love is a many esplendorous thing», aprecia Rilke e Rubem Dario. É fã de Edmund Purdom e de Arturo de Cordoba. Não perde um filme musical americano e passa as férias colegiais instalada debaixo de uma barraca em Miami Beach. Seu sonho de criança era tornar-se bailarina. Agora, com 18 anos, sonha de olhos abertos é com casar com um homem honesto, modesto, inteligente e trabalhador. «Viver? Qualquer lugar se torna um paraíso quando se está ao lado dele». Acontece que «ele» ainda não apareceu. (de olho, javiões...)

EMILIA CORRÊA LIMA MERECEIA MELHOR CLASSIFICAÇÃO

Nesse interim, Jenny, irmã de Ana Myriam aproxima-se. Apresentações, pequena palestra. Sem perda de tempo, perguntamos sobre Miss Brasil.

— Pero Emilita es una bela muchacha, muy bela. Foi uma grande companheira, jovial e modesta. Falou-me muito do Brasil, do Ceará e particularmente do Rio, avivando ainda mais o interesse de conhecer sua estupenda terra. Merecia uma classificação melhor ainda. Tinha todos os requisitos para um lugar de grande destaque.

Myriam é meça moderna, filha da geração «Coca-Cola». Nada de clássicos, óperas ou obras célebres. Gosta de ler novelas amorosas, não se interessa por

CARTAS DE UM TABAREO

Amado Compadre.

Rio, segunda semana de março.
Depois de muitas peripécias, em que puz em perigo o meu pobre vulto, ao regressar a esta querida capital, eis-me de novo a dar-te notícias minhas; o que espero fazer com a maxima regularidade, como o fazia antes de me lembrar de te ir ver e mais á comadre e mais aos pimpolhos. Cheguei... Achei a cidade mais esburacada, mais demolida, mais estropiada mais... difícil. Mais difícil, quero dizer, mais impossível de ser transitada; a pé não se pode andar bem; de carro, idem, idem de bonde; muito difícil, como se vê...

Vamos ter ópera nacional, cantorias em portuguez. Faço votos para que os propugnadores da bella idea encontrem o apoio que sempre mereceram d'entre todos os povos cultos os empreendimentos da ordem do que estou tratando. Mas, meu bom compadre, o snobismo do nosso povo lyrico tolerará essa reforma de costume, esse rompimento com a tradição?

Lembranças á comadre e beijos nos pequenos, se não estiverem com os rostinhos lambuzados.

Do teu

Bermudes.

ética profissional dêste seu auxiliar.
Queira o senhor aceitar o meu sincero saudar,

Dom João

A DESPEITO de tudo, confirma o repórter W. Guarnieri a palestra mantida, por telefone, com o príncipe Dom João, não sabendo a quem atribuir o desmentido dêste.

A SEGUNDA MAIS BELA DO MUNDO?

Esta é a dúvida. Não pretendemos discutir com os «entendidos». Ana Myriam é uma garôta bonita, jovem fácil de se encontrar no Arpoador ensolarado de domingo. Modesta e agradável. Não um tipo de beleza excepcional. As fotos que o digam. Talvez por causa do nosso temperamento latino, ela não nos agrade. A opinião é que a nossa Emília Corrêa Lima, a nossa professorainha que o Ceará mandou a Long Beach, deixa Miss El Salvador no chinelo. O leitor que faça a comparação...

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

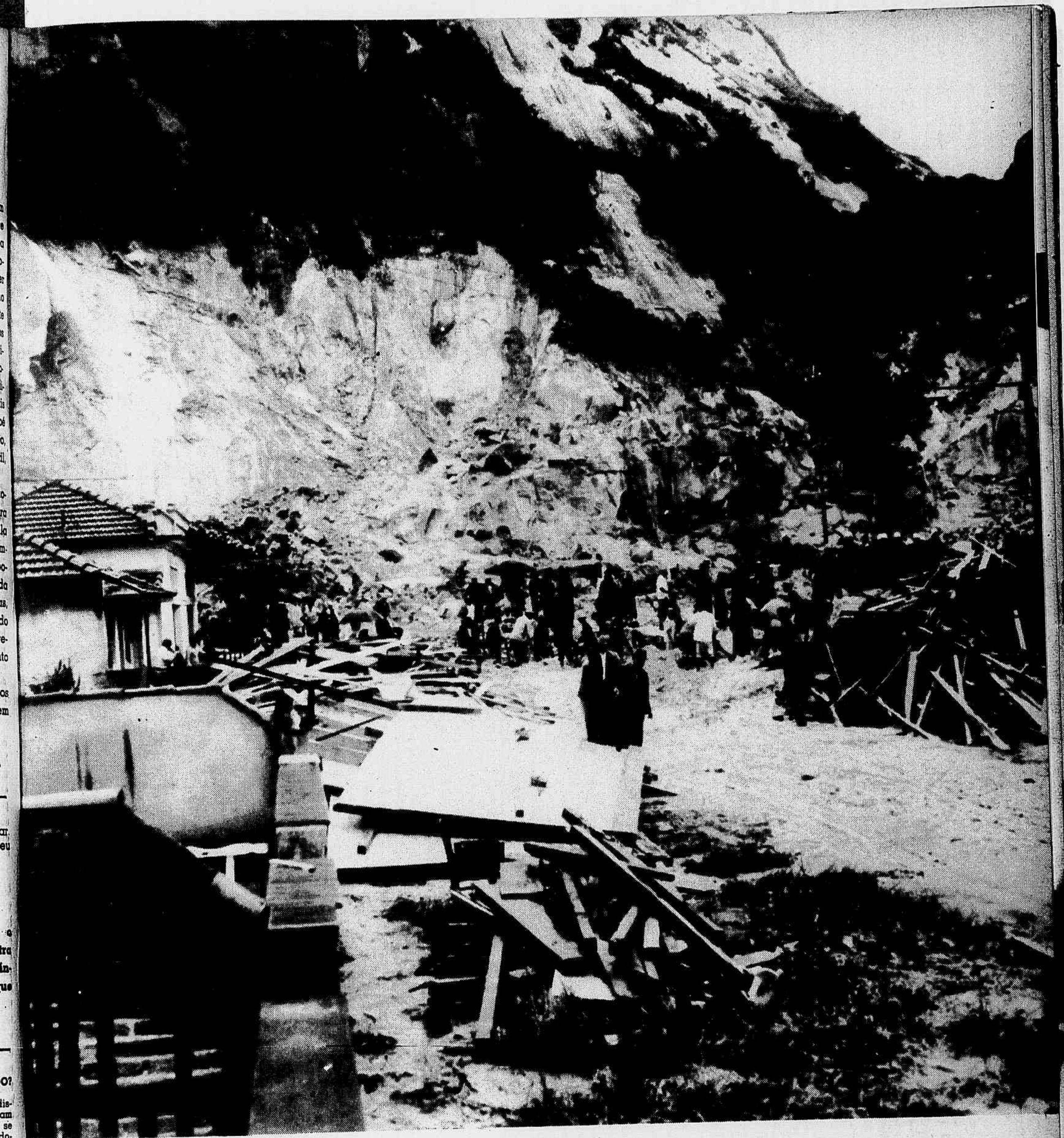


Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa



PELAS ENCOSTAS DO MORRO DE S. TEREZINHA, UMA AVALANCHE DE LAMA ESCORREU, SOTERRANDO SOB SEU PÊSO QUASE CEM PESSOAS.

A TRAGÉDIA DE SANTOS

OS transeuntes que, a caminho de casa ou do trabalho, ou que simplesmente flanavam pelas ruas de Santos, certamente não imaginavam que aquela chuva fininha, que principiara a tombar por volta das quinze horas sobre a cidade, cresceria e haveria de transformar-se em verdadeiro vendaval, que derrubaria casas e arrastaria para a morte dezenas e dezenas de pessoas, em sua maioria crianças e mulheres. Havia muitos anos — quase trinta

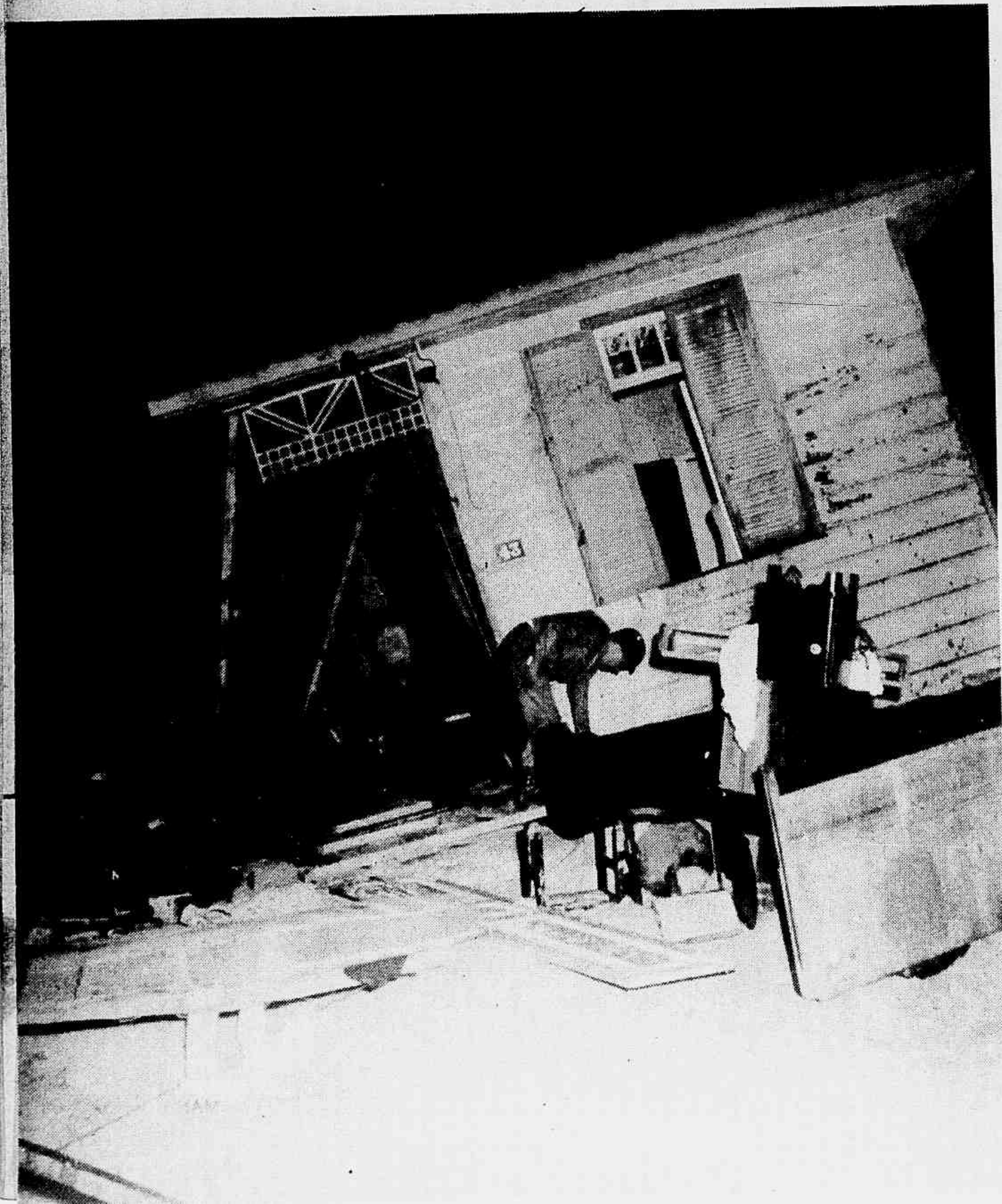
— que o Estado de São Paulo — e com ele o Brasil — não era atingido por catástrofe tão brutal, e de consequências assim calamitosas. Em pouco mais de um minuto, sob toneladas de terra, cerca de trinta casas, dentro das quais se encontravam aproximadamente cem pessoas, ficaram soterradas, num espetáculo indescritível de pânico e de dor. Dia trágico para a população santista.

A TRAGÉDIA DE SANTOS



A VIOLÊNCIA do vendaval que se abateu sobre Santos determinou que parte do morro de Santa Terezinha, no bairro populoso de Marapé, se desmoronasse com fragor, soterrando sob um peso descomunal de terra e lama mais de cem pessoas. Em outros pontos da cidade — em São Bento, Itararé, Monte-Castelo, principalmente — também se registraram desabamentos e mortes. Como fôsse época de maré montante, os canais da cidade transbordaram, causando grandes inundações, que arrastaram pessoas, e até mesmo automóveis, para os boeiros. Uma criança, roubada pelas águas, encontrou morte horrível num sorvedouro. Um operário, ao voltar para casa, dela só encontrou os escombros enlameados, e sobre eles, a boneca que dera, pelo Natal, de presente à filhinha: a espôsa, o cunhado e a sogra, as filhinas, todos, absolutamente todos, tinham perecido na catástrofe. Como essas, inúmeras outras cenas de dor ocorreram. A cidade em peso se mobilizou para prestar os primeiros socorros às vítimas da hecatombe. O prefeito da mesma, senhor Antônio Feliciano, e o governador de São Paulo, Jânio Quadros, vindo especialmente da capital, percorreram, emocionados, os locais em que os prejuízos e as mortes foram mais numerosos. Por estranha e trágica coincidência, há vinte e nove anos atrás, mais ou menos por essa mesma época, Santos fôra palco de outro grande desmoronamento, o de Monte Serrate, que causara aproximadamente o mesmíssimo número de vítimas.

O GOVERNADOR esteve percorrendo, em companhia do prefeito de Santos, as zonas atingidas pela catástrofe (foto ao alto). À direita e abaixo, duas mostras de como ficaram as casas do bairro de Marapé, o mais atingido pelo tremendo anti-ciclone que varreu a cidade de Santos. Mais de 30 casas e cerca de cem pessoas, em menos de 1 minuto ficaram sepultadas no oceano de lama.





ÚLTIMO FLASH



● **FLAGRANTE APANHADO** em Santarém quando terminou o episódio de Jacaré-Acanga. O major Haroldo Veloso está prêso, mas já se apresenta refeito dos dias de luta durante a sua rebelião na selva amazônica. Tem o ar tristonho dos vencidos. Tratado com urbanidade pelos companheiros de farda, tudo indica que a anistia anunciada fará com que o seu ato de rebelião, que feriu a lei e os regulamentos, não lhe prejudicará a carreira. Afinal ele dirá que serviu à Pátria, como dirão outros que também arranharam as instituições. Por isso, a anistia será para todos. É uma solução para acalmar os ânimos. (Foto U.P.)

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGENCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 11 — Rio de Janeiro — 17-3-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A candeia lançava sobre os jogadores uma luz amarelada, muito trêmula, e a fumaça, levada para todos os lados pelo vento agudo que passava, tinha um cheiro atordoador de mamono ainda verde. Ao redor da mesa de jacarandá, que a velhice deixara bamba e toda negra, viam-se Antônio Cuba e o Venceslau, o Craro e o Chico Prequeté, cada qual mais tupina e mais prosa no truque. O Antônio Cuba, dono da casa, dizia, a cada passo, que até sentia vexame de dar sova tão grande, como ia dar, no Prequeté e no Craro, mas que, enfim, quem entra na chuva é para se molhar. E o Prequeté, seco-na-passoca para um falseio, roncador que nem còi-cõi, sepondia-lhe, muito sério, que quem vai dar leva saco.

Antes de começar a primeira mão, o Cuba gritou à filha, a Ismena (aquilo é que era caboclinha linda!)

— Traga uma luz aqui, minha filha, aquela garrafa branca! Senão esta gente desconfia duma vez comigo, que nunca mais me deixa estribar!

Veio a pinga, uma pinga zangada, de trazer água aos olhos e um pigarro teimoso à gargan-

ta. E, enquanto a Ismena acendia o fogo para o café e a queimada, correu-se a primeira mão. Não houve coisa de maior: o Craro e Prequeté ganharam no empate, com jeito frio, sem uma palavra ao menos.

Mas já na segunda mão principiou o calor, dizendo o Venceslau:

— Ora, o primeiro milho é dos pinto'...

— É dos pinto'? — perguntou o Prequeté. Pode ser também dos galo'!

A vaza foi do Cuba, que matou um três com o sete-ouros.

— Eu sou pé, e não sou qualquer! Agora, agüente o repuxo, parceiro!

Na outra vaza, apareceu logo um dois do Prequeté:

— Eu sou todo seu tou-lhe ajudando já, seu Craro!

Mas o Venceslau cortou os dois de golpe:

— Aqui não passa cachorro magro!

O Craro bradou entusiasmado para o Cuba:

— Componha a sua casa, p'ra mim dar uma diligência!

O Cuba, entretanto, prudenciou:

— Bamos embora, Venceslau? Trucar de falso, chamar com elas!

Desenho de MARIUS

TRUQUE

O Cuba foi mão. E encheu o pescoço: — Vocês já tenham a primeira e a segunda, e tão ganjentos, não é? Pois eu vou acabar c'o seu gas de repente! Lá vou eu, seu Chico, e vou tinindo! Rebôco de igreja velha! Esteiro de bexiguento! Espirro de lambari! Já tá c'a pacueira batendo?

O Prequeté afastou o banco: — Ué! tou esperando o baque! Se você tiver corage, e não quiser topar c'a ronda, fale! Bamo ver quem é que tem mais peito!

— Pois então truco mesmo!

— Caia!

A carta do Cuba era a espadilha. E o Prequeté ergueu-se, bateu o chapéu na testa, arrastou os pés no assoalho, fez um barulhão:

— Você já sai coiração-de-negra, e bufa de mão, só p'ra abichornar a gente? Antão é tudo ou nada: 'tava seca a manilha, seo poaia? Ora, vá com seis!

— Agora é lá p'ra diante — disse o Cuba. Eu fui adonde vão os bom, p'ralém não posso! Como é, companheiro, você quer ver os home 'inda mais perto?

O Venceslau afirmou que o Chico era baixo para estourar a espadilha:

— Home', quer saber o que mais? Eu, por mim, chamava.

— Se o meu parceiro chama, eu não descha-mo — concluiu o Cuba: derrube essa frieza de carta!

Era uma sota! Mas o Cuba e o Venceslau ficaram meio murchos, porque a sota do Craro era guia de sete-copas no corte passado. E não houve picana, tudo foi na ordem: só se tivesse acontecido algum extravio não se achariam mais juntos aqueles dois perigos! O Venceslau pôs na mesa uma carta branca, a do Prequeté foi um ás vermelho, e entrou precedido de licença. Cuba voltou com um seis, o Venceslau apertou o Prequeté com um dois, o Prequeté desceu um três, o Cuba cortou de zápete.

Houve uma flauta por parte dos contrários: — Aquêles três rancou tudo, não, seo Cuba? E com que dor de coiração! Lá se foi tudo quanto Marta fiou! E o zapé' rompeu sem brado de arma!

O Venceslau, entretanto, afirmou de cabeça levantada:

— Antão? Mostraram uma carta d'este tamanho, não mostraram?

O primeiro jogo foi do Craro e do Prequeté. E o Cuba fez zombaria:

— Se pinto come primeiro pire' pode comer também o premeiro prato! Depois é que vocês vão ver que birimbau não é gaita!

O baralho estava com o Venceslau, que trouxe as cartas e o entregou ao Craro. O Craro cortou de sóco, mas uma carta desprendeuse virou de costa, apresentou à companhia a cara barbuda do rei de paus. E o doador de cartas gulhofou às direitas:

— Pingou, perdeu! Inda mais que você buliu certinho nas veneneira 'tôda! Pode ajuntar a traxa, que aí vem chuva! Eu intê nem quero ver as minhas; a mó' que já 'tou passando a mão no zapé e na sete-ouro', e o parceiro na sete-copa' e na espadilha!

O Chico Prequeté bateu um três com força, e ainda andou esfregando pelas mãos do Cuba, que pegou a rir-se:

— Ora venha onté! Isso não é chuva p'ra quem tem ponche! Arrecolha êsse três e jogue coisa que sirva!

— Você não pode co'ê! 'ta fazendo grandeza à-toa, agora! Se você for gente, pise diante dêsse três!

— Olhe que eu piso e piso bem!

— No frigar dos ovos é que se vê a manteiga que sobra.

— A vista dos autos, truco! Adiante e atrás! Diga por que não quer!

O Craro disse de golpe:

(Continua na página 47)



3 MATILDE SERAO, cujo centenário de nascimento esse ano se comemora, viu a luz do dia em Petras, na Grécia. Porém, passou grande parte de sua vida em Nápoles, como jornalista e dona de jornais e revistas. Sua obra de ficção é grande, e desigual. A despeito de seu amor pela Itália, Matilde Serao não perdeu as características que a tornaram um dos mais aplaudidos e considerados autores de romances de sua Grécia natal. Escreveu quase sempre em italiano. «Il Paese di Cuccagna», escrito em 1891, é considerado o seu livro de maior sucesso.

— | —



QUELE dia, Guy apresentava o aspecto de um homem feliz: a fisionomia calma, os olhos brilhando, um sorriso nos lábios, uma atitude atenta e despreocupada ao mesmo tempo. Acabava de voltar de um banquete político — em casos semelhantes, o vocábulo «jantar» é por demais «vulgar» —, ao

fim do qual, já pela sobremesa, explicara minuciosamente a seus eleitores seu programa. Os aplausos tinham sido unânimes. Tanto o paladar do cozinheiro, como o «champagne» e o programa político tinham sido julgados excelentes: a eleição estava assegurada. Mais tarde, durante um baile, Guy deveria encontrar-se com a baronesa Estefânia, um pedaço de gelo que havia um mês aguardava qualquer pretexto para liquifazer-se; talvez, durante uma valsa de Berger, ou após uma poética visita ao «buffet», o pretexto tão desejado se apresentasse por si mesmo: a misericórdia divina é tão grande!... Assim, tendo coordenado seus afazeres políticos e amorosos, Guy recolhia-se por pouco mais de uma hora a seu leito, a fim de dormir um pouco — tal qual Napoleão à véspera da batalha.

Contudo, José, velho e fiel servidor, dêses que ainda se encontram, cada vez mais raramente, por aí, José continuava respeitosamente de pé diante de seu patrão, e em sua face lia-se o desejo de dizer qualquer coisa que fôsse.

— O que há? terminou perguntando Guy.
— Peço-vos muitas desculpas, mas... Desejaria dizer-vos...
— Diga logo, homem!
— Não vos recordais da data que hoje transcorre?
— Não, José, não!
— Pois é hoje o vosso aniversário...
— Ah! disse simplesmente Guy, cuja fronte se desanuviou repentinamente.

E o candidato à deputação e ao coração da baronesa Estefânia ficou algo perturbado, ao ver que, no dia de seu aniversário, apenas o velho criado da família se lembrara de trazer-lhe algumas flores. Contudo, essa pequenina emoção passou em poucos momentos, pois, antes de tudo, Guy era um homem de espírito, e os que têm a grande oportunidade de pertencer à essa honrosa e diminuta classe de gente têm o direito de emocionar-se algumas vezes, contanto que sejam breves em sua emoção, e não a dêem a conhecer aos que os rodeiam, mediante um eterno sorriso nos lábios.

— Vou deitar-me um pouco, exclamou ao fim de alguns momentos Guy. Tu me despertarás por volta das sete e meia.

— Seria mais interessante que o senhor não dormisse...

— Porque, homem de Deus?
— Porque, hoje de manhã bem cedo, apareceu por aqui uma senhora. Quando soube que o senhor tinha saído, disse-me:
— «Muito bem; então, quando ele voltar, diga-lhe que voltarei por volta das seis horas; que ele me espere, pois preciso dizer-lhe algo muito importante».

E desapareceu.
— Está bem. E o nome, não deixou por acaso?
— Não quis decliná-lo.
— Hum!... Um caso assaz estranho... alguma andorinha em fuga. Foi Jerônimo quem a recebeu?

— Sim, patrão. Eu não estava, no momento.
— Disse-lhe ele acaso de que... se tratava?
— Não. Disse-me apenas que se tratava de uma jovem alta, morena e muito elegante.
— Assim está melhor... Minha curiosidade se aguça. E achas acaso, meu bom José, que essa desconhecida valha a pena de alguns momentos de sono perdidos?...

— Bem, são quase seis horas. Se essa senhora é pontual, o patrão não terá mais tempo nem de deitar-se sobre o leito.



Uma intervenção

— Outrora, a essa data, havia flores por todos os cantos...

— Mas na atualidade, elas desapareceram, acrescentou Guy, em tom ligeiramente melancólico.

— Mas não de todo, disse o velho criado, ao mesmo tempo em que designava, com um gesto acanhado, uma braçada de flores, abandonada sobre uma velha cômoda.

— Quem as enviou? perguntou o jovem político; mas, olhando para o rosto do velho, e sorrindo, logo compreendeu tudo: Foste tudo, José?

— O senhor há de desculpar...

— Mas não há nada a desculpar. Agradeço-te tuas flores, que me trouxeram uma grande alegria.

— Pois bem: façamos um sacrifício à Deusa Desconhecida! José dá-me alguns jornais. Espere-la-ei lendo um pouco. Ela é alta e morena... Estefânia é ruiva. Pressinto certos bons momentos de diversão...

Aqui, as leitoras erguerão os olhos da página, pensando que Guy ameaça tornar-se um Don Juan: nada menos exato. Não digo que, lá por volta de seu vigésimo aniversário, seu coração não fôsse capaz de amar três mulheres ao mesmo tempo; porém, uma grande paixão depois tomara conta de sua vida — paixão que o absorve inteiramente. Depois, por uma série de circunstâncias infelizes, essa grande paixão se desvanecera como um castelo de cartas, e tudo ficara esquecido, arquivado entre as fôlhas do passado. Depois de dois anos inutilmente pas-

sados na esperança de fazê-lo esquecer dela, Guy retomara afinal sua vida de rapaz, às vezes pontilhada de alguns casos amorosos aqui ou ali — casos que não passavam de fogos de palha.

— Senhor, senhor! (era a voz de José, que voltara perturbado).

— Ela já chegou?

— Está lá em baixo, no salão.

— E tu acaso a reconheceste?

— Não, não... não a conheço, retrucou o criado, algo emocionado.

Mas já o rapaz estava próximo à porta, em cujas proximidades se deteve alguns instantes, para contemplar a visitante. Essa estava de pé,

próxim
ça, u
costa
não s
ciosa
últim

passo

Ela
então
que,
var-s

em
saud

posi

men

cou

A
Emo
fôro



próximo a uma mesa, e folheava, com indiferença, um velho álbum de fotografias. Estava de costas para a porta de entrada, de maneira que não se via outra coisa senão sua silhueta graciosa, esbelta e vestida de um longo vestido no último rigor da moda.

— Madame... disse Guy, avançando alguns passos.

Ela virou-se rapidamente. Guy experimentou então uma como descarga elétrica, tão grande, que, para disfarçar seu espanto, teve de encurvar-se em uma grande saudação.

— Não o incomodo, talvez? perguntou-lhe ela, em tom aletado, após haver correspondido à saudação.

— Absolutamente, senhora. Estou à vossa disposição.

— Pior para o senhor se isso foi um cumprimento. Estou disposta a aproveitar-me do fato.

— Correrá tudo por meu risco e conta, retrucou Guy, sorrindo. Sou todo ouvidos.

A mulher (que, aqui entre nós, se chamava Ema), acariciou um pequeno lapso de tempo o fôro de seu casaco; parecia segura de suas

idéias, porém, procurava ainda uma forma mais direta de expressá-las. Guy a examinava. Era ela mesma, sempre bela, sempre sedutora, tal qual como a havia visto no primeiro dia, até mesmo (êle assim a via agora) um pouco mais completa, mais perfeita. O perfil, puro sempre, adquirira certa firmeza, certa decisão, que antes não possuía; a pele, algo pálida, se colorira de ligeira nuance rosada; os olhos, que dantes eram vivos, tinham adquirido uma expressão profunda: essa mulher tinha vivido e sofrido.

— O senhor acaso já representou em alguma comédia?

— Sempre...

— Muito bem. Acho que lhe fiz uma pergunta inútil. Amanhã, o senhor novamente representará em uma. Advirto-o, porém, que o papel é difícil, e que o sucesso será muito penosamente conquistado.

— Tudo depende dos atores, e do público.

— O senhor me terá como **partenaire**.

— Então? Bem conheço seu valor.

— Na arte de magoar?

— Na arte de representar comédias... Será um provérbio?

— Sim, mas sem nenhuma moralidade por conclusão. A moral está contida na própria apresentação. Trata-se de uma obra de benemerência.

— Na qual a senhora colabora?... fez Guy, cheio de ironia.

— O que quer dizer?

— Que a senhora é muito caridosa, mesmo, mas que eu ainda não compreendi coisa alguma...

— Espere! E' verdade que ainda se corresponde com meu pai?

— Sim, mas há cerca de duas semanas que não recebo d'ele nenhuma carta.

— Eu, pelo contrário, recebi uma ontem. Diz que está bem de saúde, e que chegará amanhã, no trem das dezenove horas.

Dessa vez, Guy não conseguiu reprimir a tempo sua surpresa:

— Amanhã?

— Sim, amanhã.

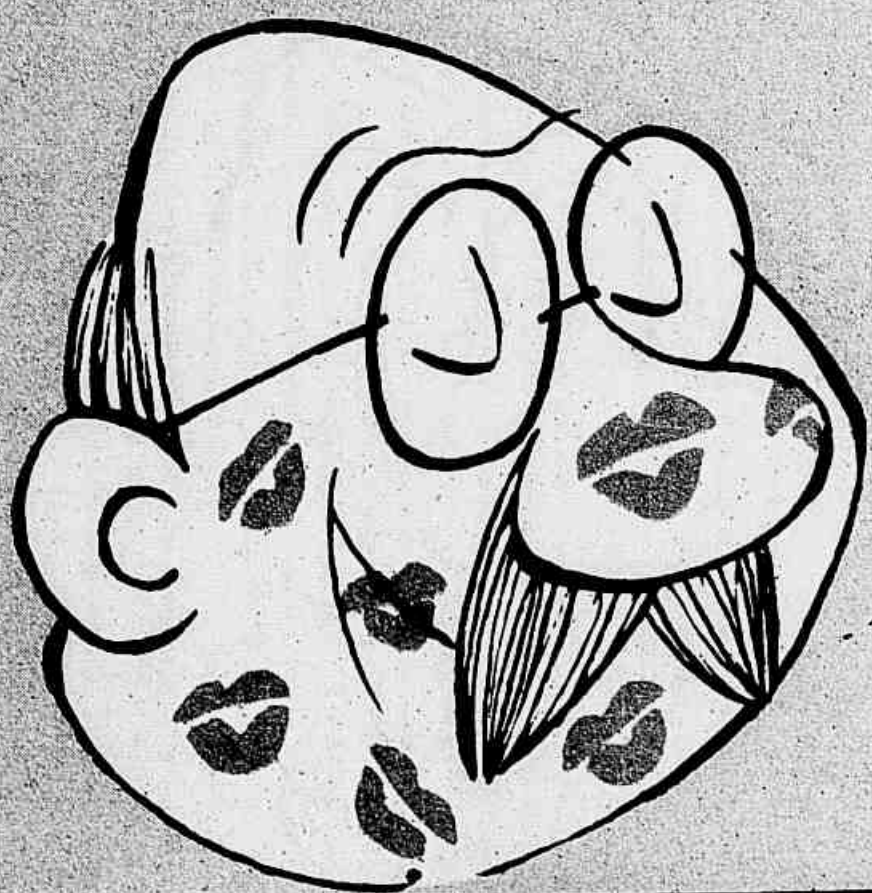
— Porém, seu pai nunca viaja...

(Continua no próximo número)

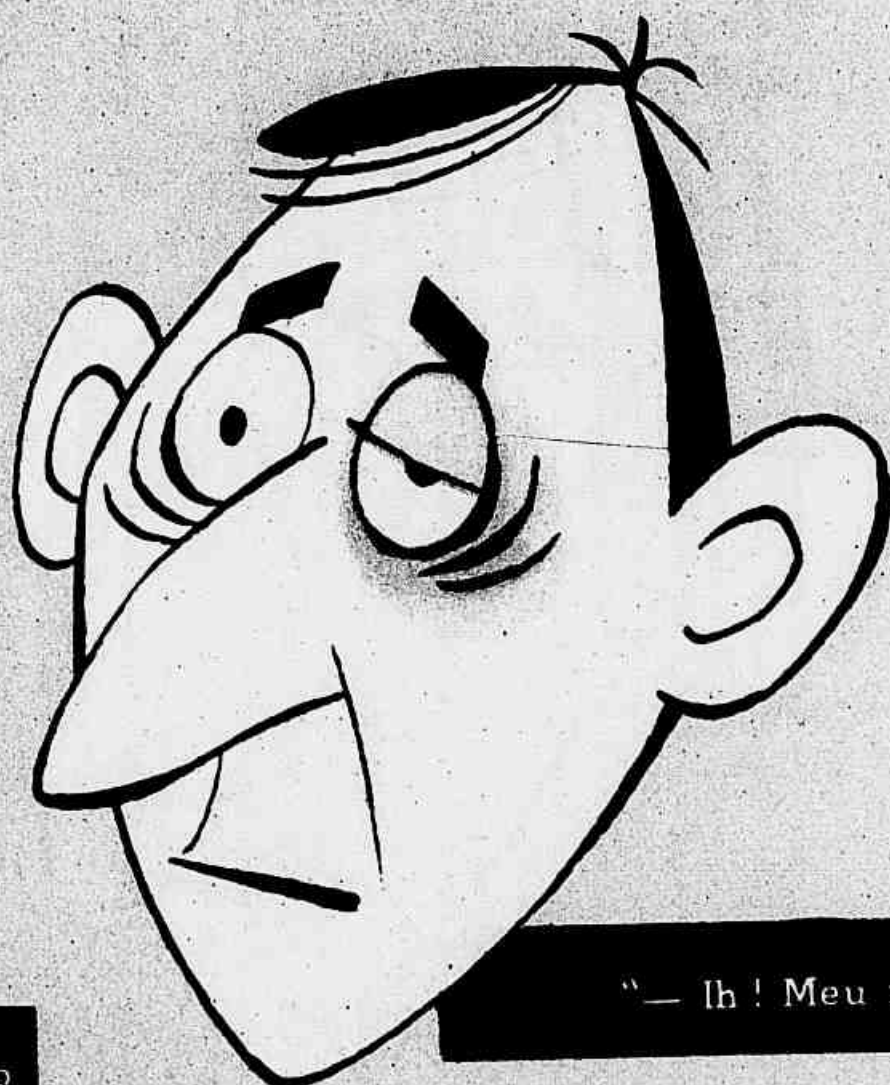
FORTUNA (lavando o rosto) **APRESENTA**

A marca da Mulher

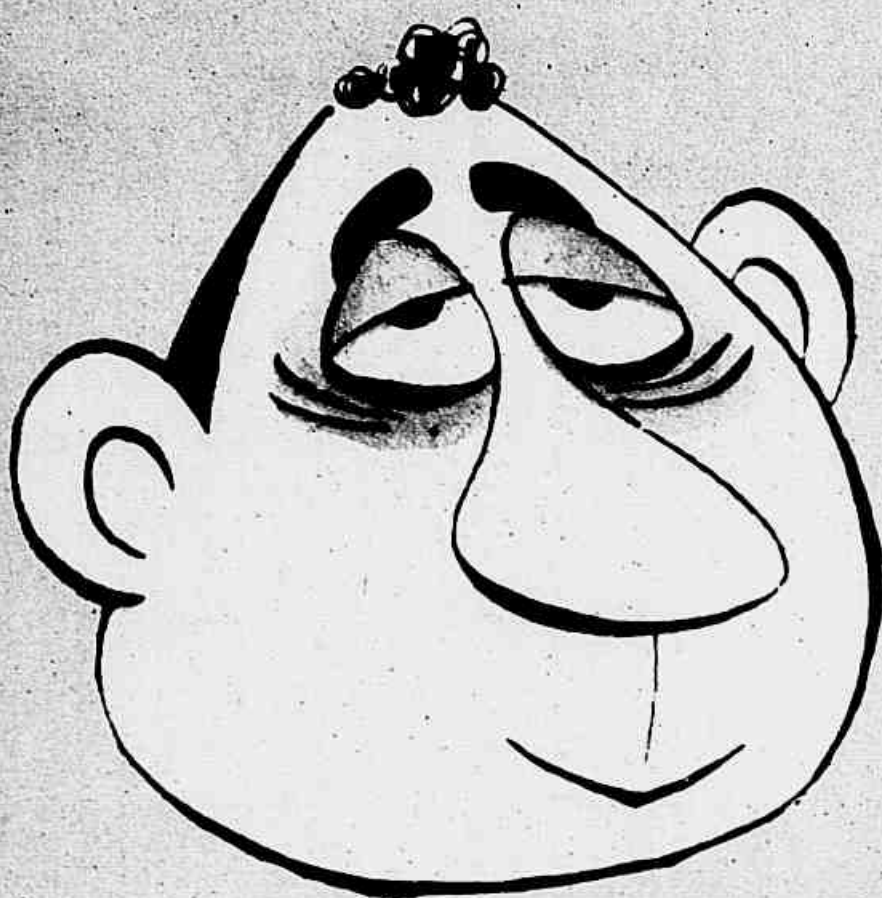
Estudo de topografia facial, onde se prova que o comportamento feminino se reflete sempre no rosto dos homens



— Oh, querido, você trouxe mesmo
polur!”



— Ih! Meu marido!”



— Não pensava, Joãozinho, que lua
de mel fôsse tão infernal”



— Por mim, a
gente ia para uma
praia, querido, mas
já que você pre-
fere estação de
águas “



"— Adivinha, Anastácio, com que raspei aqueles cabelinhos horrorosos das pernas!"



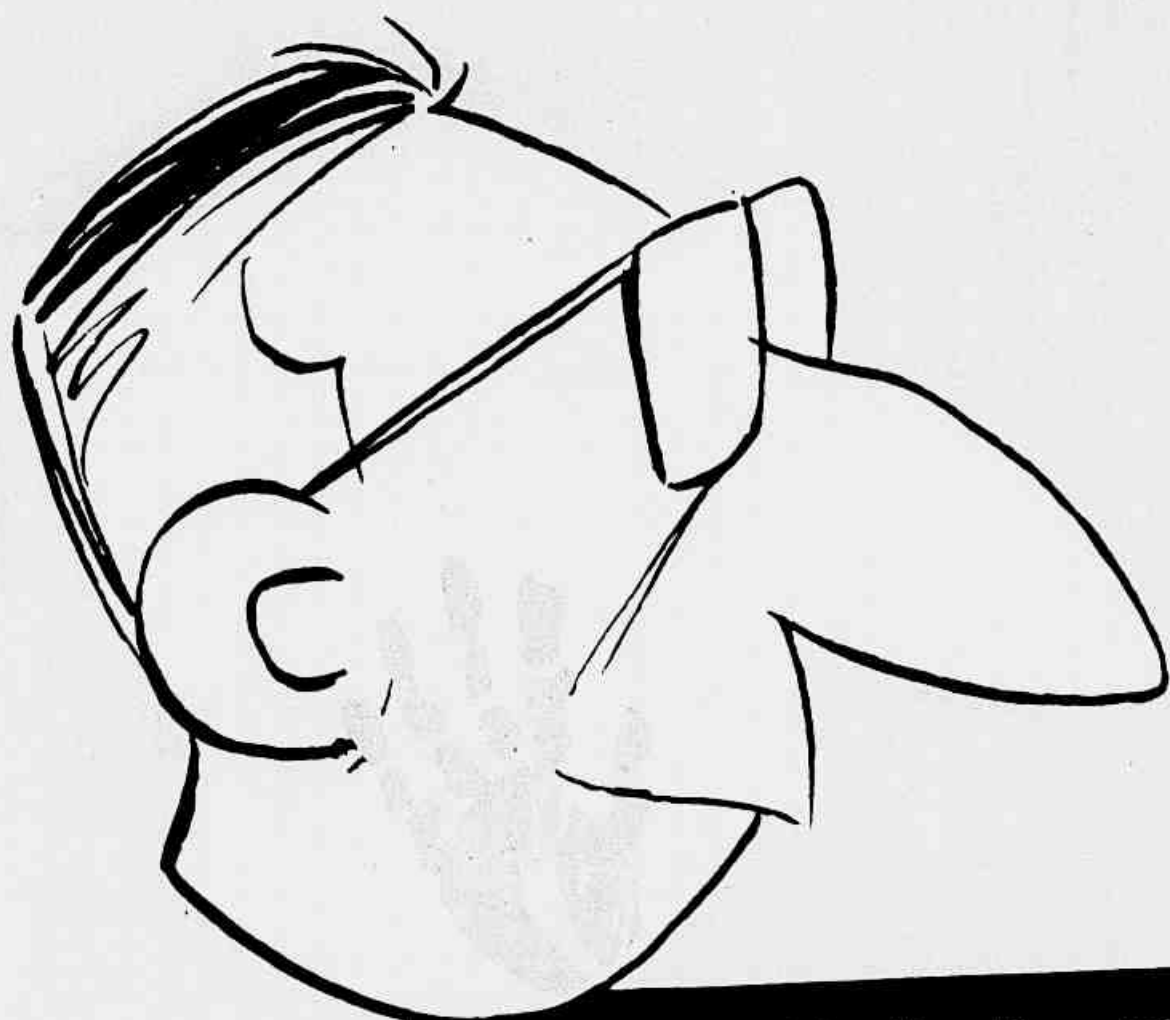
"— Ih, você está pavoroso sem bigode! Só volte quando ele tiver crescido de novo."



"— Aí você tem que entrar e subir, filho. Vou deixar a luz apagada que é pra ninguém ver, tá?"



"— E agora, Joca? Esqueci de trazer o abridor de garrafas para o piquenique!"



"— Sim, patrãozinho, já estão prontas as cópias a carbono."

ASSALTANTE



PROCURADO
PELA POLÍCIA

"—...só se você me trazer um casaco de peles, um anel de brilhantes, uma coisa assim..."



– *Tem razão...*

estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

